



Governo do Estado de São Paulo
UGE - Unidade de Gestão Estratégica
Controle de Informações do Documento

Autores:

Título/SubTítulo: SEGURANÇA PÚBLICA : DADOS E REPORTAGENS

Obs.: São duas pastas contendo:

- 1- Delegados de polícia – início de carreira
- 2- Delegados – tabela atual
- 3- Vencimentos de outros estados
- 4- Salários médios (maio/1997)
- 5- Salário do Ministério Público
- 6- Comparativo das médias dos salários da Polícia Militar
- 7- Comparativo Delegado de Polícia – Gov. Maluf e Gov. Covas.
- 8- Evolução dos salários dos policiais civis – Gov. 1997-1998
- 9- Comparativo das médias dos salários da polícia militar
- 10- Polícia militar – comparativo gov. Maluf e Gov. Covas
- 11- Evolução dos salários dos policiais militares – governos 1979-1998
- 12- Polícia militar e polícia civil – gov. Maluf e Covas
- 13- OESP: principais processos judiciais, 06/05/1998
- 14- JT: A polícia insatisfeita, 01/12/1980
- 15- JT: Sou oficial há muitos anos... 08/10/1980
- 16- Polícia Civil – servidores ativos, Maio/1998
- 17- Polícia militar – oficiais e alunos da academia e não oficiais, Maio/1998
- 18- JT: Maluf dá trote para testar o 190 (anexos: ofício do governador ao secretário da segurança pública, 09/06/1998
JT: Falsa chamada rende até 6 meses de prisão / Capitão fica irritado com o trote. / Ex-governador diz que, em sua gestão, a polícia tinha dignidade, 10/06/1998
- 19- Programa de Governo Mário Covas para área de Segurança Pública: relatório (ofício encaminhado pelo Secretário interino Luiz Antonio Alves de Souza), 14/04/98
- 20- Mensagem de Marco Vinício encaminhando: Revista Newsweek de 20/04/1998 e Revista U.S. News de 25/05/1998

Edição/Versão:

Local de Publicação: São Paulo

Editora:

Data:

Título do Periódico	Entidade	Local	Ano/Volume/n.º	Data
----------------------------	-----------------	--------------	-----------------------	-------------

Abstract:

Descritores: ELEIÇÕES

Localização/Pasta: CAMP

Nº da Pasta:

Nº do Doc: CAMP65

**SEGURANÇA PÚBLICA – DADOS E REPORTAGENS
ÍNDICE**

- 1 DELEGADOS DE POLÍCIA – INÍCIO DE CARREIRA
- 2 DELEGADOS - TABELA ATUAL
- 3 VENCIMENTOS DE OUTROS ESTADOS – DOC. DO FÓRUM
- 4 SALÁRIOS MÉDIOS (MAIO/97)
- 5 SALÁRIOS DO MINISTÉRIO PÚBLICO
- 6 COMPARATIVO DAS MÉDIAS DOS SALÁRIOS DA POLÍCIA CIVIL
- 7 COMPARATIVO: DELEGADO DE POLÍCIA – GOVERNO MALUF E GOVERNO COVAS
- 8 EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DOS POLICIAIS CIVIL – GOVERNOS: 1979-98
- 9 COMPARATIVO DAS MÉDIAS DOS SALÁRIOS DA POLÍCIA MILITAR
- 10 POLÍCIA MILITAR – COMPARATIVO GOVERNO MALUF E GOVERNO COVAS
- 11 EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DOS POLICIAIS MILITARES – GOVERNOS: 1979-98
- 12 GRÁFICOS – POLÍCIA MILITAR E POLÍCIA CIVIL: GOVERNO MALUF E GOVERNO COVAS
- 13 ESTADO DE SÃO PAULO, 06/05/98 - PRINCIPAIS PROCESSOS JUDICIAIS
- 14 JORNAL DA TARDE, 01/12/80 - A POLÍCIA INSATISFEITA
- 15 JORNAL DA TARDE, 08/10/80 – SOU OFICIAL HÁ MUITOS ANOS ...
- 16 POLÍCIA CIVIL – SERVIDORES ATIVOS. MAIO/98
- 17 POLÍCIA MILITAR – OFICIAIS E ALUNOS DA ACADEMIA E NÃO OFICIAIS. MAIO/98
- 18 JORNAL DA TARDE, 09/06/98. MALUF DÁ TROTE PARA TESTAR O 190.
ANEXOS: OFÍCIO DO GOVERNADOR AO SECRETÁRIO DA SEGURANÇA PÚBLICA.
JORNAL DA TARDE, 09/06/98. FALSA CHAMADA RENDE ATÉ 6 MESES
DE PRISÃO. JORNAL DA TARDE. – CAPITÃO FICA IRRITADO COM O TROTE.
09/06/98. – JORNAL DA TARDE. – EX-GOVERNADOR DIZ QUE, EM SUA GESTÃO, A
POLÍCIA TINHA DIGNIDADE. 10/06/98.
- 19 PROGRAMA DO GOVERNO MÁRIO COVAS PARA A ÁREA DA SEGURANÇA PÚBLICA:
RELATÓRIO.
- 20 Mensagem de Marco Vinicio encaminhando: Revista Newsweek de 20/04/98 e Revista U.S.
News de 25/05/98.

DELEGADOS DE POLÍCIA – INÍCIO DE CARREIRA

O valor mencionado de São Paulo, corresponde à soma do Salário-Base + RETP (Regime Especial de Trabalho Policial), de Delegado de 5ª Classe, sem nenhum adicional (auxílio alimentação, insalubridade e adicional de localidade).

$$\text{R\$ 1.652,16} = \text{R\$ 826,08 (Salário-Base)} + \text{R\$ 826,08 (RETP)}$$

O valor correto para efeito de comparação é R\$ 1.885,95 para São Paulo (com todos os adicionais, inclusive o de Localidade IV – grandes cidades). Só que os valores dos outros Estados (alguns), dos quais eu disponho de informação hoje (fornecidas pelo Fórum dos Secretários de Administração) são completamente diferentes dos divulgados pelo Maluf.

	DIVULGADO	CORRETO
ESPÍRITO SANTO	R\$ 3.160,00	R\$ 1.928,30
SERGIPE	R\$ 2.960,00	R\$ 1.353,59
CEARÁ	R\$ 2.200,00	R\$ 1.936,85
MATO GROSSO	R\$ 3.000,00	R\$ 900,00
SÃO PAULO	R\$ 1.652,16	R\$ 1.885,95

A carreira de Delegado de Polícia nos outros Estados, com exceção, talvez, de Minas Gerais, tem um nível a mais do que São Paulo. Deste modo, a comparação seria com o Delegado de 4ª Classe, cujo valor inicial é de R\$ 2.641,98 e não de R\$ 1.885,95 que é a remuneração de Delegado de 5ª Classe.

Valores divulgados de outros Estados, que não temos nenhuma informação:

Brasília - R\$ 5.500,00
Alagoas - R\$ 5.000,00
Rio Grande do Sul – R\$ 4.800,00
Amazonas - R\$ 3.600,00

Em anexo:

- Tabela atual de salários para Delegados
- Tabela de vencimentos de outros Estados (Documento do Fórum)
- Quadros de Salários Médios (Maio/97) – Época da "Greve"
- Tabela de Salários do Ministério Público

PS: O Paulo Bressan vai trazer ainda hoje tabelas e gráficos dos valores corrigidos em real de março de 1998, comparativo desde o Governo Maluf até o Governo Covas.

**DELEGADO DE POLÍCIA
VENCIMENTOS DE FEVEREIRO/98**

DENOMINAÇÃO DO CARGO	SALÁRIO BASE	R.E.T.P. 100 %	DIÁRIA ALIMENTAÇÃO	ADICIONAL INSAL. GRAU MAX.	ADICIONAL LOCAL I 2,5%	TOTAL
Del. Pol. 5ª Classe	826,08	826,08	13,87	96,00	20,65	1.782,69
Del. Pol. 4ª Classe	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	20,65	2.538,72
Del. Pol. Subst.	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	20,65	2.538,72
Del. Pol. 3ª Classe	1.331,80	1.331,80	13,87	96,00	20,65	2.794,13
Del. Pol. 2ª Classe	1.477,76	1.477,76	13,87	96,00	20,65	3.086,04
Del. Pol. 1ª Classe	1.641,95	1.641,95	13,87	96,00	20,65	3.414,43
Del. Pol. Clas. Esp.	1.733,17	1.733,17	13,87	96,00	20,65	3.596,86
Del. Geral Policia	1.824,39	1.824,39	13,87	96,00	20,65	3.779,30

DENOMINAÇÃO DO CARGO	SALÁRIO BASE	R.E.T.P. 100 %	DIÁRIA ALIMENTAÇÃO	ADICIONAL INSAL. GRAU MAX.	ADICIONAL LOCAL II 6,0%	TOTAL
Del. Pol. 5ª Classe	826,08	826,08	13,87	96,00	49,57	1.811,60
Del. Pol. 4ª Classe	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	49,57	2.567,63
Del. Pol. Subst.	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	49,57	2.567,63
Del. Pol. 3ª Classe	1.331,80	1.331,80	13,87	96,00	49,57	2.823,05
Del. Pol. 2ª Classe	1.477,76	1.477,76	13,87	96,00	49,57	3.114,95
Del. Pol. 1ª Classe	1.641,95	1.641,95	13,87	96,00	49,57	3.443,34
Del. Pol. Clas. Esp.	1.733,17	1.733,17	13,87	96,00	49,57	3.625,78
Del. Geral Policia	1.824,39	1.824,39	13,87	96,00	49,57	3.808,22

DENOMINAÇÃO DO CARGO	SALÁRIO BASE	R.E.T.P. 100 %	DIÁRIA ALIMENTAÇÃO	ADICIONAL INSAL. GRAU MAX.	ADICIONAL LOCAL III 10,0%	TOTAL
Del. Pol. 5ª Classe	826,08	826,08	13,87	96,00	82,61	1.844,65
Del. Pol. 4ª Classe	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	82,61	2.600,67
Del. Pol. Subst.	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	82,61	2.600,67
Del. Pol. 3ª Classe	1.331,80	1.331,80	13,87	96,00	82,61	2.856,09
Del. Pol. 2ª Classe	1.477,76	1.477,76	13,87	96,00	82,61	3.147,99
Del. Pol. 1ª Classe	1.641,95	1.641,95	13,87	96,00	82,61	3.476,38
Del. Pol. Clas. Esp.	1.733,17	1.733,17	13,87	96,00	82,61	3.658,82
Del. Geral Policia	1.824,39	1.824,39	13,87	96,00	82,61	3.841,26

DENOMINAÇÃO DO CARGO	SALÁRIO BASE	R.E.T.P. 100 %	DIÁRIA ALIMENTAÇÃO	ADICIONAL INSAL. GRAU MAX.	ADICIONAL LOCAL IV 15,0%	TOTAL
Del. Pol. 5ª Classe	826,08	826,08	13,87	96,00	123,91	1.885,95
Del. Pol. 4ª Classe	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	123,91	2.641,98
Del. Pol. Subst.	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	123,91	2.641,98
Del. Pol. 3ª Classe	1.331,80	1.331,80	13,87	96,00	123,91	2.897,39
Del. Pol. 2ª Classe	1.477,76	1.477,76	13,87	96,00	123,91	3.189,30
Del. Pol. 1ª Classe	1.641,95	1.641,95	13,87	96,00	123,91	3.517,69
Del. Pol. Clas. Esp.	1.733,17	1.733,17	13,87	96,00	123,91	3.700,13
Del. Geral Policia	1.824,39	1.824,39	13,87	96,00	123,91	3.882,56

Parte PM
R. Salazar



Fórum Nacional de Secretários
de Estado da Administração
PRESIDÊNCIA

TABELAS DE VENCIMENTOS

POLÍCIA MILITAR

ESTADOS

PIAUI	
POLÍCIA MILITAR	
POSTO DE GRADUAÇÃO	REMUNERAÇÃO
CORONEL	5.334,37
TEN.CORONEL	3.637,46
MAJOR	2.265,31
CAPITÃO	1.844,43
1º TENENTE	987,12
2º TENENTE	762,42
ASPIRANTE	685,22
SUB-TENENTE	689,33
1º SARGENTO	597,94
2º SARGENTO	519,94
3º SARGENTO	451,35
CABO	365,48
SD.1ª CLASSE	335,35

OBS.: Gratificação por tempo de serviços 5%.
(Já não inclusa)

OBS.: Já inclusa a proposta de R\$ 120,00 para todos os praças (de soldado à Sub-Tenente) na data de 09 de julho de 1.997.

Não tem Risco de Vida.

RONDÔNIA			
TABELA SALARIAL POLÍCIA MILITAR			
POSTO DE GRADUAÇÃO	VENCIMENTO BÁSICO	GRATIFICAÇÕES	REMUNERAÇÃO
CORONEL	294,33	3.833,97	4.128,30
TEN.CORONEL	273,73	3.565,62	3.839,35
MAJOR	254,60	3.316,45	3.571,05
CAPITÃO	179,95	2.343,98	2.523,93
1º TENENTE	136,76	1.781,47	1.918,23
2º TENENTE	125,82	1.638,77	1.764,59
ASPIRANTE	115,76	1.334,30	1.450,06
SUB-TENENTE	94,92	997,09	1.092,01
1º SARGENTO	83,54	878,56	962,10
2º SARGENTO	70,79	786,05	856,84
3º SARGENTO	62,65	693,45	756,10
CABO	55,44	639,37	694,81
SD.1ª CLASSE	49,07	565,53	614,60

ESTADO DE RORAIMA				
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR				
POSTO DE GRADUAÇÃO	VENCIMENTO	VANTAGENS	G.C E.T.	TOTAL
CORONEL	479,70	2.494,44	660,00	3.634,14
TEN.CORONEL	449,10	2.335,32	612,00	3.396,42
MAJOR	420,00	1.974,00	528,60	2.922,60
CAPITÃO	369,00	1.660,50	421,20	2.450,70
1º TENENTE	327,90	1.377,18	373,80	2.078,88
2º TENENTE	300,30	1.261,26	329,40	1.890,96
ASPIRANTE	293,10	1.231,02	221,40	1.745,52
SUB-TENENTE	284,10	1.207,42	221,40	1.712,92
1º SARGENTO	239,40	1.017,45	186,00	1.442,85
2º SARGENTO	211,20	897,60	152,20	1.261,00
3º SARGENTO	178,20	703,89	130,20	1.012,29
CABO	130,20	540,33	84,00	754,53
SD.1ª CLASSE	115,80	480,57	72,60	668,97
SD.2ª CLASSE	78,30	258,39		336,69

OBS.: A Polícia Militar e a Polícia Civil são pagos pela União, desde que o Estado era Território.
O Estado ainda não fez o plano de cargos e vencimento.
Inclui-se toda a remuneração.

AMAPÁ			
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR			
CARGOS	SOLDO BASE	OUTRAS VANTAGENS	REMUNER. TOTAL
CORONEL - PM	654,68	2.003,32	2.658,00
TEN.CORONEL - PM	612,90	1.875,47	2.488,37
MANOR - PM	573,17	1.753,90	2.327,07
CAPITÃO - PM	503,52	1.540,77	2.044,29
1º TENENTE - PM	447,29	1.368,70	1.815,99
2º TENENTE - PM	410,14	1.255,02	1.665,16
ASPIRANTE A.OFICIAL	400,34	1.225,04	1.625,38
SUB.TENENTE	387,96	1.187,15	1.575,11
1º SARGENTO	327,08	1.000,86	1.327,94
2º SARGENTO	288,39	882,47	1.170,86
3º SARGENTO	242,99	743,54	986,53
CABO	177,47	543,05	720,52
SOLDADO 1ª CLASSE	157,86	483,05	640,91
SOLDADO 2ª CLASSE	106,27	325,18	431,45

Outras vantagens estão inclusos.
 Anuênio 1% do Soldo.
 Gratificação de Habilitação;
 Gratificação de Atividade
 Indenização local especial
 Indenização de Representação
 Indenização de Moradia
 Indenização de Tropa

Sta.Catarina

SANTA CATARINA						
POLÍCIA MILITAR						
						MAIO/95
POSTO DE GRADUAÇÃO	VENCIMENTO	IND.REG. ESPECIAL	IND. POLICIAL	GRAT.COMP. PARIT.	REPRESENT.	REMUNERAÇ.
CORONEL	531,11		637,33	979,73	265,56	2.413,73
TEN.CORONEL	478,00		573,80	881,75	239,00	2.172,35
MAJOR	454,10		544,92	837,67	227,05	2.063,74
CAPITÃO	431,37		517,64	795,73	215,68	1.960,42
1º TENENTE	409,81		491,77	755,96	204,90	1.862,44
2º TENENTE	389,36		467,23	718,24	194,68	1.769,51
ASPIRANTE	328,18	164,09	393,82			886,09
SUB-TENENTE	243,84	121,92	292,61			658,37
1º SARGENTO	237,62	118,81	285,14			641,57
2º SARGENTO	231,56	115,78	277,87			625,21
3º SARGENTO	225,65	112,83	270,78			609,26
CABO	172,05	86,02	206,46			464,53
SD. 1ª CLASSE	157,17	78,59	188,61			424,37
SD. 2ª CLASSE	143,59	71,79	172,30			387,68
SD.3ª CLASSE	131,17	65,59	157,41			354,17
CFO/1	131,17	65,59	157,41			354,17
CFO/2	143,59	71,79	172,30			387,68
CFO/3	157,17	78,59	188,61			424,37
CFO/4	172,05	86,02	206,46			464,53

OBS.: Triênio 3% não incluso.
Ind.Reg.Especial = Risco de Vida

PARANÁ						
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR						
POSTO/GRAD.	SIP	SOLDO	RISCO VIDA	GRAT.ESP.	INDENIZ.REPR.	TOTAL
CORONEL	8A	784,49	261,50	972,77	274,57	2.293,33
TEN.CORONEL	8B	716,24	238,75	888,14	250,68	2.093,81
MAJOR	8C	684,08	228,03	834,57	136,82	1.883,50
CAPITÃO	8D	627,59	209,20	765,66		1.602,45
1º TENENTE	8E	573,46	191,15	533,32		1.297,93
2º TENENTE	8G	516,19	172,06	480,06		1.168,31
ASPIRANTE OFICIAL	8H	417,35	139,12	388,13		944,60
ALUNO DO 3º ANO	8P	374,20	124,73	310,59		809,52
ALUNO DO 2º ANO	8Q	350,67	116,89	291,05		758,61
ALUNO DO 1º ANO	8R	334,98	111,68	278,03		724,69
SUBTENENTE	8J	417,35	139,12	388,13		944,60
1º SARGENTO	8L	374,20	124,73	310,59		809,52
2º SARGENTO	8M	350,67	116,89	291,05		758,61
3º SARGENTO	8N	334,98	111,66	278,03		724,67
CABO	8S	299,68	99,89	248,73		648,30
SOLD. 1ª CLASSE	8T	290,26	96,75	240,92		627,93
SOLD. 2ª CLASSE	8U	274,57	91,52	227,89		593,98

OBS.: Gratificação por tempo de serviço 5%. (não incluso)
 Não incluída a gratif. de função Policial Militar, em função de cursos de formação específicos cujos valores, podem variar a remuneração, de R\$ 648,90 (soldado) à R\$ 3.430,84 (Coronel).

MINAS GERAIS	
POLÍCIA MILITAR	
POSTO DE GRADUAÇÃO	REMUNERAÇÃO (SEM VANTAGENS)
CORONEL	2.013,63
TEN.CORONEL	1.745,59
MAJOR	1.665,14
CAPITÃO	1.478,70
1º TENENTE	1.305,88
2º TENENTE	1.010,08
ASPIRANTE	746,85
CADETE UA	659,07
CADETE DA	325,79
SUB-TENENTE	765,82
1º SARGENTO	675,82
2º SARGENTO	565,14
3º SARGENTO	486,60
CABO	437,33
SD.1ª CLASSE	405,30
SD.2ª CLASSE	233,64

OBS.: A título de Etapa Alimentação R\$115,00 sobre a remuneração é pago grat. por tempo de serviço(10%) e trintenário (10%), que não estão incluídas, mais auxílio moradia p/ativos e inativos nas categorias:

Subtenente - R\$ 54,00
 1º sargento - R\$ 67,00
 2º sargento - R\$ 67,00
 3º sargento - R\$ 80,00
 Cabo - R\$ 80,00
 Sd.1ªclasse- R\$ 80,00
 * Não recebe Risco de Vida.

Mato Grosso

MATO GROSSO			
POLÍCIA MILITAR			
			MAIO/95
POSTO DE GRADUAÇÃO	VENCIMENTO	PERICULOSIDADE 100%	TOTAL
CORONEL	858,00	858,00	1.716,00
TEN.CORONEL	719,00	719,00	1.438,00
MAJOR	644,00	644,00	1.288,00
CAPITÃO	554,00	554,00	1.108,00
1º TENENTE	495,00	495,00	990,00
2º TENENTE	444,00	444,00	888,00
ASPIRANTE	401,00	401,00	802,00
CFO/3	306,00	306,00	612,00
CFO/2	286,00	286,00	572,00
CFO/1	273,00	273,00	546,00
SUB-TENENTE	401,00	401,00	802,00
1º SARGENTO	306,00	306,00	612,00
2º SARGENTO	286,00	286,00	572,00
3º SARGENTO	273,00	273,00	546,00
CABO	230,00	230,00	460,00
SOLDADO 1ª CLASSE	195,00	195,00	390,00

OBS.: Além dessas vantagens os servidores militares percebem Gratif. de Habilitação com cursos realizados, sobre o vencimento base, conforme discriminação dos cursos e percentual abaixo especificados:

1. - Curso superior de Polícia - 100%
2. - Curso de aperfeiçoamento de Oficiais - 80%
3. - Curso de formação de Oficiais ou equivalente - 60%
4. - Curso de habilitação de Oficiais - 50%
5. - Curso de aperfeiçoamento de Sargentos - 40%
6. - Curso de formação de Sargento - 35%
7. - Curso de formação de Cabos - 25%
8. - Curso de formação de Soldados - 20%

Gratificação por tempo de serviços - Anuênio 2% do vencimento.

ESTADO DO CEARÁ

POLÍCIA MILITAR

VANTAGENS	CORONEL	TENENTE CORONEL	MAJOR	CAPITÃO	1º TEN	2º TEN	ASP. OFICIAL
SOLDO	155,26	139,74	131,98	124,21	116,45	108,68	93,16
IND.DE FUNÇÃO PM	124,21	111,79	105,58	98,37	93,16	86,95	74,53
IND. REPRESENTAÇÃO	1.185,36	707,41	484,74	199,29	137,13	122,08	-
IND. HABILITAÇÃO DA PM	124,21	97,82	92,39	88,95	81,52	76,88	65,21
INDENIZAÇÃO DE MORADIA	38,82	34,94	33,00	31,05	29,11	27,17	23,29
GRAT.RISCO DE VIDA	77,63	69,87	85,98	62,11	58,23	54,35	46,58
GRAT.ATIV.FUNCIONAL	-	-	-	89,43	83,84	78,26	48,44
ABONO PM	-	-	-	-	-	-	-
DIÁRIAS OPERACIONAIS	279,47	251,53	237,56	223,58	209,81	195,84	167,69
TOTAL	1.964,96	1.412,10	1.101,24	915,99	788,55	751,22	518,90

VANTAGENS	SUBTENENTE	1º SARG.	2º SARG.	3º SARG.	CABO	SOLDADO	RECRUTA
SOLDO	85,40	77,64	69,88	82,10	49,89	43,48	31,05
IND.FUNÇÃO PM	68,32	62,11	55,89	39,75	34,78	34,78	24,84
IND. REPRESENTAÇÃO	-	-	-	-	-	-	-
IND. HABILITAÇÃO PM	59,78	42,70	35,42	34,15	27,33	23,91	17,08
INDENIZAÇÃO DE MORADIA	21,35	19,40	17,47	15,53	12,42	10,87	7,76
GRAT. RISCO DE VIDA	42,70	38,82	34,93	31,05	24,85	21,74	15,53
GRAT. ATIV. FUNCIONAL	44,41	40,37	36,33	32,29	25,84	22,61	18,15
ABONO PM	34,16	31,06	27,94	26,84	30,31	33,04	12,42
DIÁRIAS OPERACIONAIS	256,20	232,92	209,58	186,30	178,88	156,53	111,78
TOTAL	612,32	545,05	490,42	427,14	380,27	346,97	235,60

QUADRO DE REMUNERAÇÃO DE DELEGADOS

CARGO	REMUNERAÇÃO – NOV/94		REMUNERAÇÃO – MAIO/95		Var. %
	VENC. INIC.	TOTAL	VENC. INIC.	TOTAL	
DELEGADO 1ª CLASSE	134,41	529,58	237,78	1.936,85	265,74
DELEGADO 2ª CLASSE	147,25	580,17	264,19	2.090,91	280,40
DELEGADO 3ª CLASSE	162,83	641,55	293,54	2.256,53	251,73
DELEGADO 4ª CLASSE	178,90	704,87	326,14	2.434,99	245,45
DELEGADO ESPECIAL.	197,79	789,18	362,38	2.645,90	235,27

**ESTADO DO ESPÍRITO SANTO
POLÍCIA CIVIL**

CARGA HORÁRIA – 40 HORAS SEMANAIS – VALORES EM R\$ MAIO/97

CARGOS	CATEGORIA	REMUNERAÇÃO
Delegado de polícia	Especial	2.700,53
	3ª	2.495,18
	2ª	2.315,07
	1ª	1.928,30
	Substituto	1.928,30
Médico Legista, Perito	3ª	1.776,16
Bioquímico Toxicologista	2ª	1.686,12
Perito Criminal	1ª	1.575,08
Perito Criminal Especial	-	-
Investigador de Polícia	3ª	1.377,03
	2ª	1.260,78
	1ª	1.147,52
Perito Telecomunicação	3ª	1.269,03
Perito Papiloscópico	2ª	1.161,90
	1ª	1.057,52
Fotógrafo Criminalístico	3ª	1.323,03
Aux. Perícia Médico Legal	2ª	1.211,34
	1ª	1.102,52
Agente Policial Civil	3ª	1.350,03
	2ª	1.236,06
	1ª	1.125,03
Aux. Serviços Laboratório	3ª	278,40
	2ª	199,20
	1ª	120,00

SALÁRIO MÍNIMO = R\$ 120,00

OBS.: A partir do mês de julho/96, quando foi decretada a Inconstitucionalidade da Medida Liminar, os delegados perderam os 94,34% que recuperaram entre os meses de maio/95 a junho/96.

ESTADO DE GOIÁS
SECRETARIA DE ESTADO DA ADMINISTRAÇÃO
POLÍCIA MILITAR DO ESTADO DE GOIÁS - SERVIDOR MILITAR

									JULHO/97
TEM. SERV.	POSTO DE GRAD.	ESCALA VERTICAL	VENCIM.	MERITO PROFISSIO	AUX. MORAD.	RISCO DE VIDA 100%	GRATIF. ESPECIAL	GRAT.AD. EMERGEN	TOTAL
25	CORONEL	102	370,37	370,37	92,59	370,37	361,11	60,00	1.624,81
15	TEN.CORONEL	92	340,74	306,67	85,18	340,74	321,99	60,00	1.455,32
15	MAJOR	84	311,11	248,89	77,77	311,11	284,66	100,00	1.333,54
05	CAPITÃO	73	270,37	189,26	67,59	270,37	239,27	100,00	1.136,86
05	1º TENENTE	62	229,63	137,78	57,40	229,63	196,33	100,00	950,77
0	2º TENENTE	57	211,11	105,56	52,77	211,11	174,16	100,00	854,71
0	ASPIRANTE	53	196,30	98,15	49,07	196,30	161,94	100,00	801,76
0	CFO/3	45	166,67	58,33	16,65	166,67	122,49	100,00	630,81
0	CFO/2	41	151,85	53,15	15,17	151,85	111,60	100,00	583,62
0	CFO/1	37	137,04	34,26	13,69	137,04	96,60	100,00	518,63
15	SUB-TENENTE	51	188,89	75,56	47,22	188,89	150,16	125,00	775,72
10	1º SARGENTO	45	166,67	58,33	41,66	166,67	129,99	125,00	688,32
5	2º SARGENTO	41	151,85	45,55	37,96	151,85	116,16	125,00	628,37
0	3º SARGENTO	37	137,04	34,26	34,26	137,04	102,78	125,00	570,38
5	CABO	33	122,22	18,33	30,55	122,22	87,99	125,00	506,31
0	SD.1ª CLASSE	30	111,11	11,11	27,77	111,11	78,33	125,00	464,43
0	SD.2ª CLASSE	27	100,00	10,00	10,00	100,00	66,00	125,00	411,00

OBS.: Etapas alimentação para Polícia Militar e Bombeiro Militar é R\$ 42,00
 Adicional por tempo de serviço 5% (por cinco ano trabalhado).

ESTADO DE SÃO PAULO					
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR					
POSTO DE GRADUAÇÃO	BASE	RETP. RV. 100%	DIÁRIA ALIMENTAÇ.	ADICIONAL INSALUBLID.	TOTAL
CORONEL	1.733,17	1.733,17	13,87	96,00	3.576,21
TEN.CORONEL	1.641,95	1.641,95	13,87	96,00	3.393,77
MAJOR	1.477,76	1.477,76	13,87	96,00	3.065,39
CAPITÃO	1.331,80	1.331,80	13,87	96,00	2.773,47
1º TENENTE	1.204,10	1.204,10	13,87	96,00	2.518,07
2º TENENTE	826,08	826,08	13,87	96,00	1.762,03
ASPIRANTE	743,44	743,44	13,87	96,00	1.596,75
SUB-TENENTE	534,52	534,52	13,87	96,00	1.178,91
1º SARGENTO	466,68	466,68	13,87	96,00	1.043,23
2º SARGENTO	402,33	402,33	13,87	96,00	914,53
3º SARGENTO	343,38	343,38	13,87	96,00	796,63
CABO	277,66	277,66	13,87	96,00	665,19
SD.1ª CLASSE	229,86	229,86	13,87	96,00	569,59
SD.2ª CLASSE	178,88	178,88	13,87	96,00	467,63

OBS.: Adicional local de exercício tem um percentual variável de 6% - 10% - 15%, só recebe os servidores lotados em municípios com mais de 50 mil habitantes.
 Gratificação por tempo de serviço é 5%. (não incluso)
 RETP = Risco de Vida.

ESTADO DO MARANHÃO											
QUADRO DEMONSTRATIVO DAS VANTAGENS INCORPORADAS											
POLÍCIA MILITAR											
POSTO DE GRADUAÇÃO	SOLDO	SERVIÇO ATIVO	REPRES. FUNÇÃO	REPRES. POSTO	MORADIA	COMP. ORGÂNICO	HABIL. CURSO	RISCO DE VIDA	TOTAL VANTAGEM	GRATIF. GEM	TOTAL REMUNER.
	R\$	%	%	%	%	%	%	%	R\$	R\$	R\$
CORONEL REFORMADO	348,07	20	85	15	20 ou 5	20	70	100	1.148,63	1.535,84	3.032,54
CORONEL	290,06	20	85	15	20 ou 5	20	70	100	957,20	1.535,84	2.783,10
TENENTE CORONEL	266,85	20	85	15	20 ou 5	20	70	100	880,61	1.305,46	2.452,92
MAJOR	243,65	20	85 ou 55	15	20 ou 5	20	60	100	779,68	1.109,65	2.132,98
CAPITÃO	203,04	20	35 ou 55	10	20 ou 5	20	60	100	578,66	943,20	1.724,90
1º TENENTE	188,54	20	35	10	20 ou 5	20	50	100	480,78	801,72	1.471,04
2º TENENTE	174,04	20	35	10	20 ou 5	20	50	100	443,80	681,47	1.299,31
ASPIRANTE OFICIAL	150,84	20	35	10	20 ou 5	20	50	100	384,64	579,24	1.114,72
ALUNO CFO	120,00	20	35	5	20 ou 5	20		100	240,00	257,02	617,02
SUBTENENTE	150,84	20	35	5	20 ou 5	15	40	100	354,47	579,24	1.084,55
1º SARGENTO	133,44	20	35	5	20 ou 5	15	40	100	313,58	492,37	939,39
2º SARGENTO	120,00	20	35	5	20 ou 5	15	30	100	270,00	418,50	808,50
3º SARGENTO	120,00	20	35	5	20 ou 5	15	30	100	270,00	355,73	745,73
CABO	120,00	20	35	5	20 ou 5	15	20	100	258,00	302,37	680,37
SOLDADO	120,00	20	35	5	20 ou 5	15	10	100	246,00	257,02	623,02

MORADIA
20% do Soldo, quando o Policial Militar possuir dependente.
5% do Soldo, quando o Policial Militar não possuir dependente.

GRATIFICAÇÃO DE LOCALIDADE ESPECIAL
35% ou 20% para quem trabalha no interior do Estado, independente de Posto de Graduação.
Anuênio 1% sobre o soldo (não incluso)

PARÁ										
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR										
POSTO OU GRADUAÇÃO	ESCALA VERT. %	SOLDO	RISCO DE VIDA 50%	ADICIONAIS		REMUN. PARCIAL	TEMPO SERVIÇO		TOTAL	
				VALOR	%		VALOR	%		
CORONEL	100	466,52	233,26	1.096,31	- 235	1.796,08	538,83	- 30	2.334,91	
TEN. CORONEL	90	419,86	209,93	965,69	- 230	1.595,48	398,87	- 25	1.994,35	
MAJOR	90	377,88	188,94	793,54	- 210	1.360,36	272,07	- 20	1.632,43	
CAPITÃO	80	335,89	167,95	604,60	- 180	1.108,44	166,27	- 15	1.274,71	
1º TENENTE	65	272,91	136,46	463,95	- 170	873,32	87,33	- 10	960,65	
2º TENENTE	60	251,92	125,96	428,26	- 170	806,14	40,31	- 5	846,45	
ASPIRANTE OFICIAL	50	209,93	104,97	262,41	- 125	577,31	28,87	- 5	606,18	
ALUNO OFICIAL	35	146,95	73,48	176,34	- 120	396,77	0,00		396,77	
SUBTENENTE	50	209,93	104,97	367,38	- 175	682,28	170,57	- 25	852,85	
1º SARGENTO	44	184,74	92,37	323,30	- 175	600,41	120,08	- 20	720,49	
2º SARGENTO	40	167,95	83,97	293,90	- 175	545,82	81,87	- 15	627,70	
3º SARGENTO	35	146,95	73,48	235,12	- 160	455,55	45,56	- 10	501,11	
CABO	28	117,56	58,78	188,10	- 160	364,44	72,89	- 20	437,33	
SD. 1ª CLASSE	22	92,37	46,19	138,56	- 150	277,11	41,57	- 15	318,68	
SD. 2ª CLASSE	20	83,97	41,99	125,96	- 150	251,92	12,60	- 5	264,51	
SD. 3ª CLASSE	18	75,58	37,79	105,81	- 140	219,17	0,00		219,17	

SERGIPE

TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR

POSTO/GRAD.	REP %	% DO TRIE.	VANTAG.	ETAPAS	SOLDO	REPRES.	VR. TRIÊN.	ABONO	ACR. CURSO	AD. DESEMP.	REM. 05/97	REM. S/TRIE.	REM. S/ETAPAS
CORONEL	40	40	1.083,43	48,00	451,43	180,57	252,80		45,14	541,72	2.603,09	2.350,29	2.302,29
TEN. CORONEL	40	40	989,17	48,00	412,15	164,86	230,81		41,24	494,58	2.380,81	2.150,00	2.102,00
MAJOR	40	40	905,75	48,00	377,39	150,96	211,34		94,34	407,58	2.195,36	1.984,02	1.936,02
CAPITÃO	30	40	698,81	48,00	325,03	97,51	169,01		81,25	299,03	1.718,64	1.549,63	1.501,63
1º TENENTE	30	35	561,96	48,00	261,38	78,41	118,93		65,35	219,56	1.353,59	1.234,66	1.186,66
2º TENENTE	30	30	505,67	48,00	235,19	70,56	91,73		58,79	176,39	1.186,33	1.094,60	1.046,60
ASPIRANTE	30	5	453,46	48,00	221,20	66,38	14,38			137,14	940,56	926,18	878,18
SUBTENENTE	20	40	503,60	48,00	214,43	42,89	102,93		10,73	100,78	1.023,36	920,43	872,43
1º SARGENTO	20	25	445,58	48,00	189,50	37,92	56,88		9,48	89,11	876,47	819,59	771,59
2º SARGENTO	20	20	376,60	48,00	160,26	32,05	38,46		8,01	75,32	738,70	700,24	652,24
3º SARGENTO	20	15	319,95	48,00	142,20	28,44	25,60		7,11	65,41	636,71	611,11	563,11
CABO	10	25	248,28	48,00	112,86	11,29	31,04	7,14	5,64	68,84	533,09	502,05	454,05
SOLD. 1ª CLASSE	10	40	189,72	48,00	92,54	9,25	40,72	27,46	4,62	62,92	475,23	434,51	386,51
SOLD. ENGAJADO	10	15	171,65	48,00	83,51	8,35	13,78	36,49	4,17	59,29	425,24	411,46	363,46
SOLD. Ñ ENGAJ.	10		161,85	48,00	79,00	7,90		41,00	3,95	57,43	399,13	339,13	291,13

OBS.: Para achar o valor do Triênio soma-se soldo + representação.
Periculosidades - 30% - incluindo nas vantagens.

TOCANTINS									
TABELA DE REMUNERAÇÃO DO EFETIVO DA POLÍCIA MILITAR									
POSTO DE GRADUAÇÃO	VENCIMENT	IRETEP	RISCO DE VIDA	AUXÍLIO MORADIA	HABILIT. POLICIAL	ETAPA	GRATIF. LOCAL ESP	ABONO	REMUNER.
CORONEL	328,80	328,80	131,52	65,76	131,52	60,00	98,64	932,88	2.077,92
TEN. CORONEL	295,92	295,92	118,37	59,18	103,57	60,00	88,78	739,59	1.761,33
MAJOR	263,04	263,04	105,22	52,61	92,06	60,00	78,91	676,30	1.591,18
CAPITÃO	230,16	230,16	92,06	46,03	69,05	60,00	69,05	563,02	1.359,53
1º TENENTE	197,28	197,28	78,91	39,46	59,18	60,00	59,18	499,73	1.191,02
2º TENENTE	180,84	180,84	72,34	36,17	54,25	60,00	54,25	458,08	1.096,77
ASPIRANTE OFICIAL	164,40	164,40	65,76	8,22	49,32	60,00	49,32	406,44	967,86
ALUNO CFO/3	112,00	112,00	44,80	5,60		60,00	33,60	271,20	639,20
ALUNO CFO/2	112,00	112,00	44,80	5,60		60,00	33,60	271,20	639,20
ALUNO CFO/1	112,00	112,00	44,80	5,60		60,00	33,60	271,20	639,20
SUB-TENENTE	164,40	164,40	65,76	32,88	41,10	60,00	49,32	366,44	944,30
1º SARGENTO	131,52	131,52	52,61	26,30	26,30	60,00	39,46	293,15	760,86
2º SARGENTO	115,08	115,08	46,03	23,02	23,02	60,00	34,52	261,51	678,26
3º SARGENTO	112,00	112,00	44,80	22,40	22,40	60,00	33,60	231,20	638,40
ALUNO SARGENTO	112,00	112,00	44,80	5,60		60,00	33,60	191,20	559,20
CABO	112,00	112,00	44,80	22,40	16,80	60,00	33,60	191,20	592,80
SOLDADO ENGANJ.	112,00	112,00	44,80	22,40	11,20	60,00	33,60	111,20	507,20
SOLDADO MOBILIZ.	112,00	112,00	44,80	5,60	11,20	60,00	33,60	111,20	490,40
SOLDADO RECRUTA	112,00	112,00	44,80	5,60		60,00	33,60	61,20	429,20

OBS.: Anuênio 1% (não incluso)

PERNAMBUCO								
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR								
NÍVEL	SOLDO	GRATIF.DE EXERCÍCIO	GRATIF.DE MORADIA	CAPACIT. PROFISSION.	NÍVEL HIERÁRQU.	REPRES. DE FUNÇÃO	ABONO	TOTAL GERAL
CORONEL	262,21	52,44	249,10	393,32	582,11	311,30	0,00	1.850,48
TEN.CORONEL	241,23	48,25	229,17	337,73	535,54	256,36	0,00	1.648,28
MAJOR	220,52	44,10	209,49	308,73	489,55	201,43	0,00	1.473,82
CAPITÃO	200,33	40,07	190,31	240,39	398,65	146,50	0,00	1.216,25
1º TENENTE	173,85	34,77	165,15	208,61	323,35	109,87	0,00	1.015,60
2º TENENTE	162,57	32,51	138,18	195,08	302,38	84,25	0,00	914,97
ASPIRANTE	153,66	30,73	130,61	184,39	0,00	84,25	0,00	583,64
ALOF.3	119,31	23,86	101,41	0,00	0,00	0,00	0,00	244,58
ALOF.1	107,51	21,50	91,38	0,00	0,00	0,00	4,49	224,88
SUB-TENENTE	153,66	30,73	145,97	169,02	245,85	47,62	0,00	792,85
1º SARGENTO	140,02	28,00	133,02	154,02	224,03	47,62	0,00	726,71
2º SARGENTO	119,31	23,66	113,34	119,31	190,89	47,62	0,59	614,72
3º SARGENTO	107,51	21,50	102,13	107,51	172,01	47,62	12,49	570,77
CABO	82,07	16,41	77,97	77,97	0,00	25,64	37,93	317,99
SD.1ª CLASSE	79,19	15,84	75,23	71,27	0,00	25,64	40,81	307,98
SD.2ª CLASSE	76,30	15,26	72,49	68,67	0,00	25,64	43,7	302,06
SD. 3ª CLASSE	74,21	14,84	63,07	66,78	0,00	18,30	45,79	282,99

OBS.: Gratificação por tempo de serviço 5%.(não Incluso), não tem Risco de Vida.

BAHIA											
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR											
POSTO/GRAD.	SOLDO	GFPM	%	HABILIT.	%	GR.COM.	%	FEASPOL	%	ABONO LEI	TOTAL
CORONEL	294,39	603,50	205	323,83	110	294,39	100	147,20	50		1.663,31
TEN.CORONEL	271,46	556,49	205	271,46	100	271,46	100	135,73	50		1.506,80
MAJOR	253,02	518,69	205	253,02	100	253,02	100	126,51	50		1.404,26
CAPITÃO	200,14	380,27	190	160,11	80	200,14	100	100,07	50		1.040,73
1º TENENTE	172,06	326,91	190	137,65	80	172,06	100	86,03	50		894,71
2º TENENTE	147,12	279,53	190	117,70	80	147,12	100	73,56	50		765,03
ASPIRANTE OFICIAL	120,00	180,00	150	96,00	80			60,00	50	4,00	460,00
ALUNO OFICIAL	120,00									4,00	124,00
SUBTENENTE	120,00	174,00	145	120,00	100			60,00	50	4,00	478,00
1º SARGENTO	120,00	168,00	140	84,00	70			60,00	50	4,00	436,00
2º SARGENTO	120,00	162,00	135	84,00	70			60,00	50	4,00	430,00
3º SARGENTO	120,00	156,00	130	84,00	70			60,00	50	4,00	424,00
CABO	120,00	144,00	120	66,00	55			60,00	50	4,00	394,00
SD. 1ª CLASSE	120,00	132,00	110	66,00	55			60,00	50	4,00	382,00
SD. 2ª CLASSE	120,00	126,00	105	66,00	55			60,00	50	4,00	376,00
RECRUTA	120,00									4,00	124,00

OBS.: Abono de R\$ 20,00, limitado a remuneração de até R\$ 570,00,
 Gratificação por tempo de serviço 5% - não incluso.
 GFPM - Risco de Vida.

RIO GRANDE DO NORTE	
POLÍCIA MILITAR	
POSTO DE GRADUAÇÃO	REMUNERAÇÃO
CORONEL	1.316,16
TEN.CORONEL	1.184,56
MAJOR	1.052,95
CAPITÃO	921,31
1º TENENTE	789,71
2º TENENTE	697,57
ASPIRANTE	517,06
SUB-TENENTE	592,26
1º SARGENTO	416,78
2º SARGENTO	354,33
3º SARGENTO	332,18
CABO	285,46
SD. 1ª CLASSE	257,89

OBS.: Gratific.por tempo de serviço - 5% está incluso, Gratific.de risco de vida (25%) sob o soldo está inclusa.

PARAÍBA									
TABELA SALARIAL - POLÍCIA MILITAR									
POSTO/GRADUAÇ.	ESCAL.	SOLDO	GAE	G.FUNÇÃO	COMP.ORG	HAB.POL.	REPRES.	COMPL. S/MIN.	TOTAL
CORONEL	100	149,14	149,14	447,42	149,14	149,14	149,14		1.193,12
TEN.CORONEL	93	138,70	138,70	208,05	138,70	124,83	138,70		887,68
MAJOR	86	128,26	128,26	128,26	128,26	115,43	128,26		756,73
CAPITÃO	79	117,82	117,82	94,26	117,82	94,26	117,82		659,80
1º TENENTE	72	107,38	107,38	64,43	107,38	85,90	107,38		579,85
2º TENENTE	65	96,94	96,94	38,78	96,94	77,55	96,94		504,09
ASPIRANTE	57	85,01	85,01		85,01	68,01	85,01		408,05
SUBTENENTE	57	85,01	85,01	29,75	85,01	55,26	85,01		425,05
1º SARGENTO	50	74,57	74,57	22,37	74,57	48,47	74,57		369,12
2º SARGENTO	43	64,13	64,13	16,03	64,13	38,48	64,13		311,03
3º SARGENTO	36	53,69	53,69	10,74	53,69	32,21	53,69	9,43	267,14
CABO	29	43,25	43,25	6,49	43,25	21,83	43,25	19,87	221,19
SOLDADO	22	32,81	32,81	3,28	32,81	13,12	32,81	30,31	177,95
SD/RECRUTA	14	20,88	20,88		20,88		20,88	42,24	125,76

Obs.: sobre o soldo incide o anuênio de 1% até 35%.(não incluso)
Não tem Risco de Vida.

POLÍCIA CIVIL

MAIO DE 1997

CARGO	SERVIDORES ATIVOS				
	1	2	3	4	5
	QTDE.	VENC. BRUTO	VENC. MÉDIO	SAL.BASE+RETP +INSAL+AUX.ALI +AL ₄	ÍNDICE
DEL.POL.CLAS.ESP.	148	1.064.658,13	7.193,64	3.700,12	1,94
DEL.POL.1ª CLAS.	524	2.728.712,18	5.207,47	3.617,68	1,44
DEL.POL.2ª CLAS.	705	2.883.415,95	4.089,95	3.189,30	1,28
DEL.POL.3ª CLAS.	967	3.321.408,04	3.434,75	2.897,38	1,19
DEL.POL.4ª CLAS.	745	2.344.285,81	3.146,89	2.641,98	1,19
DEL.POL.SUBST.	2	7.201,65	3.600,83	2.641,98	1,36
DEL.POL.5ª CLAS.	42	88.354,80	2.103,89	1.885,94	1,12
TOTAL	3.133	12.438.036,56			

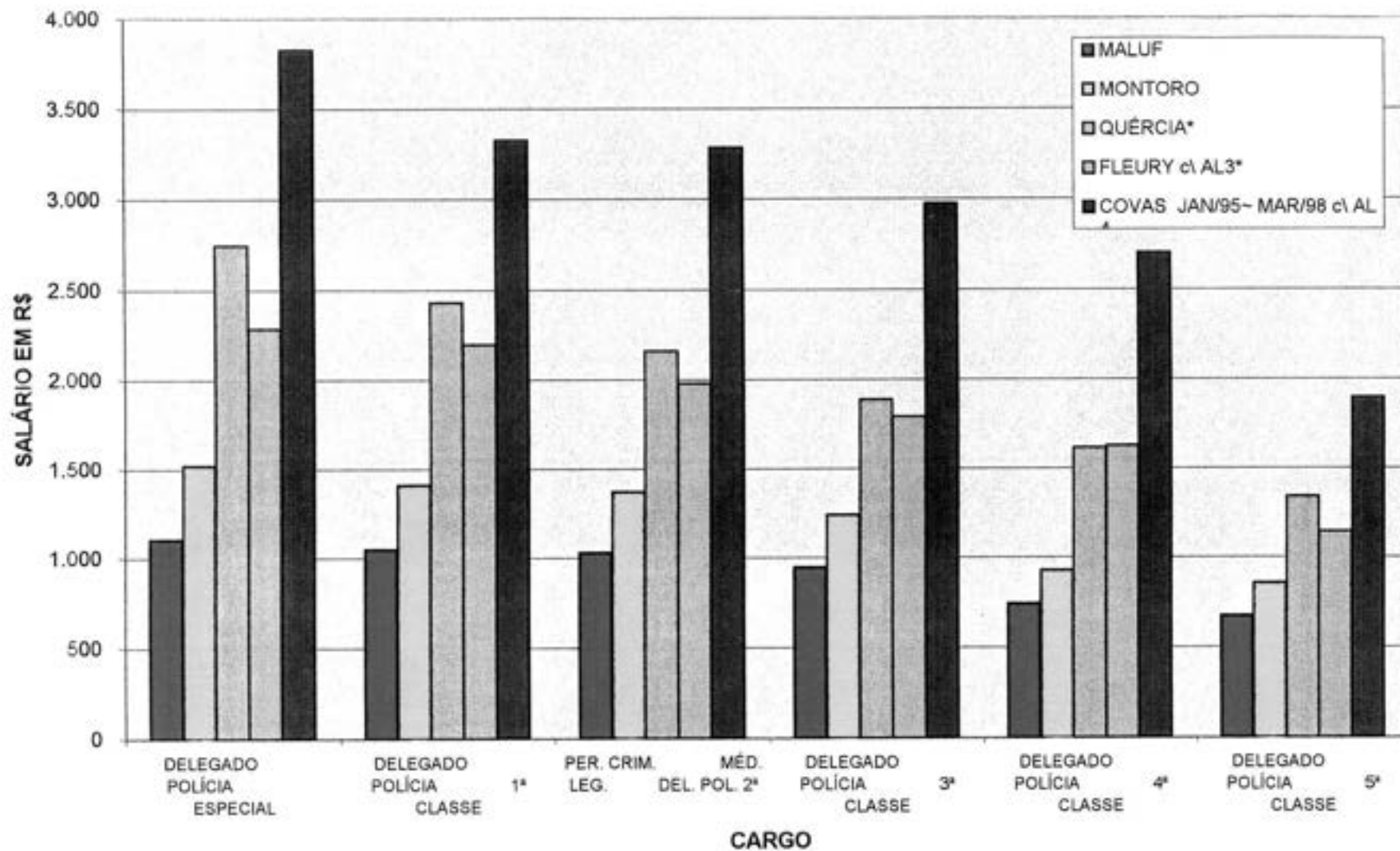
CARGO	SERVIDORES INATIVOS				
	1	2	3	4	5
	QTDE.	VENC. BRUTO	VENC. MÉDIO	SAL.BASE+RETP +INSAL+AUX.ALI +AL ₄	ÍNDICE
DEL.POL.CLAS.ESP.	567	3.202.594,86	5.648,32	3.700,12	1,53
DEL.POL.1ª CLAS.	300	1.542.405,27	5.141,35	3.617,68	1,42
DEL.POL.2ª CLAS.	182	845.741,95	4.646,93	3.189,30	1,46
DEL.POL.3ª CLAS.	108	442.054,20	4.093,09	2.897,38	1,41
DEL.POL.4ª CLAS.	56	198.018,58	3.536,05	2.641,98	1,34
DEL.POL.SUBST.	16	55.188,15	3.449,26	2.641,98	1,31
DEL.POL.5ª CLAS.	0	0,00	0,00	1.885,94	0,00
TOTAL	1.229	6.286.003,01			

CARGO	TOTAL DE SERVIDORES ATIVOS E INATIVOS				
	1	2	3	4	5
	QTDE.	VENC. BRUTO	VENC. MÉDIO	SAL.BASE+RETP +INSAL+AUX.ALI +AL ₄	ÍNDICE
DEL.POL.CLAS.ESP.	715	4.267.252,99	5.968,19	3.700,12	1,61
DEL.POL.1ª CLAS.	824	4.271.117,45	5.183,39	3.617,68	1,43
DEL.POL.2ª CLAS.	887	3.729.157,90	4.204,24	3.189,30	1,32
DEL.POL.3ª CLAS.	1.075	3.763.462,24	3.500,90	2.897,38	1,21
DEL.POL.4ª CLAS.	801	2.542.304,39	3.173,91	2.641,98	1,20
DEL.POL.SUBST.	18	62.389,80	3.466,10	2.641,98	1,31
DEL.POL.5ª CLAS.	42	88.354,80	2.103,89	1.885,94	1,12
TOTAL	4.362	18.724.039,57			

SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO
MINISTÉRIO PÚBLICO - MARÇO/98

DENOMINAÇÃO	SALÁRIO BASE	VERBA %	REPRESENTAÇÃO VALOR	TOTAL INICIAL
Procurador Geral de Justiça	2.475,36	2,22	5.495,30	7.970,66
Procurador de Justiça	2.475,36	2,22	5.495,30	7.970,66
Promotor de Justiça Entrância Especial	2.227,83	2,22	4.945,78	7.173,61
Promotor de 4ª Entrância	2.104,06	2,22	4.671,01	6.775,07
Promotor de 3ª Entrância	2.005,04	2,22	4.451,19	6.456,23
Promotor de 2ª Entrância	1.807,02	2,22	4.011,58	5.818,60
Promotor de 1ª Entrância	1.633,74	2,22	3.626,90	5.260,64
Promotor de Justiça Substituto Vitalício	1.485,22	1,70	2.524,87	4.010,09
Promotor de Justiça Substituto não Vitalício	1.336,70	1,70	2.272,39	3.609,09

COMPARATIVO DAS MÉDIAS DOS SALÁRIOS DA POLÍCIA CIVIL



COMPARATIVO DAS MÉDIAS DOS SALÁRIOS DA POLÍCIA CIVIL

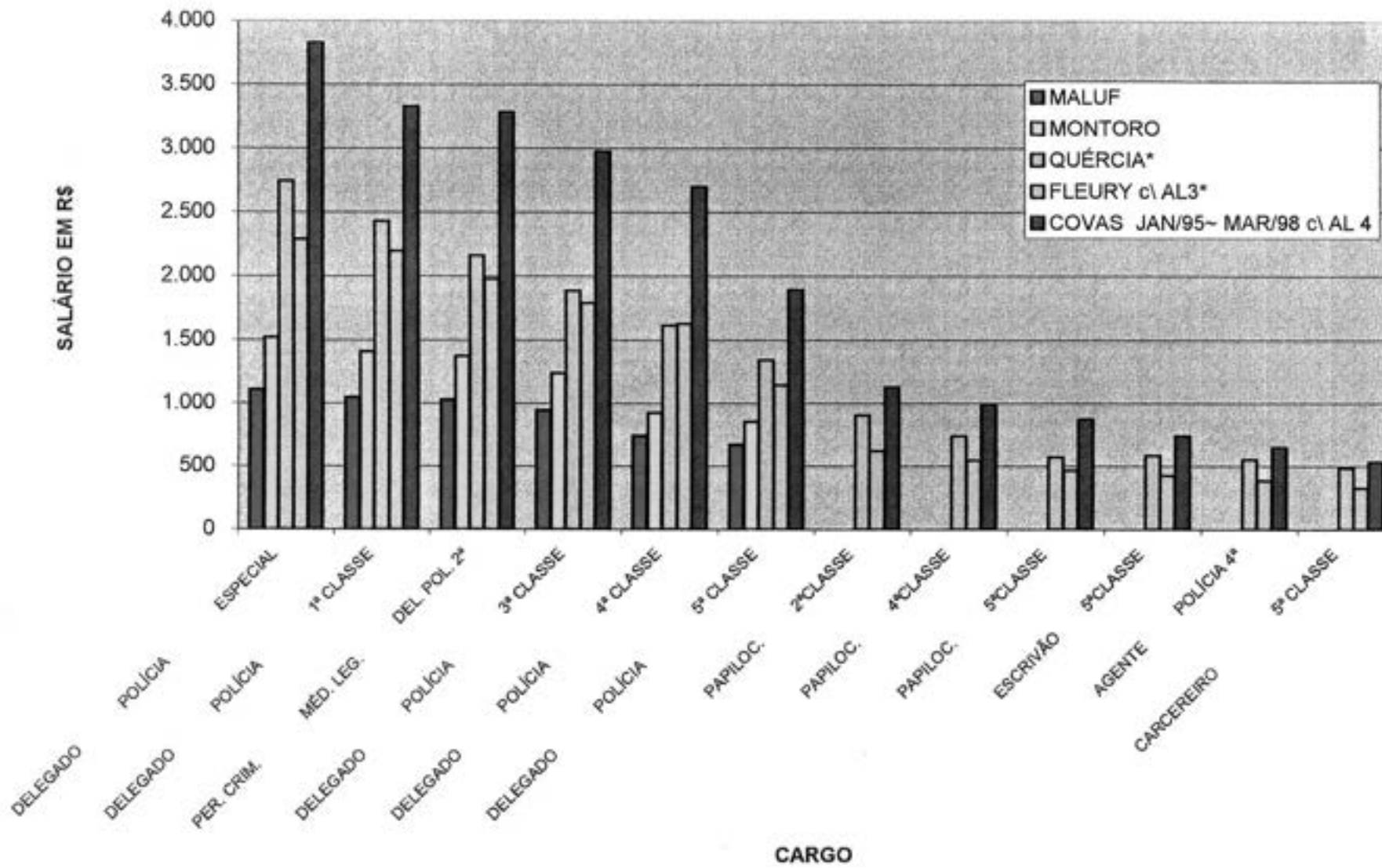


TABELA DA MÉDIA DOS SALÁRIOS BÁSICO DA POLÍCIA CIVIL

Cargos Governo #	DELEGADO POLÍCIA ESPECIAL	DELEGADO POLÍCIA 1ª CLASSE	PER. CRIM. MÉD. LEG. DEL. POL. 2ª	DELEGADO POLÍCIA 3ª CLASSE	DELEGADO POLÍCIA 4ª CLASSE	DELEGADO POLÍCIA 5ª CLASSE	PAPILOC. 2ª CLASSE	PAPILOC. 4ª CLASSE	PAPILOC. 5ª CLASSE	ESCRIVÃO 5ª CLASSE	AGENTE POLÍCIA 4ª	CARCEREIRO 5ª CLASSE	Maior/Menor
MALUF	1.106,23	1.047,15	1.029,71	944,63	741,43	672,54	ND	ND	ND	ND	ND	ND	ND
MONTORO	1.519,20	1.410,37	1.371,71	1.238,37	924,75	854,76	ND	ND	ND	ND	ND	ND	ND
QUÉRCIA*	2.743,52	2.429,02	2.158,67	1.884,75	1.613,23	1.339,63	905,00	738,59	570,95	582,45	550,20	482,27	5,69
FLEURY c/ AL3*	2.286,23	2.196,13	1.975,83	1.789,86	1.626,31	1.141,13	819,72	542,84	464,40	426,46	385,23	325,76	7,02
MÉDIA 3 ANOS COVAS C/AL3	3.847,82	3.652,30	3.300,34	2.987,50	2.713,77	1.903,49	1.123,07	989,97	868,67	732,29	638,27	525,16	7,33
COVAS MAR/98 c/ AL 4	3.681,06	3.399,09	3.071,53	2.780,38	2.525,63	1.771,52	1.157,44	1.035,36	925,06	799,90	738,04	595,76	6,01

VALORES INCLUEM: SALÁRIO BASE + R.E.T.P. + AUXÍLIO ALIMENTAÇÃO + AUXÍLIO DE INSALUBRIDADE

(TODOS OS VALORES SÃO REFERENCIADOS A MARÇO DE 1998, ÍNDICE FIPE DE CORREÇÃO)

(TODOS OS VALORES SÃO REFERENCIADOS A MAIO DE 1997)

OBS.:

NÃO EXISTEM DADOS DISPONÍVEIS DOS GOVERNOS DE MALUF E MONTORO

* MÉDIA DOS QUATRO ANOS DE GOVERNO

AL 3 = ADICIONAL DE LOCALIDADE, VIGENTE NA CAPITAL E NAS CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES

5ª Classe = REFERE-SE AO INGRESSANTE NO CARGO, REGRA VÁLIDA PARA TODOS OS CARGOS DA CARREIRA

TABELA DA MÉDIA DOS SALÁRIOS BÁSICO DA POLÍCIA CIVIL (2)

Cargos Governos	DELEGADO POLÍCIA ESPECIAL	DELEGADO POLÍCIA 1ª CLASSE	PER. CRIM. MÉD. LEG. DEL. POL. 2ª	DELEGADO POLÍCIA 3ª CLASSE	DELEGADO POLÍCIA 4ª CLASSE	DELEGADO POLÍCIA 5ª CLASSE	PAPILOC. 2ª CLASSE	PAPILOC. 4ª CLASSE	PAPILOC. 5ª CLASSE	ESCRIVÃO 5ª CLASSE	AGENTE POLÍCIA 4ª	CARCEREIRO 5ª CLASSE	Maior/Menor
MALUF	1.106,23	1.047,15	1.029,71	944,63	741,43	672,54	ND	ND	ND	ND	ND	ND	ND
MONTEIRO	1.619,20	1.410,37	1.371,71	1.238,37	924,75	854,78	ND	ND	ND	ND	ND	ND	ND
QUÉRCIA*	2.743,52	2.429,02	2.158,67	1.884,75	1.613,23	1.339,63							5,69
FLEURY cl AL3*	2.286,23	2.196,13	1.975,83	1.789,88	1.625,31	1.141,13							7,02
COVAS JAN/95- MAR/98 cl AL 4	3.827,30	3.325,13	3.282,74	2.971,57	2.699,30	1.893,34							7,21

VALORES INCLUEM: SALÁRIO BASE + R.E.T.P. + AUXÍLIO ALIMENTAÇÃO + AUXÍLIO DE INSALUBRIDADE

(TODOS OS VALORES SÃO REFERENCIADOS A MARÇO DE 1998, ÍNDICE FIPE DE CORREÇÃO)

(TODOS OS VALORES SÃO REFERENCIADOS A MAIO DE 1997)

OBS.:

ND= DADOS NÃO DISPONÍVEIS

* MÉDIA DOS QUATRO ANOS DE GOVERNO

AL 3 = ADICIONAL DE LOCALIDADE, VIGENTE NA CAPITAL E NAS CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES

5ª Classe = REFERE-SE AO INGRESSANTE NO CARGO, REGRA VÁLIDA PARA TODOS OS CARGOS DA CARREIRA

Cargos Governos	DELEGADO POLÍCIA ESPECIAL	DELEGADO POLÍCIA 1ª CLASSE	PER. CRIM. MÉD. LEG. DEL. POL. 2ª	DELEGADO POLÍCIA 3ª CLASSE	DELEGADO POLÍCIA 4ª CLASSE	DELEGADO POLÍCIA 5ª CLASSE	PAPILOC. 2ª CLASSE	PAPILOC. 4ª CLASSE	PAPILOC. 5ª CLASSE	ESCRIVÃO 5ª CLASSE	AGENTE POLÍCIA 4ª	CARCEREIRO 5ª CLASSE
MALUF	1.106,23	1.047,15	1.029,71	944,63	741,43	672,54	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
MONTEIRO	1.619,20	1.410,37	1.371,71	1.238,37	924,75	854,78	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00	0,00
QUÉRCIA*	2.743,52	2.429,02	2.158,67	1.884,75	1.613,23	1.339,63	906,00	738,59	570,95	582,45	550,20	482,27
FLEURY cl AL3*	2.286,23	2.196,13	1.975,83	1.789,88	1.625,31	1.141,13	619,72	542,84	464,40	426,48	385,23	325,76
COVAS JAN/95- MAR/98 cl AL 4	3.827,30	3.325,13	3.282,74	2.971,57	2.699,30	1.893,34	1.125,72	993,47	872,70	737,49	645,96	530,59

POLÍCIA CIVIL

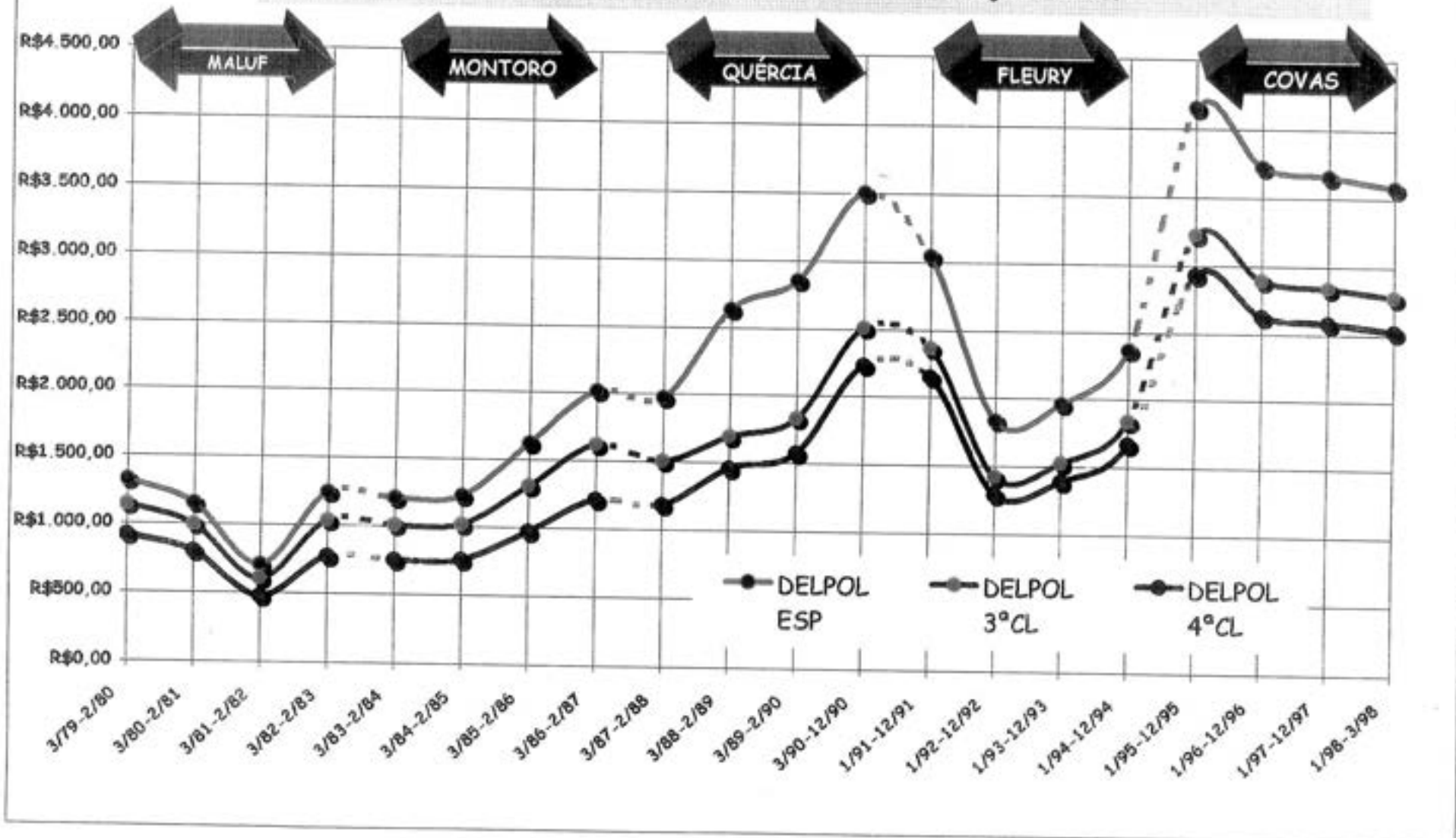
PERÍODOS DE GOVERNO		DELPOL	DELPOL	DELPOL	PAPI	ESCRIPOL	AGEPOL	CARC
		ESP	3ºCL	5ºCL	4ºCL	L 5ºCL	4ºCL	5ºCL
					B	D	E	F
MALUF	3/79-2/80	1.322,45	1.141,85	825,87	-	-	-	
	3/80-2/81	1.153,73	996,16	720,50	-	-	-	
	3/81-2/82	706,54	604,39	431,39	-	-	-	
	3/82-2/83	1.242,19	1.036,12	712,39	-	-	-	
COVAS	1/95-12/95	4.153,22	3.224,61	2.054,57	1.031,86	756,54	650,97	538,39
	1/96-12/96	3.728,66	2.894,99	1.844,54	935,89	685,77	589,86	487,59
	1/97-12/97	3.661,57	2.842,89	1.811,35	1.002,17	754,57	673,99	549,51
	1/98-3/98	3.581,05	2.780,38	1.771,52	1.035,36	799,90	738,04	595,76

(*)C/AL3

(**)C/AL4

FONTES: (1) SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO; (2) FIPE

EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DOS POLICIAIS CIVIS, PERÍODOS DE GOVERNO DE 1979 A 1998.
VALORES EM REAIS, CORRIGIDOS PARA MARÇO DE 1998.



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DA POLÍCIA CIVIL - PERÍODO DE MARÇO DE 79 a MARÇO DE 98
VALORES EM REAL, MARÇO DE 1998

PERÍODOS DE GOVERNO		DELPOL	DELPOL	DELPOL	DELPOL	DELPOL	PAPI	PAPI	PAPI	ESCRIPOL	AGEPOL	CARC	MAIOR/ MENOR	
		ESP	1ªCL	2ªCL	3ªCL	4ªCL	5ªCL	2ªCL	4ªCL	5ªCL	L 6ªCL	4ªCL		5ªCL
MALUF	3/79-2/80	1322,46	1255,39	1249,76	1141,85	917,57	825,87	-	-	-	-	-	1,60	
	3/80-2/81	1153,73	1095,20	1090,30	996,16	800,58	720,50	-	-	-	-	-	1,60	
	3/81-2/82	705,54	668,11	659,25	604,39	476,18	431,39	-	-	-	-	-	1,64	
	3/82-2/83	1242,19	1168,92	1119,53	1036,12	771,28	712,39	-	-	-	-	-	1,74	
MONTORO	3/83-2/84	1206,35	1137,08	1089,03	1007,90	750,27	692,98	-	-	-	-	-	1,74	
	3/84-2/85	1228,99	1153,12	1108,13	1019,39	758,82	700,91	-	-	-	-	-	1,75	
	3/85-2/86	1622,55	1499,88	1483,87	1307,76	973,56	899,40	-	-	-	-	-	1,80	
	3/86-2/87	2016,89	1851,38	1825,79	1618,43	1216,33	1125,82	-	-	-	-	-	1,79	
QUÉRCIA	3/87-2/88	1971,96	1781,33	1709,90	1504,70	1182,19	1075,94	786,40	686,10	632,41	583,85	547,96	525,81	3,75
	3/88-2/89	2638,40	2274,51	1961,82	1690,18	1457,18	1256,19	871,22	696,47	556,85	531,85	506,52	405,20	6,51
	3/89-2/90	2656,96	2462,90	2127,33	1830,28	1677,87	1360,21	945,74	796,47	613,31	584,34	552,18	476,96	5,99
	3/90-12/90	3506,86	3197,34	2835,62	2513,85	2235,68	1686,18	1016,65	813,31	661,24	629,75	594,12	521,11	6,73
FLEURY C/ AL3	1/91-12/91	3045,20	2891,05	2613,57	2366,93	2151,12	1512,31	777,02	688,34	561,75	540,54	516,54	443,91	6,85
	1/92-12/92	1835,18	1741,29	1572,37	1422,20	1290,79	901,88	482,12	407,76	344,15	328,80	311,21	279,99	6,55
	1/93-12/93	1963,28	1864,26	1686,06	1527,65	1389,04	978,76	574,17	513,01	456,13	423,30	356,99	283,82	6,92
	1/94-12/94	2368,27	2247,93	2031,31	1838,77	1670,28	1171,57	635,56	562,25	495,59	413,18	356,18	295,32	8,02
COVAS C/ AL3	1/95-12/95	4153,22	3942,18	3562,29	3224,61	2929,16	2054,57	1173,97	1031,86	901,72	796,54	660,97	598,39	7,71
	1/96-12/96	3728,66	3539,20	3198,14	2894,99	2629,74	1844,54	1065,00	935,89	817,66	685,77	589,86	487,59	7,65
	1/97-12/97	3661,57	3475,52	3140,59	2842,89	2582,42	1811,35	1130,25	1002,17	885,64	754,57	673,99	549,51	6,66
C/AL4	1/98-3/98	3581,05	3399,09	3071,53	2780,38	2525,63	1771,52	1157,44	1035,36	925,06	799,90	738,04	595,76	6,01

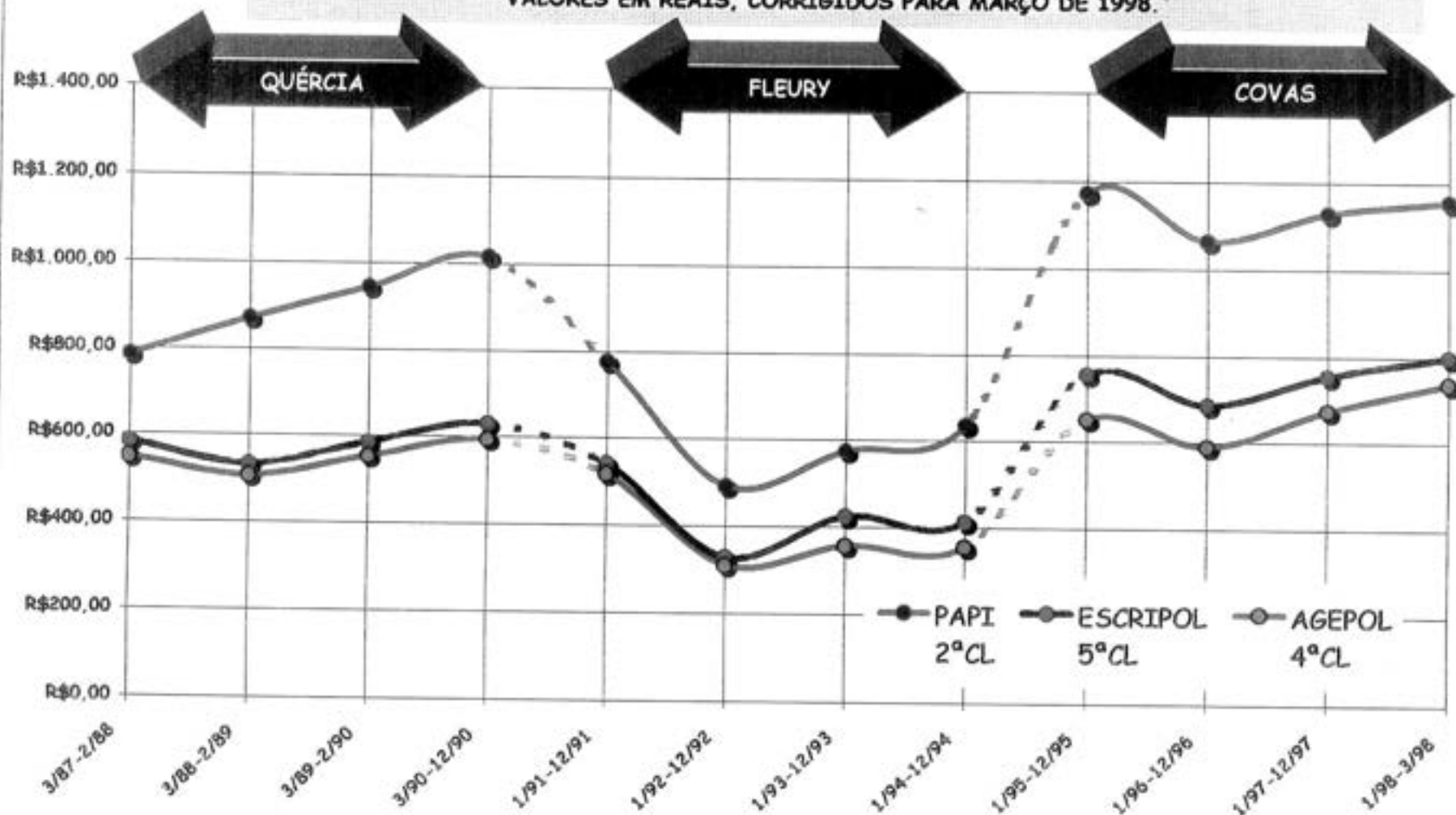
1ª SARG 2ª SARG 3ª SARG CADD 4ª SD 5ª SD

NOTAS:

1. Em 1997, por ocasião do último reajuste, e com vigência a partir de 01/07/97, foi criado mais um nível para Adicional de Localidade (AL4)
2. VALORES INCLUEM SALÁRIO BASE + RETP + ADICIONAL DE LOCALIDADE 4
3. ADICIONAL DE LOCALIDADE 4: VALOR PAGO AOS POLICIAIS MILITARES QUE ATUAM EM CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES.

FONTES: (1) SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO; (2) FIPE

EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DOS POLICIAIS CIVIS. PERÍODOS DE GOVERNO DE 1979 A 1998.
VALORES EM REAIS, CORRIGIDOS PARA MARÇO DE 1998.



FONTES: (1) SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO; (2) FIPE

TABELA DA MÉDIA DOS SALÁRIOS BÁSICO DA POLÍCIA MILITAR

Patente/ Governo	Cel.	Ten. Cel.	Major	Capitão	1º Ten.	2º Ten.	ASP OF	1º Sarg.	2º Sarg.	3º Sarg.	Cabo	Sold. 1º Cla.	Sold. 2º Cla.	Major/Menor
MALUF*	1.106,23	1.047,16	954,71	844,83	741,43	672,54	630,61	479,30	471,23	415,46	359,53	322,32	322,32	3,43
MONTEIRO*	1.519,20	1.410,37	1.371,71	1.238,37	924,76	854,78	705,65	617,51	579,61	524,10	485,50	431,25	394,58	3,88
QUÉRCIA*	2.743,52	2.429,02	2.158,67	1.884,75	1.613,23	1.339,25	1.139,35	904,75	738,09	615,95	582,45	550,20	482,27	5,69
FLEURY C. AL 3*	2.295,23	2.169,76	1.960,14	1.773,61	1.610,77	1.128,16	1.064,40	664,40	525,71	464,41	415,65	374,80	315,54	7,25
MÉDIA 3 ANOS COVAS CIAL 3	3.847,82	3.652,30	3.300,34	2.987,50	2.711,17	1.901,68	1.726,36	1.123,07	989,97	868,34	732,29	638,27	526,17	7,31
COVAS MAR/98 c/ AL 4	3.581,05	3.399,09	3.071,53	2.780,38	2.525,63	1.771,52	1.608,67	1.157,44	1.035,36	925,06	799,90	738,04	601,75	5,95

VALORES INCLUEM: SALÁRIO BASE + R.E.T.P. + AL 4

(TODOS OS VALORES SÃO REFERENCIADOS A MARÇO DE 1998, ÍNDICE FIPE DE CORREÇÃO)

OBS.: EM 1997, POR OCASIÃO DO ÚLTIMO REAJUSTE, E COM VIGÊNCIA A PARTIR DE 01/07/97, FOI CRIADO MAIS UM NÍVEL PI ADICIONAL DE LOCALIDADE (AL4)

* MÉDIA DOS QUATRO ANOS DE GOVERNO;

AL 3 = ADICIONAL DE LOCALIDADE NA CAPITAL E NAS CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES;

AL 4 = ADICIONAL DE LOCALIDADE EM CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES;

Sold. 2º Cla. = Soldado Aluno, ingressante na carreira, que após 12 meses passa a 1ª Classe

TABELA DA MÉDIA DOS SALÁRIOS BÁSICO DA POLÍCIA MILITAR (2)

Patente/ Governo	Cel.	Ten. Cel.	Major	Capitão	1º Ten.	2º Ten.	Asp. Oficial	1º Sarg.	2º Sarg.	3º Sarg.	Cabo	Sold. 1º Cla.	Sold. 2º Cla.	Maior/Menor
MALUF*	1.106,23	1.047,18	954,71	944,63	741,43	672,54	630,61	479,30	471,23	415,46	359,53	322,32	322,32	3,43
MONTEIRO*	1.519,20	1.410,37	1.371,71	1.238,37	924,75	854,78	705,65	617,51	579,61	524,10	485,50	431,25	394,58	3,85
QUÉRCIA*	2.743,52	2.429,02	2.158,57	1.894,75	1.613,23	1.339,25	1.139,35	904,75	738,09	615,95	582,45	550,20	482,27	5,69
FLEURY C/AL3*	2.296,23	2.169,76	1.960,14	1.773,81	1.610,77	1.128,16	1.064,40	664,40	525,71	464,41	415,65	374,80	315,54	7,25
COVAS JAN/95- MAR/98 c/ AL 4**	3.827,30	3.632,82	3.282,74	2.971,56	2.699,30	1.893,34	1.717,15	1.129,68	993,19	872,70	737,49	707,49	531,98	7,19

VALORES INCLUEM: SALÁRIO BASE + R.E.T.P. + AL 4

(TODOS OS VALORES SÃO REFERENCIADOS A MARÇO DE 1998, ÍNDICE FIPE DE CORREÇÃO)

OBS.: EM 1997, POR OCASIÃO DO ÚLTIMO REAJUSTE, E COM VIGÊNCIA A PARTIR DE 01/07/97, FOI CRIADO MAIS UM NÍVEL PI ADICIONAL DE LOCALIDADE (AL4)

* MÉDIA DOS QUATRO ANOS DE GOVERNO;

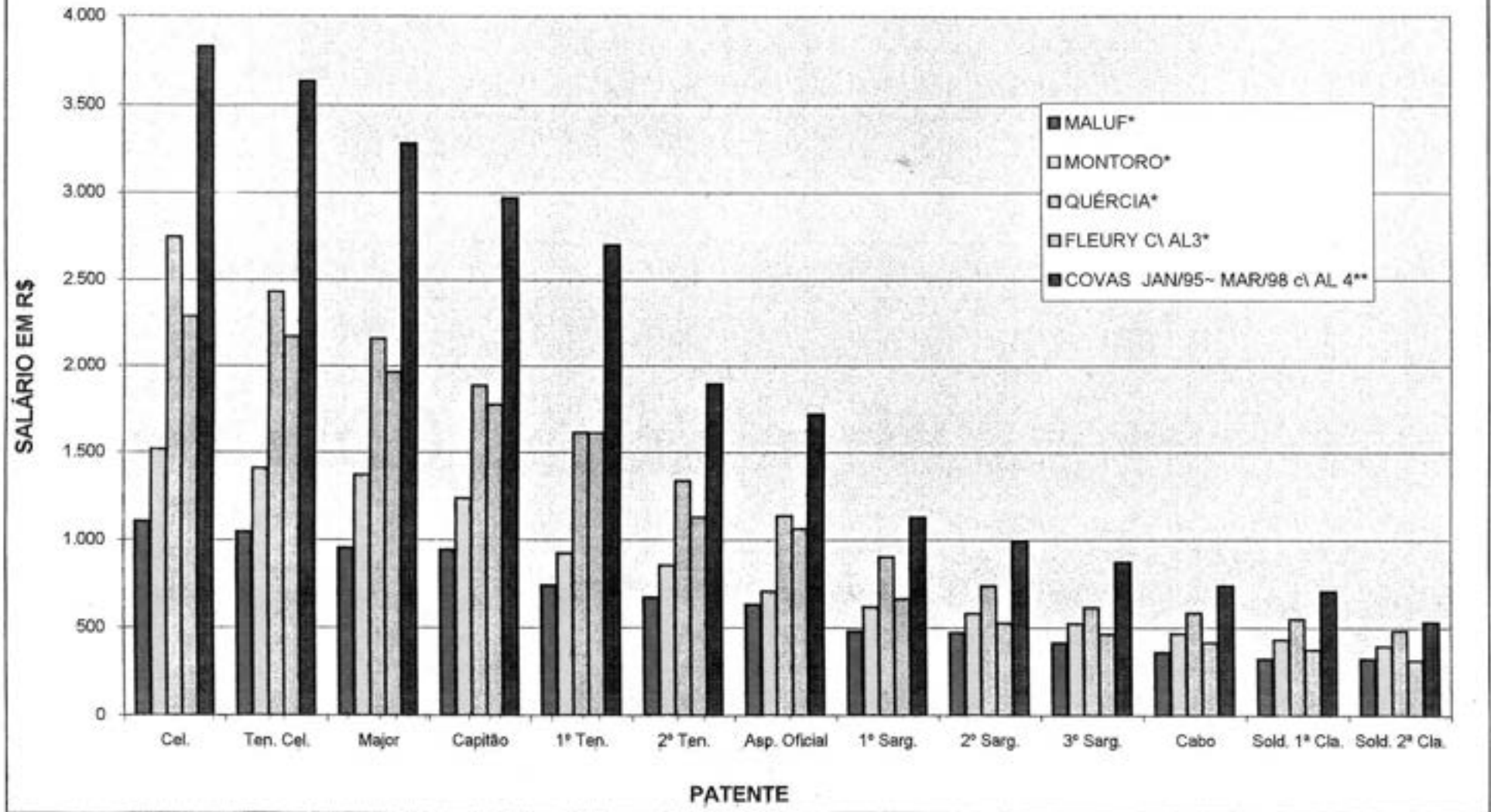
** MÉDIA DOS 39 MESES DE GOVERNO;

AL 3 = ADICIONAL DE LOCALIDADE NA CAPITAL E NAS CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES;

AL 4 = ADICIONAL DE LOCALIDADE EM CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES;

Sold. 2º Cla. = Soldado Aluno, Ingressante na carreira, que após 12 meses passa a 1ª Classe

COMPARATIVO DAS MÉDIAS DOS SALÁRIOS DA POLÍCIA MILITAR



GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO - SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DA POLÍCIA MILITAR- PERÍODO DE MARÇO DE 79 a MAIO DE 97
 VALORES EM REAL, MARÇO DE 1998

PERÍODOS DE GOVERNO		CEL	TEN CEL	MJR	CAP	1o TE N	2o TE N	ASP OF	1o SGT	2o SGT	3o SGT	CABO	SD 1C	SD 2C	MAIOR MENOR
MALUF	3/79-2/80	1322,46	1266,39	1249,76	1141,85	917,67	825,87	816,27	599,53	589,45	519,69	452,68	411,93	411,93	3,21
	3/80-2/81	1153,73	1095,20	1090,30	995,16	800,58	720,50	712,13	523,06	514,26	453,40	394,93	369,37	359,37	3,21
	3/81-2/82	706,54	669,11	659,25	604,39	476,18	431,39	408,02	308,37	303,17	267,29	231,55	207,85	207,65	3,40
	3/82-2/83	1242,19	1168,92	1119,53	1036,12	771,28	712,39	598,01	486,24	478,04	421,47	358,94	310,14	309,21	4,02
MONTORO	3/83-2/84	1208,36	1137,08	1089,03	1007,90	760,27	692,98	570,05	472,99	465,02	409,98	349,16	322,08	311,16	3,88
	3/84-2/85	1228,99	1153,12	1108,13	1019,39	758,82	700,91	586,03	486,03	471,43	417,85	369,60	340,93	329,18	3,73
	3/85-2/86	1622,55	1499,88	1463,87	1307,76	973,66	899,40	599,72	567,20	612,23	556,95	493,68	455,41	438,85	3,70
	3/86-2/87	2016,89	1851,38	1825,79	1618,43	1216,33	1125,82	1066,80	843,82	769,75	711,61	649,57	606,56	599,13	3,37
QUÉRCIA	3/87-2/88	1971,96	1781,33	1709,90	1604,70	1182,19	1078,94	992,99	785,40	686,10	632,41	583,85	547,98	525,81	3,75
	3/88-2/89	2638,40	2274,51	1961,82	1690,18	1457,18	1256,19	1012,21	871,22	696,47	556,85	531,85	506,52	405,20	6,51
	3/89-2/90	2856,86	2462,90	2127,33	1830,28	1577,87	1380,21	1096,79	945,74	756,47	613,31	584,34	552,18	476,96	5,99
	3/90-12/90	3506,86	3197,34	2835,62	2513,85	2236,68	1866,16	1455,42	1016,65	813,31	651,24	629,75	594,12	521,11	6,73
FLEURY C/ AL3	1/81-12/91	3045,20	2891,05	2613,57	2365,93	2151,12	1812,31	1454,14	777,02	689,34	561,75	540,54	516,54	443,91	6,85
	1/82-12/92	1835,18	1741,29	1572,37	1422,20	1290,79	901,88	851,82	492,12	407,76	344,15	328,80	311,21	279,99	6,65
	1/93-12/93	1963,28	1864,26	1696,06	1527,65	1389,04	978,76	889,09	574,17	513,01	456,13	423,30	356,99	283,62	6,82
	1/94-12/94	2368,27	2247,93	2031,31	1838,77	1670,28	1171,57	1062,54	635,66	562,25	495,59	413,18	356,18	296,32	8,02
COVAS C/ AL3	1/85-12/85	4153,22	3942,18	3552,29	3224,61	2929,16	2054,57	1863,38	1173,97	1031,86	901,72	766,64	650,97	538,39	7,71
	1/86-12/86	3728,66	3539,20	3198,14	2894,99	2629,74	1844,54	1672,90	1065,00	935,89	817,66	685,77	589,86	487,69	7,66
	1/87-12/87	3661,68	3475,62	3140,69	2842,90	2582,42	1811,36	1633,73	1130,25	1002,17	885,63	754,67	673,99	562,53	6,63
C/AL4	1/88-3/98	3581,05	3399,09	3071,53	2780,38	2525,63	1771,52	1606,67	1157,44	1035,36	925,04	799,90	738,04	601,75	5,95

NOTAS:

1. Em 1997, por ocasião do último reajuste, e com vigência a partir de 01/07/97, foi criado mais um nível para Adicional de Localidade (AL4)
2. VALORES INCLUEM SALÁRIO BASE + RETP + ADICIONAL DE LOCALIDADE 4
3. ADICIONAL DE LOCALIDADE 4: VALOR PAGO AOS POLICIAIS MILITARES QUE ATUAM EM CIDADES COM MAIS DE 500.000 HABITANTES.

FONTES: (1) SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO; (2) FIPE

POLÍCIA MILITAR

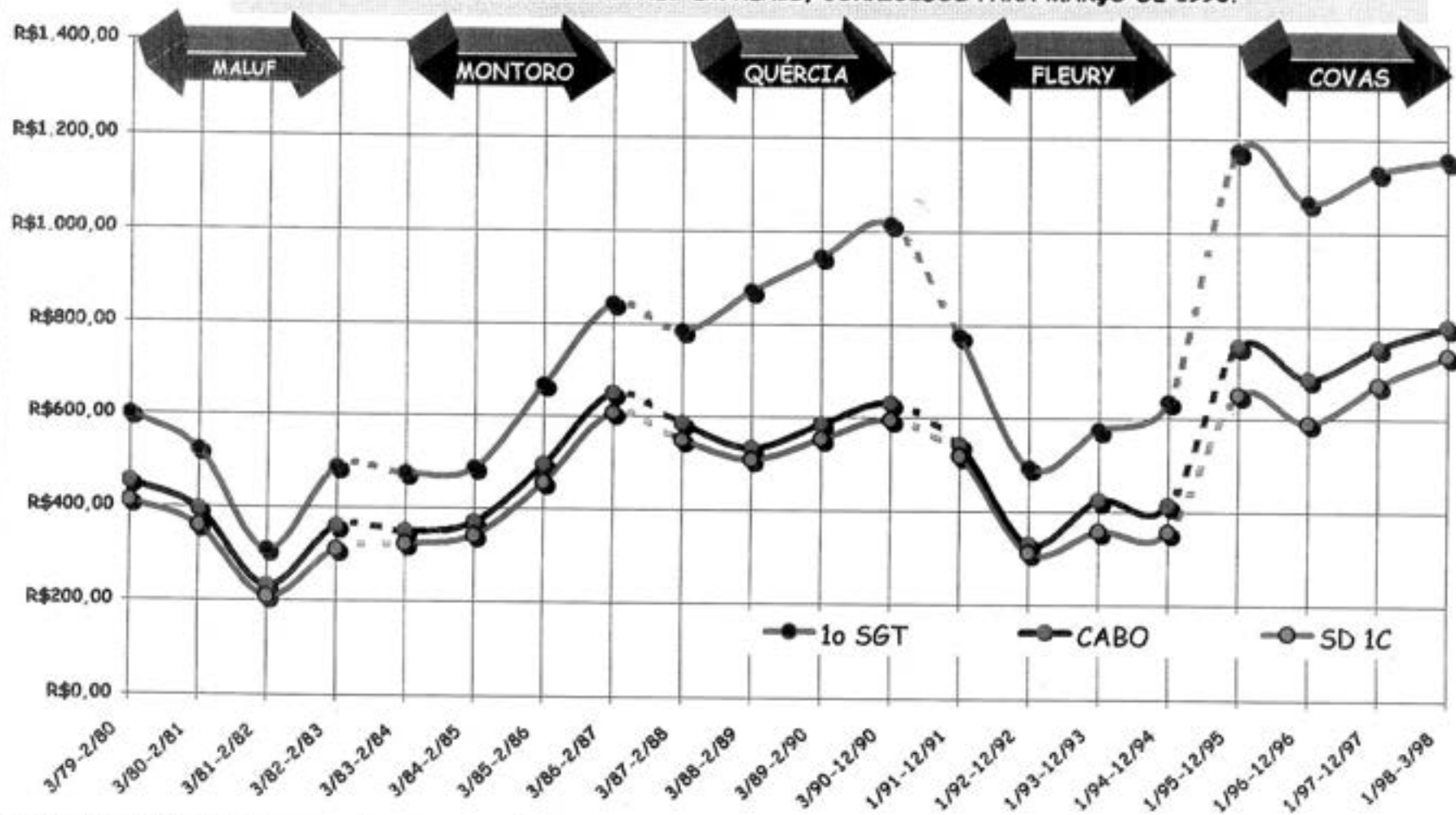
PERÍODOS DE GOVERNO		CEL	CAP	1o TE N	1o SGT	CABO	SD 1C
MALUF	3/79-2/80	1.322,45	1.141,85	917,67	599,53	452,68	411,93
	3/80-2/81	1.153,73	996,16	800,58	523,06	394,93	359,37
	3/81-2/82	706,54	604,39	476,18	308,37	231,55	207,85
	3/82-2/83	1.242,19	1.036,12	771,28	486,24	358,94	310,14
COVAS	1/95-12/95	4.153,22	3.224,61	2.929,16	1.173,97	756,54	650,97
	(*) 1/96-12/96	3.728,66	2.894,99	2.629,74	1.065,00	685,77	589,86
	1/97-12/97	3.661,58	2.842,90	2.582,42	1.130,25	754,57	673,99
	(**) 1/98-3/98	3.581,05	2.780,38	2.525,63	1.157,44	799,90	738,04

(*)C/ AL3

(**)C/AL4

FONTES: (1) SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO; (2) FIPE

EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DOS POLICIAIS MILITARES (PRAÇAS), PERÍODOS DE GOVERNO DE 1979 A 1998. VALORES EM REAIS, CORRIGIDOS PARA MARÇO DE 1998.



FONTES: (1) SECRETARIA DA ADMINISTRAÇÃO E MODERNIZAÇÃO DO SERVIÇO PÚBLICO; (2) FIPE

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO

VALORES EM REAL, MARÇO DE 1998

PERÍODOS DE GOVERNO		CEL	TEN CEL	MJR	CAP	1o TE N	2o TE N	ASP OF	1o SGT	2o SGT	3o SGT	CABO	SD 1C	SD 2C
		DELPOL	DELPOL	DELPOL	DELPOL	DELPOL	DELPOL		PAPI	PAPI	PAPI	ESCRIPOL	AGEPOL	CARC
		ESP	1ºCL	2ºCL	3ºCL	4ºCL	5ºCL		2ºCL	4ºCL	5ºCL	5ºCL	4ºCL	5ºCL
MALUF	3/79-2/80	1.322,45	1.255,39	1.249,75	1.141,85	917,67	825,87	816,27	599,53	589,45	519,69	452,68	411,93	411,93
	3/80-2/81	1.153,73	1.095,20	1.090,30	996,18	800,58	720,50	712,13	523,06	514,26	463,40	394,93	359,37	359,37
	3/81-2/82	706,54	689,11	659,25	604,39	475,18	431,39	408,02	309,37	303,17	267,29	231,55	207,85	207,85
	3/82-2/83	1.242,19	1.168,92	1.119,53	1.036,12	771,29	712,39	586,01	486,24	478,04	421,47	359,94	310,14	309,21
COVAS C/AL3	1/85-12/85	4.153,22	3.942,18	3.562,29	3.224,61	2.929,18	2.054,57	1.863,38	1.173,97	1.031,86	901,72	756,54	650,97	539,39
	1/86-12/86	3.728,66	3.539,20	3.198,14	2.894,99	2.629,74	1.844,54	1.672,90	1.065,00	935,89	817,66	685,77	589,86	487,59
	1/87-12/87	3.661,58	3.475,52	3.140,59	2.842,90	2.682,42	1.811,36	1.633,73	1.130,25	1.002,17	885,63	754,57	673,99	552,53
C/AL4	1/88-3/98	3.581,05	3.399,09	3.071,53	2.780,38	2.525,63	1.771,52	1.606,67	1.157,44	1.035,05	925,04	799,90	738,04	601,75

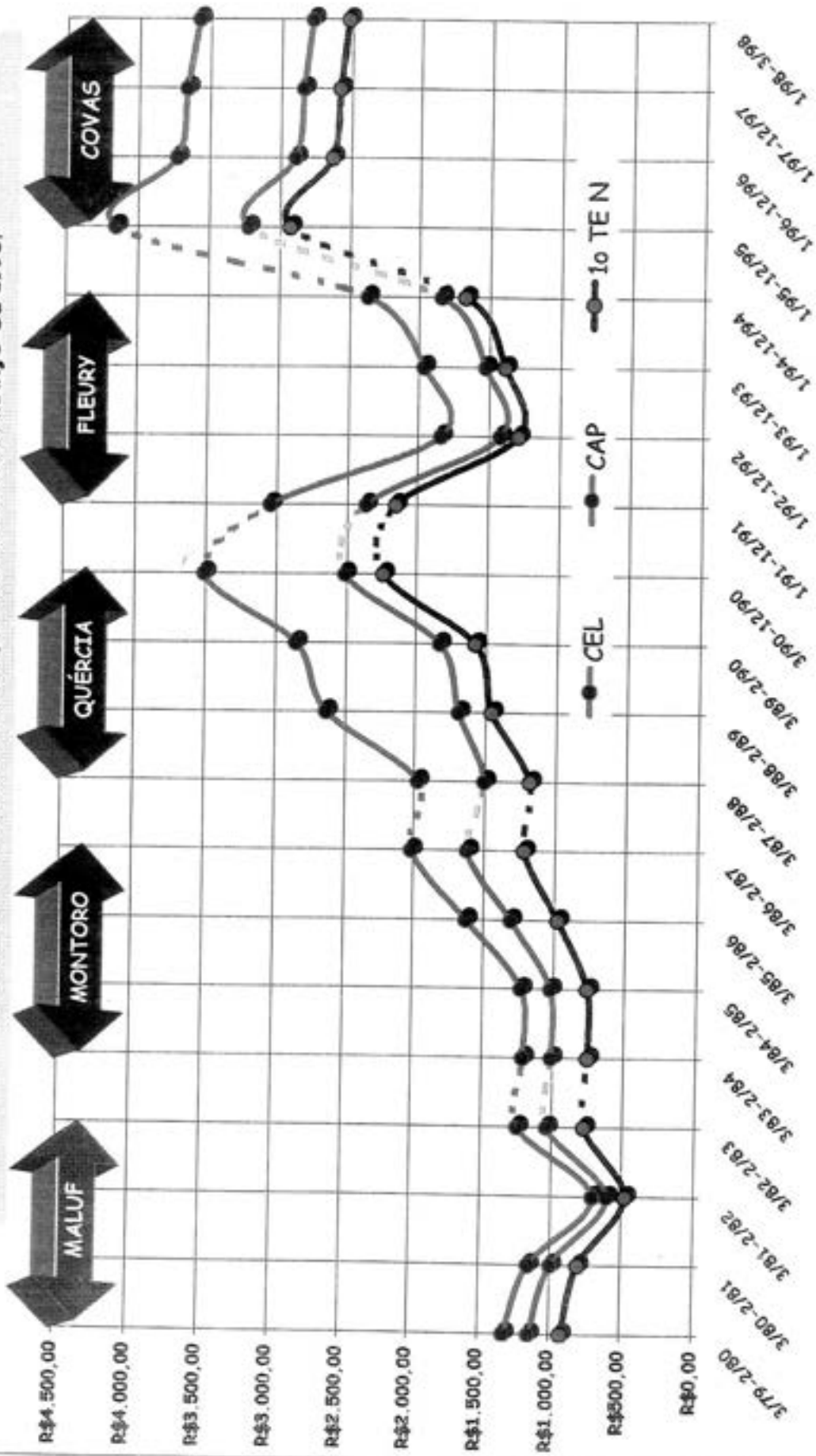
POLÍCIA MILITAR

POLÍCIA CIVIL

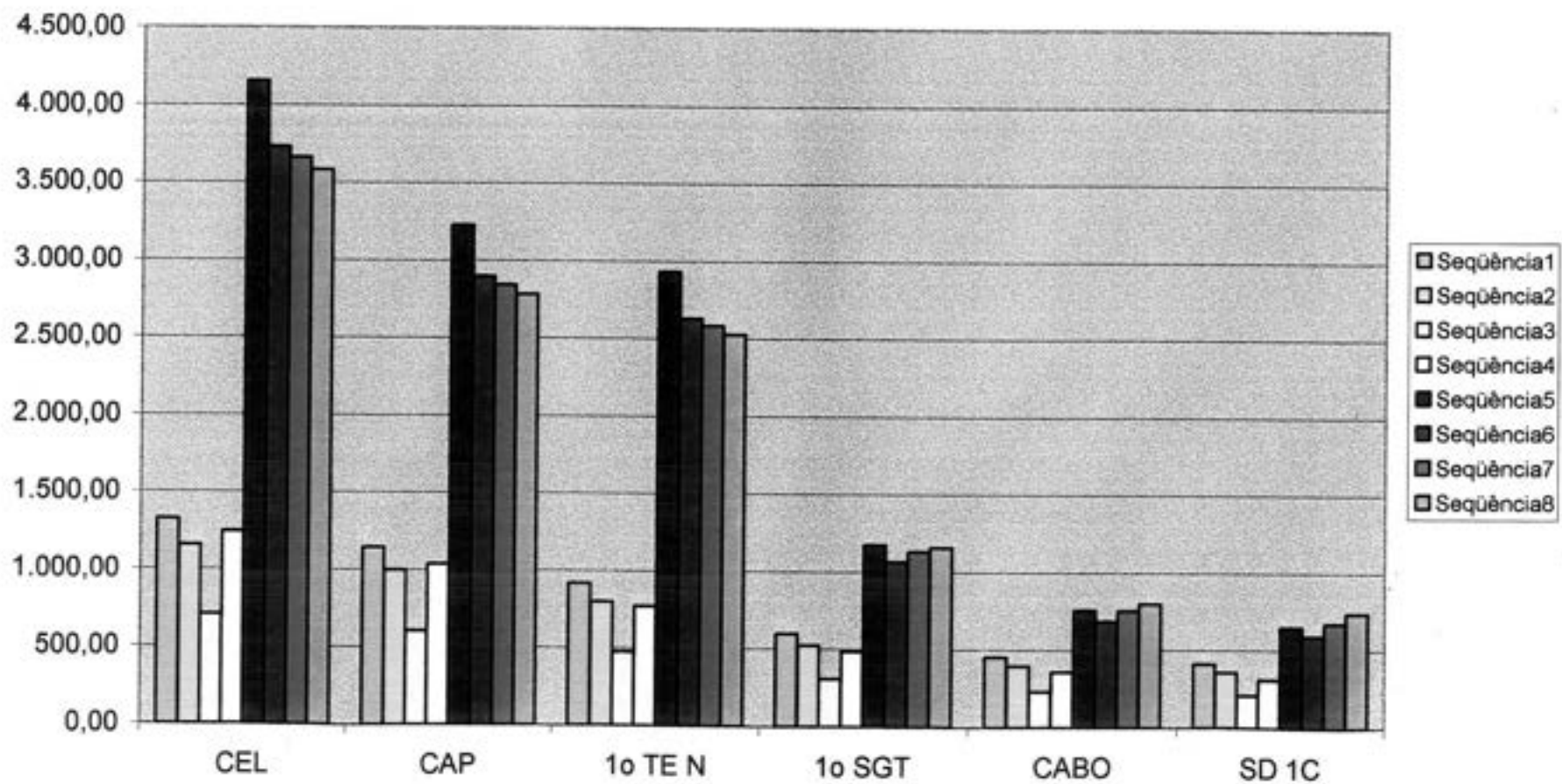
ABCDE...

COMPARATIVO SÓ PARA POLÍCIA MILITAR

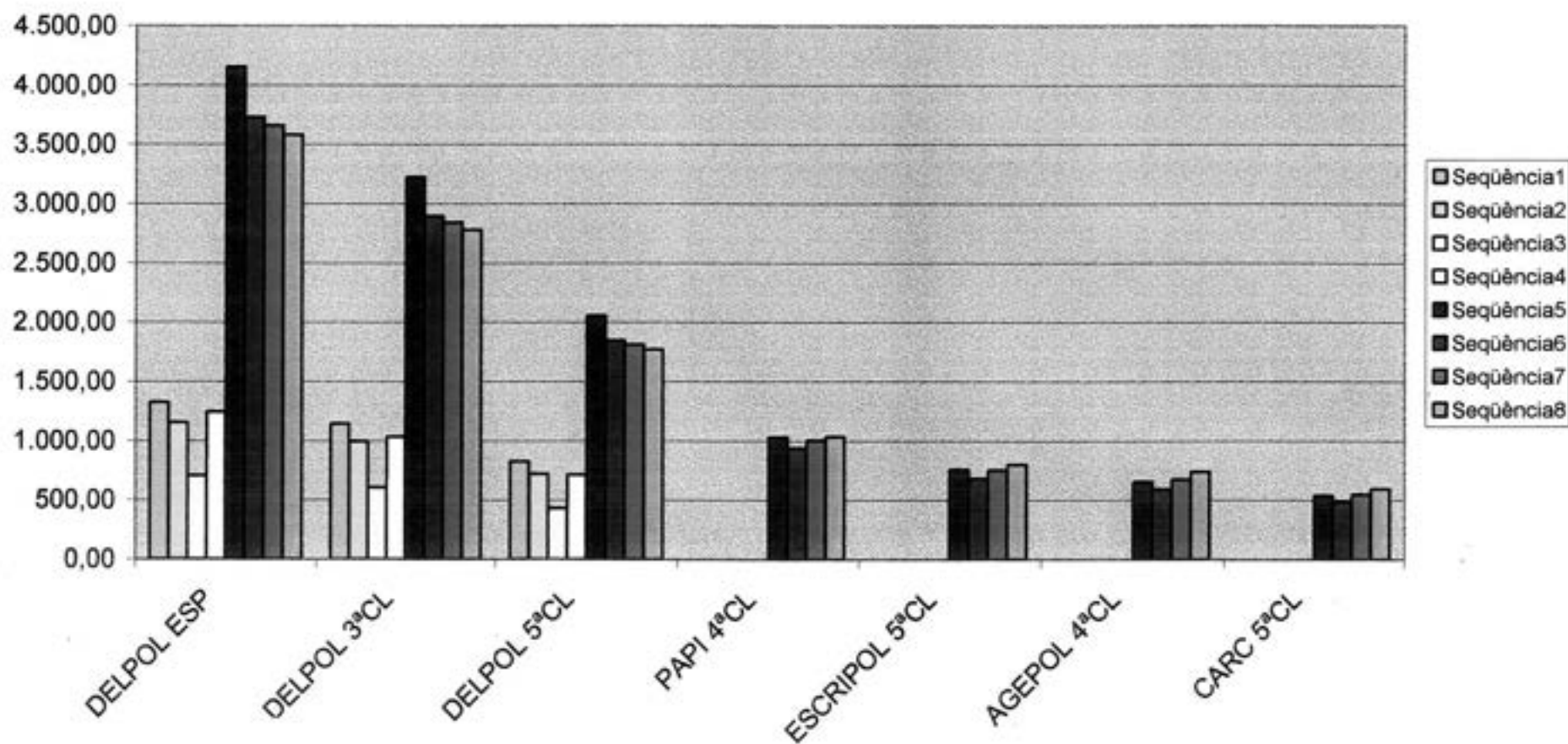
EVOLUÇÃO DOS SALÁRIOS DOS POLICIAIS MILITARES (OFICIAIS), PERÍODOS DE GOVERNO DE 1979 A 1998. VALORES EM REAIS, CORRIGIDOS PARA MARÇO DE 1998.



SEQUÊNCIA 1,2,3 e 4 MALUF - SEQUÊNCIA 5,6,7 e 8 COVAS



SEQUÊNCIA 1,2,3 e 4 MALUF - SEQUÊNCIA 5,6,7 e 8 COVAS



Principais Processos Judiciais

(fonte: O Estado de S. Paulo, 06/05/98, p. A-8)

Segundo o advogado do ex-prefeito, Ennio Bastos de Barros, "são mais de 100 ações, 34 estão arquivadas e não há nenhuma condenação definitiva". Mas há condenações em primeira instância.

Frangos

Ação civil do Ministério Público, alegando **improbidade: favorecimento** às empresas AD'Oro (que tem como sócios Fuad, Caio e Márcio Lutfalla) e Obelisco (que tem como sócios Sylvia Lutfalla Maluf e sua filha Lígia), que forneciam frangos para o Município. Segundo os promotores, deveria ter sido realizada nova licitação para substituir a Sadia, que desistiu do contrato. Acusam ainda as empresas beneficiadas de cobrar preços maiores que os de mercado.

Há 6 meses os oficiais de Justiça tentam citar Maluf para que ele apresente sua defesa e o processo tenha seguimento. O promotor já pediu ajuda de força policial para citá-lo.

Precatórios (condenado em primeira instância)

Ação civil do Ministério Público contra Maluf, Pitta e Wagner Ramos, alegando ato de **improbidade** na emissão e negociação de títulos do Tesouro Municipal. Maluf teria arrecadado R\$ 1,5 bilhão com esses títulos, mas destinou apenas R\$ 309 milhões para pagar precatórios – o que é proibido pela Constituição.

Os 3 acusados foram **condenados** em primeira instância. **Sem previsão de julgamento dos recursos** pelo **Tribunal de Justiça de São Paulo**.

Maratona (condenado em primeira instância)

Ação de iniciativa do vereador José Eduardo Martins Cardozo, pedindo que Maluf, seu secretário de Esportes e Turismo, Ivo Carotini, e a TV Globo devolvam R\$ 1,2 milhão aos cofres públicos – ele alega que deveria ter havido licitação para contratar a TV na cobertura da 1ª Maratona de São Paulo, em 1995.

Sentença de primeira instância **condenou** os acusados a devolver o dinheiro. **Sem previsão de julgamento dos recursos** no TJ.

Símbolo de Campanha (condenação de primeira instância confirmada pelo TJ)

Ação de iniciativa do vereador Maurício Faria, pedindo que Maluf fosse proibido de usar o símbolo de campanha (o trevo vermelho) no material da administração municipal.

O TJ **confirmou** a sentença de primeira instância **contra** Maluf. O uso do símbolo de campanha em material do Município foi anulado. Há **recurso pendente** no **Supremo Tribunal Federal**.

Imprensa Oficial (condenado pelo TJ)

Ação requer que Maluf, Reynaldo de Barros e Guilherme Afif Domingos ressarcam os prejuízos causados pelo uso da Imprensa Oficial do Estado na produção de material de propaganda do PDS em 1982.

Decisão de primeira instância do TJ **condenou** os acusados a pagar os prejuízos. **Sem previsão de julgamento do recurso** no **Superior Tribunal de Justiça**.

Paulipetro (condenado pelo TJ)

Em outubro de 1997 o Superior Tribunal de Justiça condenou Maluf a ressarcir o Estado de São Paulo pelos prejuízos causados pela Paulipetro, empresa criada em 1979 para prospecção de petróleo na Bacia do Paraná.

A **decisão ainda não é definitiva**. Há polêmica sobre o efetivo valor da ação, que pode alcançar R\$ 1,2 bilhão, na versão dos procuradores do Estado.

Fuscas (absolvido no STF)

Ação popular de 1970 pedia que Maluf e o então presidente da Câmara Municipal devolvessem o valor gasto com 25 fuscas doados aos tricampeões mundiais.

Vinte e seis anos depois, em 1996, o Supremo Tribunal Federal deu vitória a Maluf, anulando o julgamento de um recurso do próprio STF. O Tribunal de Justiça de São Paulo já tinha confirmado sentença de primeira instância que considerou legal o ato, porque havia lei municipal o autorizando.

Cartas (absolvição, passível de recurso)

Ação civil do Ministério Público pedindo a condenação de Maluf por ato de **improbidade**: em 1993, ele mandou um milhão de cartas aos contribuintes, informando sobre projeto de isenção do IPTU. A Constituição proíbe a promoção pessoal dos governantes.

Sentença de primeira instância absolveu Maluf. Não há previsão de julgamento dos recursos.

Educação (ainda sem qualquer decisão)

Há denúncia criminal no Tribunal de Justiça: Maluf é réu por negar execução às leis orçamentárias e não destinar 30% para a educação.

A defesa prévia do ex-prefeito foi apresentada no dia 30 de março deste ano. Para este caso, a condenação pode variar de 3 meses a 3 anos de detenção.

Jornal da Tarde
(01/12/80)
A Polícia Insatisfeita

- ❑ Matéria assinada por Fausto Macedo fala da insatisfação generalizada entre a PM com relação aos baixos salários, durante o governo Maluf.
- ❑ De acordo com o jornalista, a crise acentuou-se no final de semana anterior ao da data da matéria, quando todos os oficiais da PM receberam por telex a comunicação de que deveriam comparecer ao Quartel General. Dali, foram levados ao Palácio dos Bandeirantes.
- ❑ Segundo Macedo, *"No Morumbi, todos foram obrigados a sentar junto com o governador Paulo Salim Maluf, com o secretário Octávio Gonzaga Júnior, da Segurança Pública, e com o coronel Arnaldo Bastos de Carvalho Braga, comandante geral da Corporação há dois anos. Em silêncio, todos assistiram a um breve filme sobre as atividades da Polícia Militar. Em seguida, comportadamente, ouviram algumas **palavras do governador**. Ele falou:*
 - ❑ – *Respeito os senhores como os melhores profissionais, uma elite superfiltrada, e **estou a par de suas reivindicações. Mas os senhores têm de compreender que as coisas são como são e não como nós queremos. Dentro desse contexto global, quando eu achar que devo decidir, eu faço.***
Depois, quando o governador já havia partido, um tenente-coronel virou-se para um superior e ironizou:
 - *Quero ouvir a opinião de um coronel sobre essa situação. Mas não pode dizer nome feio, hem?*
 - *Então você não quer a minha opinião – retrucou o coronel"*
- ❑ Segundo a matéria, em abril daquele ano, em uma assembléia no Clube dos Oficiais, o coronel Arnaldo Braga havia declarado: *"Podem confiar: em julho todos terão aumentos. Promessa do governador..."*.
- ❑ A promessa não foi cumprida: *"Chegou julho e ninguém teve aumento. Ao contrário, o governador Paulo Maluf anunciou publicamente que ninguém, nenhum funcionário público, teria aumento este ano. Enquanto isso, na base da intimidação, segundo alguns oficiais, o Comando Geral impediu novas Assembléias dos oficiais"*.
- ❑ A matéria traz ainda o depoimento de um oficial do Corpo de Bombeiros (cujo nome não é revelado). São transcritos a seguir trechos de suas declarações:

Falta de carros para o Corpo de Bombeiros

*"Os carros são um dos grandes problemas do Corpo de Bombeiros atualmente. O governador Paulo Maluf, apesar de haver prometido gastar 240 milhões de cruzeiros com equipamentos, este ano, só nos deu, até agora, alguns **carros que mesmo assim já haviam sido encomendados no governo anterior, Paulo Egydio comprou e o Maluf desfilou, certo?**"*

Falta de viaturas para a PM

"Aqui a gente deve falar um pouco das outras unidades da Polícia Militar. Faltam viaturas para todos. Na área do patrulhamento ostensivo, **hoje, estão rodando pelas ruas da cidade 134 viaturas**. Quando chega a 200, o pessoal lá do Centro de Operações fica alegre. E veja só que houve dia, ainda no governo do Paulo Egydio, em que mil viaturas estavam nas ruas".

Incapacidade da PM de atender ocorrências

"Isto é um fato: nos dias de pico, ou seja, quando ocorre o maior número de assaltos – nas sextas-feiras –, a Polícia Militar deixa de atender até 800 ocorrências. Por exemplo: um cidadão liga para o Centro de Operações e diz que foi assaltado. Então, o PM que atender, pergunta primeiro se o ladrão já fugiu. Em caso positivo, a vítima terá de aguardar horas e horas, às vezes dois ou três dias, para ser atendida".

Falta de armas para a PM

"A Polícia Militar não tem hoje 50% dos revólveres que deveria ter, para policiar a cidade. Munição? Muitas vezes, o soldado compra do próprio bolso para não sair a descoberto. Os uniformes? Todo mundo quer pelo menos dois jogos de farda por ano. Mas já fazem dois anos que não recebemos nenhum fardamento novo".

Estado de conservação das viaturas do Corpo de Bombeiros

"Eu quero dizer como estão nossas viaturas. Se nossas viaturas tivessem de obedecer efetivamente as exigências do Código Nacional de Trânsito, nenhuma delas poderia rodar. Porque falta freio de mão, os pneus estão carecas, os espelhos retrovisores estão quebrados, as bombas d'água não funcionam, os tanques estão rachados. A gente tem aí muitos tanques com rachaduras, o caminhão roda e a água vasa e escorre pela rua".

"Não há postos, não há viaturas. Não há espuma suficiente para dominar incêndios em indústrias químicas. Precisaríamos ter, no mínimo, mais 30 auto-bombas, 15 auto-escadas, além de 30 carros-tanques – a Sabesp é que anda quebrando o nosso galho, embora sempre demore um pouco porque não tem sistema de prontidão, igual ao nosso".

Bombeiros sem vestuário adequado

"Certa vez fui chamado às pressas em minha casa. Estava pegando fogo em uma grande indústria de produtos químicos. Fui até lá, era uma noite muito fria. Quando desci da minha viatura, dei de cara com um sargento só de farda, sem o blusão, batendo o queixo. Olha, honestamente, por tudo o que existe de sagrado, fiquei envergonhado, virei as costas, entrei na viatura, arranquei o meu blusão e fui trabalhar da mesma forma que o sargento e os outros. No dia seguinte, perguntei ao pessoal onde estavam os seus blusões. Todos disseram que estavam guardados, porque os blusões sujam demais e depois quem paga o tintureiro são eles próprios".

Falta de capacetes para os bombeiros

"Nem capacetes existem suficientemente. Calculo que 30% dos bombeiros trabalham sem o capacete, que representa o mínimo de segurança. E enquanto não houver uma nova tragédia na cidade, vamos ter de continuar trabalhando nesse ritmo, dando um jeitinho sempre que houver problemas. Até quando as tropas vão conseguir levar as coisas assim?"

Conclusão: mordomias na PM

- A matéria informa ainda que, apesar da carência de materiais e equipamentos, "grande parte dos 35 coronéis da PM mantém à sua disposição um variado quadro de mordomias. Um exemplo: hoje, 70 automóveis de passeio servem os coronéis. São carros Opala e Corcel pretos, usados principalmente pelas senhoras dos oficiais, para compras em lugares badalados da cidade".

"Sou oficial há muitos anos e estou apreensivo, desanimado, descontente, com esta situação atual vivida pela Polícia Militar"

- ❑ Matéria assinado por Percival de Souza fala da crise então vivida pela PM, a partir do depoimento de um oficial da corporação (cujo nome não é revelado).
- ❑ De acordo com o jornalista, *"O quadro é delicado: faltam homens e viaturas, as armas são insuficientes, as fardas estão velhas e desgastadas. O atendimento de emergência – telefone 190 – é precário e demoradíssimo. As viaturas que existem estão em más condições, sujas e quase sempre paradas nas oficinas. E, pior ainda: há duas semanas, todos os treinamentos de tiros foram suspensos, pois é preciso racionar munição"*.
- ❑ A matéria relata um episódio que indica a extensão da crise: *"Na semana passada, tivemos um exemplo dessa melancólica situação: em São Mateus, paupérrimo bairro da Zona Leste da cidade, dois soldados e um sargento faziam um patrulhamento a pé, justamente em razão da falta de viaturas. Durante a ronda, detiveram um homem portando cem gramas de maconha e uma bicicleta. Esta, encaminharam ao distrito policial do bairro e a maconha mandaram ao Instituto Médico Legal. O detido, tiveram de levar em um ônibus da Viação Vila Ema, linha Iguatemi-Glicério, prefixo 107.161"*.
- ❑ Essa situação fez surgir, na semana anterior à da publicação da matéria, um manifesto de denúncia distribuído em vários quartéis e assinado em nome do "Movimento Capitão PM Alberto Mendes Júnior", liderado por tenentes e capitães insatisfeitos com as péssimas condições da corporação.
- ❑ O Comando Geral da PM tentou reduzir o impacto das críticas, argumentando que não se poderia dar crédito a *"um documento apócrifo"*. Mas, de acordo com Percival de Souza, a crise era confirmada pelo depoimento do oficial: *"Ele fala da falta de homens e de viaturas, do baixo rendimento das patrulhas, da precariedade do atendimento de emergência e da última ordem do Alto Comando – suspensão de todos os treinamentos de tiros, em todos os quartéis, para economizar munição. Fala, ainda, das causas da corrupção que envolve os policiais militares – entre vários fatores, os baixos salários"*.
- ❑ São transcritos, a seguir, alguns trechos do depoimento do oficial da PM:

A população com medo da Polícia

"É por isso que estamos preocupados: a Polícia Militar não está podendo cumprir a sua missão básica, que é a de servir a população, oferecendo segurança. Sabemos perfeitamente que a população sente medo de nós, medo da polícia. E isso é muito grave".

Falta de viaturas

"Imagine que um dos mais graves problemas é a total falta de viaturas. (...) Em determinado batalhão, o número de viaturas é 30. Na realidade, porém, talvez nem um terço dessa frota esteja circulando. Boa parte está no estaleiro, consertando algum defeito mecânico, recarregando uma bateria. Sabem quando é que essas viaturas em conserto vão ser colocadas na rua, novamente? Ninguém pode saber ao certo. Pode demorar dias, talvez semanas. É porque nem mesmo nas oficinas mecânicas da PM as coisas estão regulares. Falta bateria, falta pneu, falta um platinado, faltam peças simples, mas não por desleixo ou omissão do encarregado da oficina, mas porque não existe o material mesmo".

Falta de fardas

"Há também o problema do fardamento. Vocês sabiam que já tem uns cinco anos que a PM não dá farda nova para os seus homens? Então você vê um soldado por aí, com a calça remendada, cuidadoso e envergonhado de andar assim na rua. (...) Nem a bota a PM está dando mais. E como é que um soldado, ganhando treze mil cruzeiros por mês, vai ter condições de comprar farda nova? (...) E o que a gente vê é isso – o soldado maltrapilho, se inibindo diante de pessoas mais ou menos vestidas".

Falta de armas

"As armas? Bem, este é outro problema, o que aumenta ainda mais a nossa insegurança. Chega a comunicação de um assalto, vocês acham que nós vamos tranquilos até o lugar onde estão os bandidos? Vamos apenas com um revólver Taurus, calibre 38, cada um, só e mais nada".

Falta de algemas e de munição

"Podem os policiais militares saírem às ruas sem algemas, tendo de substituí-las por cordas? Pode uma ocorrência ser atendida com a máxima urgência se não há viaturas em disponibilidade? Pode um policial militar enfrentar bandidos sem munição? Um acidente, sem uma gaze ou esparadrapo? É pela falta disso, de todo esse material importantíssimo, que uma pessoa, muitas vezes, é obrigada a aguardar horas e horas seguidas, por um atendimento, depois de pedir socorro pelo telefone 190".

Baixos salários

"O descontentamento nas tropas é quase geral. Os salários são baixíssimos. E posso garantir que 99% dos praças, soldados, cabos e sargentos, e até os oficiais, tenentes e capitães, são obrigados a manter um segundo emprego. (...) Então, são estes homens cansadíssimos e desanimados, que fazem da polícia um bico, nada mais que isso, que vão entrar numa viatura para cumprir a sua missão".

Corrupção na PM

"A necessidade financeira também pode levar o soldado, ou qualquer oficial, com o seu baixo salário, à corrupção. O PM é vulnerável ao extremo. Recebemos no terceiro dia útil de cada mês. E tem PM que no dia 15 já não tem mais dinheiro para comprar comida e levar para casa. Então, numa ocorrência qualquer, uma colisão de carros, chega um sujeito, um dos motoristas envolvidos, e oferece uma quantia. Aí o soldado pensa na feira da semana e aceita aquele dinheiro, cem, duzentos cruzeiros. O Comando tem consciência disso e sempre que consegue provar, expulsa o soldado".

Falsa promessa de aumento

"E agora surge este manifesto, o 'Movimento Capitão PM Alberto Mendes Júnior'. Olha, na verdade, 80% do que está ali é a pura realidade. Eu concordo com este manifesto quando ele mostra este aspecto real, mas acho que perdeu a seriedade quando exibiu aquela conotação política, atacando o Maluf e alguns coronéis. (...) Gostaríamos que tivesse falado apenas da falta de material e dos baixos salários. Afinal, não faz muito tempo, o próprio comandante geral, o coronel Arnaldo Braga, numa assembléia nossa, esteve presente e disse que o governador garantiu que o aumento sairia, mas que era preciso evitar a Assembléia Legislativa, porque senão todas as outras categorias do funcionalismo iriam querer aumento. Aí está: na semana passada, o próprio secretário de Segurança Pública já declarou que este ano não tem aumento nem para a Polícia Civil nem para a Polícia Militar".

Conclusão

- A matéria traz ainda uma curta entrevista com o então secretário da Segurança Pública, Octávio Gonzaga Júnior, que admitiu a insatisfação entre os policiais, mas descartou a possibilidade destes entrarem em greve. Segundo Percival de Souza, o secretário demonstrou irritação ao ser perguntado também *"sobre o seqüestro do jurista Dalmo de Abreu Dallari e as cenas de violência na Freguesia do Ó, durante o governo de integração realizado lá"*.

POLÍCIA CIVIL

SERVIDORES ATIVOS					
	1	2	3	4	5
CARGO	QTDE.	SALÁRIO BASE	MÉDIA	S.BASE+RETP+ AL4+INSAL.+GRAT.	VENC. MÉDIO
DEL. POL. CLASSE ESPECIAL	151	280.947,23	1.860,58	1.049.042,35	6.947,30
DEL. POL. 1ª CLASSE	512	868.458,01	1.696,21	2.736.722,21	5.345,16
DEL. POL. 2ª CLASSE	711	1.083.153,22	1.523,42	2.960.191,61	4.163,42
DEL. POL. 3ª CLASSE	965	1.302.554,20	1.349,80	3.373.365,87	3.495,72
DEL. POL. 4ª CLASSE	626	754.522,64	1.205,31	1.886.457,78	3.013,51
DEL. POL. 5ª CLASSE	96	79.303,68	826,08	187.042,74	1.948,36
TOTAL	3.061			12.192.822,56	

SERVIDORES ATIVOS					
	1	2	3	4	5
CARGO	QTDE.	SALÁRIO BASE	MÉDIA	S.BASE+RETP+ AL4+INSAL.+GRAT.	VENC. MÉDIO
ESCRIVAO POL. CLAS. ESP.	657	418.021,98	636,26	1.367.938,98	2.082,10
ESCRIVAO POL. 1ª CLASSE	1.049	600.208,91	572,17	1.675.956,62	1.597,67
ESCRIVAO POL. 2ª CLASSE	1.236	625.447,71	506,03	1.736.046,20	1.404,57
ESCRIVAO POL. 3ª CLASSE	2.189	992.963,61	453,62	2.732.124,35	1.248,12
ESCRIVAO POL. 4ª CLASSE	1.352	552.095,00	408,35	1.502.705,88	1.111,47
ESCRIVAO POL. 5ª CLASSE	418	137.187,60	328,20	370.008,80	885,19
TOTAL	6.901			9.384.780,83	

SERVIDORES ATIVOS					
	1	2	3	4	5
CARGO	QTDE.	SALÁRIO BASE	MÉDIA	S.BASE+RETP+ AL4+INSAL.+GRAT.	VENC. MÉDIO
PAPIOSC. POL. CLAS. ESP.	48	29.781,74	620,45	100.349,05	2.090,61
PAPIOSC. POL. 1ª CLASSE	95	53.552,61	563,71	188.903,19	1.988,45
PAPIOSC. POL. 2ª CLASSE	115	59.344,83	516,04	176.938,94	1.538,60
PAPIOSC. POL. 3ª CLASSE	206	97.687,37	474,21	279.741,63	1.357,97
PAPIOSC. POL. 4ª CLASSE	230	98.181,84	426,88	266.501,62	1.158,70
PAPIOSC. POL. 5ª CLASSE	82	29.019,80	353,90	87.677,39	1.069,24
TOTAL	776			1.100.111,82	

SERVIDORES ATIVOS					
	1	2	3	4	5
CARGO	QTDE.	SALÁRIO BASE	MÉDIA	S.BASE+RETP+ AL4+INSAL.+GRAT.	VENC. MÉDIO
AGENTE POL. CLAS. ESP.	157	62.304,77	396,85	225.461,27	1.436,06
CARCEREIRO CLAS. ESP.	299	119.589,95	399,97	420.715,81	1.407,08
CARCEREIRO 1ª CLASSE	478	188.486,54	394,32	593.493,52	1.241,62
CARCEREIRO 2ª CLASSE	701	250.943,83	357,98	706.355,92	1.007,64
CARCEREIRO 3ª CLASSE	1.484	484.519,12	326,50	1.400.365,82	943,64
CARCEREIRO 4ª CLASSE	96	29.568,96	308,01	81.342,72	847,32
CARCEREIRO 5ª CLASSE	1.076	257.906,44	239,69	713.914,35	663,49
TOTAL	4.291			3.916.188,14	

Referência Maio de 1998

POLÍCIA MILITAR

OFICIAIS E ALUNOS DA ACADEMIA					
	1	2	3	4	5
CARGO	QTDE.	SALÁRIO BASE	MÉDIA	S.BASE+RETP+ AL4+INSAL.+GRAT.	VENC. MÉDIO
CORONEL COMANDO	1	1.824,39	1.824,39	14.089,72	14.089,72
CORONEL	63	109.718,75	1.741,57	676.216,43	10.733,59
TENENTE CORONEL	160	263.783,38	1.648,65	1.282.415,22	8.015,10
MAJOR	317	477.333,46	1.505,78	1.986.674,99	6.267,11
CAPITÃO	952	1.320.708,05	1.387,30	4.340.896,43	4.559,77
1º TENENTE	1.495	1.923.135,28	1.286,38	4.989.719,48	3.337,61
2º TENENTE	1.297	1.105.192,60	852,11	3.333.887,64	2.570,46
ASPIRANTE OFICIAL	282	210.063,85	744,91	523.586,60	1.856,69
ALUNO 4	82	32.991,06	402,33	125.166,74	1.526,42
ALUNO 3	87	29.875,80	343,40	120.841,48	1.388,98
ALUNO 2	141	39.150,06	277,66	170.606,35	1.209,97
ALUNO 1	139	31.950,54	229,86	81.124,57	583,63
TOTAL	4.792			15.672.504,28	

NÃO OFICIAIS					
	1	2	3	4	5
CARGO	QTDE.	SALÁRIO BASE	MÉDIA	S.BASE+RETP+ AL4+INSAL.+GRAT.	VENC. MÉDIO
SUB-TENENTE	661	390.461,10	590,71	1.365.286,08	2.065,49
1º SARGENTO	2.422	1.290.401,31	532,78	4.199.253,26	1.733,80
2º SARGENTO	3.883	1.829.919,99	471,26	5.436.090,26	1.399,97
3º SARGENTO	4.537	1.876.213,99	413,54	5.507.844,66	1.213,98
CABO	11.177	3.797.788,50	339,79	11.881.199,44	1.063,00
SOLDADO 1	49.195	15.149.236,50	307,94	47.064.581,14	956,69
SOLDADO 2	4.453	1.067.339,57	239,69	3.002.620,47	674,29
TOTAL	76.328			78.456.875,31	

Referência Maio de 1998

(ALY/ZEPP0 22/05/98)



JORNAL DA TARDE

Maluf dá trote para testar o 190. E descobre que funciona

O CANDIDATO A GOVERNADOR QUERIA MOSTRAR QUE O TELEFONE DE EMERGÊNCIA DA PM ERA DEMORADO. NÃO SE IDENTIFICOU E DISSE QUE 3 SUSPEITOS RONDavam SEU ESCRITÓRIO. EM 8 MINUTOS, APARECERAM 3 VIATURAS



Maluf: trote na hora do rush

Sentado à mesa do seu escritório na Avenida Europa, diante de um gravador, o candidato do PPB ao governo do Estado, Paulo Maluf, testou ontem o serviço 190 para mostrar à reportagem do **Jornal da Tarde** que a Polícia Militar do governo Covas não funciona. Cometendo uma contravenção (veja texto ao lado), Maluf enganou o soldado do Centro de Operações da PM (Copom) e fingiu se sentir ameaçado por elementos "mal-encarados". Ao final, o feitiço virou contra o feitiço. Em pleno horário de pico, com 82 quilômetros de lentidão no trânsito das 17h55, três viaturas da PM apareceram após oito minutos do chamado "da vítima". Nenhum dos policiais achou graça da brincadeira.

Em entrevista sobre Segurança Pública, reclamando a falta de uma "polícia motivada", o ex-governador chama o serviço 190 para mostrar "quanto tempo ele demora pra chegar". A ligação foi feita com o viva-voz acionado, e foi gravada pela reportagem:

– Quem está falando?
– Soldado Régis da Polícia Militar, pois não.
– Soldado Régis, eu estou aqui na Avenida Europa 437, tem aqui tentativa de um assalto.
– Tentativa de um assalto na residência do senhor?
– Não, é escritório.
– Os bandidos já saíram daí, senhor?
– Não, eles estão aí mais ou menos andando aí de maneira suspeita aí na

calçada de frente, tem um pessoal suspeito.

– Avenida Europa? Dá um ponto de referência do local pra mim.

– É mais ou menos aí entre a Igreja Nossa Senhora do Brasil, que é na Avenida Brasil, e a Faria Lima.

Silêncio. Volta o soldado:

– Viu senhor, são quantos indivíduos?

– São três.

– Eles são brancos ou negros?

– Se são brancos ou negros? Bom, isso não faz diferença, é gente mal-encarada. O senhor não é racista, né? Qual é a diferença se é branco ou se é negro?

– É característica pra gente poder localizar eles, senhor. Isso aí pra gente ajuda pra caramba. Sabendo se a pessoa é negra ou branca, a cor dela, a gente já passa com a viatura e já sabe quem é, pra abordar.

– É que são cinco para as seis e já está meio escuro lá fora.

– Eles tentaram roubar o prédio?

– Não, eles estão meio mal-encarados aí fora.

– Então eles nem tentaram levar nada?

– Ainda não tentaram mas podem chegar aí a qualquer momento e invadir.

– Até o momento é só suspeita, né?

– Só suspeita.

– O senhor tem mais alguma característica, o traje que eles estavam vestindo, alguma coisa assim?

– Tá de calça jeans, camisa esporte

e tem um negócio assim, protuberância aqui na cintura, pode ser um revólver.

– Tem um que parece estar armado?

– É.

(silêncio)

– Soldado.

– Pois não, senhor.

– Como é que o senhor vai fazer, vai mandar viatura?

– O senhor não tem mais nenhuma característica pra me informar?

– Não, é essa só, mas ele pode entrar a qualquer momento aqui.

– Tudo bem, com as características que o senhor me deu aqui eu vou pedir para uma viatura verificar, tá bom? Qual o nome do senhor?

– Doutor Paulo.

– Paulo?

– Isso.

– Tudo bem, senhor Paulo, estamos providenciando a viatura.

– Obrigado, hein.

Paulo Maluf desliga e comenta:

– Perguntar se é negro ou branco é até uma manchete, né?

– É uma característica, né?

– Não, quê característica?

Em oito minutos, três viaturas da Polícia Militar estacionavam na frente do escritório, e dali saíram policiais com coletes à prova de bala, armas novas e carro brilhando. Contactada pela reportagem horas após o incidente, a assessora de Paulo Maluf disse que o ex-prefeito não poderia ser localizado.

Paula Schmitt



GABINETE DO GOVERNADOR
DO
ESTADO DE SÃO PAULO

São Paulo, 9 de Junho de 1998

AO DR.
JOSÉ AFONSO DA SILVA
SECRETÁRIO DE ESTADO DE SEGURANÇA PÚBLICA

Sr. Secretário,

Ao tomar conhecimento que o Delegado Geral de Polícia encaminhou documentação ao Diretor da Polícia Judiciária da Capital e que este determinou abertura de inquérito policial, a cargo do titular da 15ª DP, para apurar possível delito de falsa comunicação de crime, sinto-me no dever de manifestar minha total confiança nos procedimentos ora instaurados pelos organismos da Segurança Pública.

Compreensivelmente, apenas em situações extraordinárias o bom desempenho dos serviços públicos ganha as manchetes dos jornais. Hoje isto ocorreu, porque na exploração de falhas humanas esporádicas e perseguindo objetivos espúrios, assistimos uma figura pública brincando e abusando de uma coisa tão séria como o é a Segurança Pública.

O telefone de emergência 190 já salvou muitas vidas, dá alento e proteção, e constitui-se em um dos diversos instrumentos que a Polícia de São Paulo põe a serviço dos cidadãos paulistas. Ao longo dos anos, seus responsáveis, embora não tenham atingido a perfeição do erro zero, tem demonstrado empenho e abnegação na sua constante melhoria, que hoje atinge elevado padrão de desempenho e eficiência.

Pessoas sérias e responsáveis não tem o direito de tentar desmoralizá-lo, apostando ou torcendo pela desgraça. Esse episódio mostra a face de uma corporação centenária, preocupada com a proteção da vida e o patrimônio dos cidadãos, e a verdadeira face do oportunista difamador, que ousa falar em segurança pública sem nunca ter se voltado a ela, em todas as oportunidades que teve. Mostra que, na tentativa de atingir a mim num período eleitoral, não tem qualquer preocupação em conspirar para conspurcar a Polícia do Estado e os relevantes e inestimáveis serviços que presta.

Seguramente, outras tentativas de desmoralização do nosso policial poderão ocorrer, visando o aproveitamento eleitoral de possíveis falhas humanas, passíveis de acontecer. Ao reafirmar o comprometimento de meu Governo com a melhoria constante das instituições de segurança pública e a minha convicção no valor e compromisso público do policial paulista, peço a Vossa Excelência que lhes transmita minha solidariedade e reconhecimento pelos relevantes serviços já prestados, recomendando que mantenham o moral elevado e a constante busca da excelência em seus serviços.

Cordialmente,

A handwritten signature in black ink, consisting of a large, sweeping arch that starts with a small flourish on the left and ends with a vertical line on the right.

Mario Covas
Governador do Estado de São Paulo



Sala de Operações do Copom: trote do candidato Maluf irritou comandante da operação na Avenida Europa

CONTRAÇÃO PENAL

Falsa chamada rende até 6 meses de prisão

O Centro de Operações da Polícia Militar (Copom) recebe em média 625 chamadas por hora nos 31 postos de atendimento espalhados pela capital. São 450 mil telefonemas por mês. Desse total, aproximadamente 15% são trotes — como o feito ontem pelo ex-prefeito e candidato a governador Paulo Maluf. "O falso alerta é contravenção penal", adverte o capitão PM Osmar Rodrigues de Moraes. A "brincadeira" de Maluf pode render-lhe de 15 dias a seis meses de detenção.

"O congestionamento de linhas impede o socorro rápido de quem realmente precisa e isso é crime", Maluf também pode ser enquadrado

do no Artigo 151, sobre a violação de correspondência. Moraes explica que o ato é considerado "intervenção de comunicação telefônica". Nesse caso, a pena é de um a seis meses.

Um chamado falso de emergência pode render, ainda, uma advertência na conta telefônica. O Copom trabalha com o Bina, aparelho que rastreia as ligações. Se insistir na brincadeira, o infrator poderá ser punido com a suspensão da linha.

O capitão Paulo Adriano Telhada, do 23º Batalhão da Polícia Militar Metropolitana, que comandou a operação da PM após o trote do candidato Paulo Maluf, disse que se sentiu frustrado com a brincadeira. "Não acreditei que fosse ele, me sinto um palhaço", desabafou. "É muita falta de respeito à população e consideração com a polícia."

O capitão Telhada contou que os policiais atendem as ocorrências feitas ao fone 190 pelo rádio e por isso

nem imaginava que o chamado pudesse ser um teste do ilustre personagem. "Ele caiu do cavalo", disse. Cinco carros e oito homens foram envolvidos na brincadeira. Para ele, o ato de Maluf desprestigiou o trabalho da polícia.

Entre a surpresa e a irritação, o policial afirmou que sempre é uma decepção arriscar sua vida e a de inúmeras outras pessoas por nada. "O trânsito estava parado e até cometi algumas besteiras para chegar mais rápido", disse. "Entrar em ruas na contra-mão foi uma delas."

Ao chegar no local — oito minutos após a chamada — procurando pelos três fictícios suspeitos, o capitão soube pela reportagem do JT quem o havia feito perder tempo de trabalho. "Ainda não acredito que ele foi capaz." Segundo ele, há muitas queixas na região dos Jardins e os trotes deixam pessoas que realmente necessitam desprotegidas.

Rachel Cardoso

Crime passionnal em danceteria

INCONFORMADO COM SEPARAÇÃO, POLICIAL MATA EX-NAMORADA E SE SUICIDA

O agente da Polícia Civil Josimar Vieira Cavalcanti, de 31 anos, matou com um tiro a ex-namorada, a auxiliar de escritório Maria Ruth Percei-

Horacio Zanetti/AE

17 JUN 1998

JORNAL DA TARDE

Capitão fica irritado com trote

O capitão Paulo Adriano Teilhada, do 23º Batalhão da Polícia Militar Metropolitana, que comandou a operação da PM após o trote do candidato ao governo do Estado Paulo Maluf, disse que se sentiu frustrado com a brincadeira. "Não acredito que fosse ele, me sinto um palhaço", desabafou. "É muita falta de respeito à população e consideração com a polícia."

O capitão Teilhada contou que os policiais atendem as ocorrências feitas ao fone 190 pelo rádio e por isso nem imaginava que o chamado pudesse ser um teste do ilustre personagem. "Ele caiu do cavalo", disse. Cinco terros e oito homens foram

envolvidos na brincadeira. Para ele, o ato de Maluf desprestigiou o trabalho da polícia.

Entre a surpresa e a irritação, o policial afirmou que sempre é uma decepção arriscar sua vida e a de inúmeras outras pessoas por nada. "O trânsito estava parado e até cometi algumas besteiras para chegar mais rápido", disse. "Entrar em ruas na contra-mão foi uma delas."

Ao chegar no local - oito minutos após a chamada - procurando pelos três veículos suspeitos, o capitão soube pela reportagem do JT quem o havia feito perder tempo de trabalho. "Ainda não acredito que ele foi capaz." Segundo ele, há muitas queixas na região dos Jardins e os trotes deixam pessoas que realmente necessitam desprotegidas.

O Centro de Operações da Polícia Militar (Copom) recebe em média 625 chamadas por hora nos 31 postos de atendimento espalhados pela capital. São 450 mil telefone-

mas por mês. Desse total, aproximadamente 15% são trotes - como o feito pelo ex-prefeito. "O falso alerta é contravenção penal", afirma o capitão Osmar Rodrigues de Moraes.

A "brincadeira" de Maluf pode render-lhe de 15 dias a seis meses de detenção. "O congestionamento de linhas impede o socorro rápido de quem realmente precisa e isso é crime", disse o capitão Moraes. Maluf também pode ser enquadrado no Artigo 151, sobre a violação de correspondência.

Moraes explica que o ato é intervenção de comunicação telefônica. Nesse caso, a pena é de um a seis meses. Um falso chamado de emergência pode render ainda uma advertência na conta telefônica. O Copom trabalha com o bina, aparelho que rastreia as ligações. Se insistir na brincadeira, o infrator poderá ser punido com a suspensão da linha.

Rachel Cardoso



JORNAL DA TARDE

f.l

EX-GOVERNADOR DIZ QUE, EM SUA GESTÃO, A POLÍCIA TINHA DIGNIDADE

Em entrevista concedida anteontem, Paulo Maluf não deu estatísticas sobre salários, crimes ou equipamentos de seu governo, mas assegurou que polícia estava motivada

Jornal da Tarde - Como era a violência na época em que o senhor era governador?

Paulo Maluf - Você pega as estatísticas. Você podia andar na cidade de São Paulo. Você não precisava andar de carro blindado. (...) Há de se perguntar o seguinte: a vida de uma pessoa vale um relógio? Quer dizer, o relógio é o valor da vida de uma pessoa? Quer dizer, um chofer de táxi, que é assassinado com um tiro na nuca, quer dizer, a féria do dia, quem sabe, 100 reais - esse é o preço de uma vida? Quer dizer, se você não se indigna - e ponha isso *ipsis literis* (sic) porque tá sendo gravado por mim -, eu me indigno.

Na sua época a PM tinha melhores salários?

Aqui tem recomendações que são 13 páginas, se você quiser fazer uma entrevista só sobre segurança eu faço, desde que haja um acordo, em que tudo o que você perguntar eu respondo e tudo o que eu responder vai ser impresso.

Na época em que o senhor era governador, o salário dos policiais militares e civis era melhor?

Em primeiro lugar, eles eram tratados como polícia.

Isso significa o quê?

Significa que você trabalha com eficiência no **Jornal da Tarde** não é pelo seu salário, somente. Você tem evidentemente o seu amor-próprio de jornalista. Quer dizer, não é porque te pagam mais que você vai trabalhar mais. E o soldado é a mesma coisa, e o Paulo Maluf é a mesma coisa. Eu trabalho 16 horas por dia (...) De maneira que, o soldado dá um cara na tapa de um bandido, aí ele é recolhido da tropa e vai para o tal Proar, receber aulas de boas maneiras, e aulas de direitos humanos. Quando o bandido assassina um soldado, nenhuma autoridade da Secretaria da Segurança Pública vai ao enterro do soldado, e pergunta para viúva se ela tem como sustentar os três filhos. É essa a diferença.

O salário não era melhor?

Peraí, eu quero que você entenda a minha entrevista, porque senão ela pára por aqui.

Não, eu só queria que o senhor respondesse.

Eu estou apenas dizendo que o salário não é tudo, você entendeu ou não entendeu?

Entendi, então a resposta é...

Não, a resposta que eu vou dar é a seguinte: em primeiro lugar, você tem de dar dignidade à polícia. Na hora em que você diz - você, não eu - que precisa dar melhores salários

Não, eu estou perguntando...

Não, não é só salário, não.

Material, por exemplo?

Primeiro lugar, a polícia anda com revólver 38, quando o bandido anda com AR-15, com metralhadora, com 12 e com 9 mm. Então é evidente que você vai ter de ter uma tropa de elite, bem instruída (...).

Naquela época o armamento era melhor?

Naquela época o governador era melhor, chamava-se Paulo Maluf, e quem era melhor era o secretário da Segurança Pública, que chamava-se desembargador Octávio Gonzaga Júnior.

Quais eram as armas que a polícia usava?

Em primeiro lugar, a polícia tinha respeito pela sua presença. A Rota estava na rua.

Quantas viaturas?

Nós tínhamos normalmente em rodízio, 150 viaturas na rua.

Só da Rota havia quantas?

Isso... (pausa)

Da Rota devia ser qualquer coisa em torno de 80 a 90 viaturas, hoje parece que são 15.

E quanto ao material, já que salário não seria

o fundamental...

Eu não disse que o salário não é fundamental. O salário também é fundamental, mas, se só salário resolvesse os problemas, a coisa seria muito mais simples.

O que mais resolve?

Eu dobrava o seu salário e o número de exemplares do **JT** também dobraria. Não te parece que era simples? Aí eu triplico o seu salário e o **Jornal da Tarde** vai tirar 400 mil exemplares por dia, aí eu aumento o seu salário por dez (...)

O que aumentaria a eficiência da polícia, sem ser o salário?

O salário é importante.

Tá, a gente já concluiu isso.

E eu tenho planos para salário. Mas a sua manchete não vai ser "o Maluf vai aumentar salários da polícia", o Maluf vai dar dignidade para a polícia.

O que vem a ser exatamente o que, em termos objetivos?

A polícia vai agir como polícia.

Material é necessário?

Material é necessário, eles terão colete à prova de bala, terão o melhor armamento, terão viaturas, entendeu, novas (...)

Já que o senhor tocou em armamento, coletes e viaturas, o senhor sabe quanto o senhor adquiriu disso no seu governo em comparação com os outros?

Isto é um erro, se me permite, do

jornalista. O Montoro fazia propaganda que ele comprou o maior número de carros, e eu perguntava se ele era sócio da General Motors ou da Ford. Porque o que dá segurança não é o maior número de carros, é o menor número de crimes. E as estatísticas do meu tempo eram as menores. (...)

Mas o que diminui o crime?

Em primeiro lugar é você ter uma polícia motivada. Você chama agora o 190 e vê quanto tempo ele demora pra chegar, chama.

Vamos fazer o teste?

Vamos. (...) O Montoro botava na propaganda que comprou tantos mil veículos. Alguém que não é expert em segurança pode ser até que ficou mais ou menos convencido. Mas pra mim eu quero saber o seguinte: quantos números de mortos, quantos números de assaltos, quantos números de roubo de relógio.

Em relação às estatísticas, di-

gamos, roubos a residência. Diminuíram na sua época?

Eu posso lhe dizer que eram as menores, agora, de cabeça...



JORNAL DA TARDE

1.2

Mas diminuíram com relação ao governo anterior?

Posso lhe garantir que no meu tempo tinha segurança. Tanto é que uma das marcas da minha administração e do meu primeiro lugar nas pesquisas é porque a população sabe que eu vou dar segurança.

Por que a população o associa à segurança? O crime diminuiu?

A população associa a mim a segurança porque no meu tempo havia segurança, você podia andar nas ruas. (ele cita casos recentes de violência que ocuparam os jornais).

Maluf pede para interromper a entrevista, e recomenda: "Agora espera aí por favor para ver quanto tempo demora a chegada da viatura."

(P.S.)

O que cada governador comprou para a PM



	Revólveres	Coletes à prova de balas	Basílios	Algemas	Viaturas
Maluf	3.777	-	-	-	1.388
Montoro	9.250	200	-	-	2.947
Quércia	23.390	-	-	4.973	4.721
Fleury	13.594	-	1.160	9.809	2.629
Covas	18.500	13.249	18.000	7.500	3.450

Fonte: Secretaria de Segurança Pública

GOVERNO MALUF: MENOS INVESTIMENTO EM SEGURANÇA

Dados confirmam

Segundo pesquisa realizada pelo Jornal da Tarde nos arquivos das Polícias Militar e Civil, Tribunal de Contas do Estado, Fundação Seade e outros órgãos, o atual candidato ao governo do Estado Paulo Maluf (PPB) foi o governador que menos investiu em alguns itens básicos para o aparelhamento das polícias, em comparação com todos os sucessores. Os salários das Polícias Civil e Militar também foram mais baixos no governo Maluf do que em todos os governos que o sucederam, segundo a Secretaria Estadual da Administração com valores atualizados em reais pela Fipe.

De acordo com números da Polícia Militar, o governo Maluf foi o que comprou menos viaturas para a PM: 1.388. O governador Orestes Quércia comprou 4.721 e Mário Covas, 3.450. Para a Polícia Civil, Maluf também foi quem comprou menos viaturas: 622. Montoro comprou quase o dobro, enquanto Quércia adquiriu 2.208, e Mário Covas 1.994 (veja quadro nesta página). A Rota, que já existia desde 69 e chegou a ter 70 viaturas, também estava em estado de penúria. Segundo o criminalista Eduardo Muiyaert, assessor especial e um dos secretários de segurança no governo Franco Montoro (83-86), quando Maluf entregou o governo, "a Rota estava reduzida a menos de 20 viaturas em estado lamentável de conservação". Se-

gundo o criminalista, "quando havia combustível, algumas viaturas tinham de ser empurradas para sair".

O então governador Maluf também foi o pior na aquisição de revólveres calibre 38, uma das duas armas usadas por homens da Rota. Durante o seu governo, segundo a Polícia Militar, foram comprados 3.777 revólveres, enquanto Covas comprou 18.500 e Quércia 23.390. Algemas também não pareciam necessárias. Enquanto Quércia comprou 4.973 algemas, Covas comprou 7.500 e Maluf nenhuma. Com os coletes a prova de bala aconteceu a mesma coisa. Quando assumiu o governo, a Polícia Militar tinha apenas 700 coletes, e Maluf não comprou nenhum. Mário Covas comprou 13.249. O governador Covas também comprou 18 mil cassetetes tipo americano, considerados pela Polícia Militar como instrumento essencial. No governo de Maluf nenhum foi comprado.

Não era apenas material que faltava à polícia - salário também. Quando Maluf tomou posse, o salário de um soldado da Polícia Militar era equivalente a R\$ 411. Já no ano seguinte esse valor baixou para R\$ 359, e depois baixou ainda mais: R\$ 207. O salário voltou a subir no fim do governo, para R\$ 310. Esse salário está atualmente em R\$ 738 (foram ignorados os centavos). Todos os outros salários, de todas as classes das Polícias Civil e Militar, foram menores no governo Maluf do que em todos os governos que o sucederam.

O efetivo da Polícia Militar também foi menor que no governo atual, se comparado ao número de habitantes. No ano em que Maluf assumiu, o efetivo da PM era de 53.261. Maluf deixou o efetivo apenas 2,8% maior. Mário Covas, por exemplo, assumiu

com 73.247 policiais militares em todo o Estado, e este ano tem um efetivo 12,5% maior (82.403 PMs).

Enquanto isso, a criminalidade aumentava. Se forem comparados o segundo ano do governo Maluf (1980) com o último ano do governo de Paulo Egydio (1978), o aumento de roubos supera, em muito, o crescimento populacional (cerca de 9,12%). Na Grande São Paulo, em 1980, o roubo a pedestre aumentou 42%, o roubo a ônibus aumentou 165%, ao comércio foi 41% maior, roubo de pessoas em carro, 48,6%, residência, 108%. Subiram ainda os roubos a vigias, hotéis e supermercados, segundo dados oficiais do Seade (Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados).

(P.S.)



JORNAL DA TARDE DATA: 10 JUN 1998
SÃO PAULO PERGUNTA



Paulo Maluf

Insensatez

● Não podemos comparar a cidade de São Paulo com um condomínio, como no editorial "A herança de Maluf" (8/6). A capacidade e as possibilidades de um síndico não são as mesmas que as de um histrião qualquer, pois a sorte do síndico é decidida pelos condôminos e não pelo seu conselho. As leis que se aplicam ao administrador de um condomínio e ao de uma cidade são semelhantes apenas no que se refere à demora da Justiça em determinar seu cumprimento. Já as penalidades... Excetuando-se quando ouvimos ou lemos a respeito das administrações de Maluf e Pitta, em que lugar mais se usam tanto as palavras "homem forte", "baixo nível", "denúncia", "supostas irregularidades", "sérias suspeitas", "rebelião", "investigação" e "farsa"? O que não se ouve falar é de apuração, de punição, de seriedade. E o PFL do sr. Tuma, pelo que parece, está de olho na "fortuna", pois acabará sendo o único herdeiro de Maluf. Tuma poderia ter muito mais votos se se dispusesse a apurar esses escândalos do que ser pré-candidato a "síndico". Não bastasse isso tudo, Maluf ainda consegue dar trote na polícia. A Polícia só não se mostrou mais eficiente por tê-lo deixado impune. **Walter Ribeiro Filho, Capital.**

● Li a reportagem "Maluf dá trote para testar o 190. E descobre que funciona" (Geral, 9/6, pág. 11A), sobre a tentativa de Maluf em valer-se da PM para dar um golpe de mídia. O tiro saiu pela culatra. O responsável pelo frustrado "golpe publicitário" é o competente soldado Régis, que atendeu Maluf no 190. Resultado: verifica-se que a competência de um simples soldado da PM é mais que suficiente para sustar os planos "engenhosos" de "doutores", que não hesitam em utilizar meios inidôneos no afã de aparecer. Parabéns à PM de São Paulo que na pessoa do soldado Régis demonstrou estar preparada e ser realmente competente, apesar do governo Covas. **José Benedito Neves, Capital.**

Apelo

É difícil entender o motivo por que o Metrô está fechando ao público as suas instalações sanitárias. Essa providência é de estranhar, principalmente na Praça da Sé, onde há a concentração de milhares de pessoas. Acho que cabe um apelo à direção do Metrô no sentido de rever sua decisão. E, os vereadores, concordam com ela? **Oswaldo Chiquetto, Capital.**



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO SECRETÁRIO


Ofício SSP/Sec. Adj. n.º 037/98

Gabinete em São Paulo, 14 de abril de 1998.

Senhor Governador.

Submeto a alta consideração de Vossa Excelência o relatório em anexo, das medidas tomadas no âmbito desta Secretaria, envolvendo todos os seus órgãos. Essas medidas resultaram de programa decidido pelo Senhor Secretário e aprovado por Vossa Excelência, incluindo sugestões apresentadas pelo Grupo de Trabalho que visitou as Polícias de Nova Iorque e Chicago, nos Estados Unidos.

Renovo a Vossa Excelência protestos de estima e consideração.


Luiz Antônio Alves de Souza
Secretário Interino de Segurança Pública

A Sua Excelência, o Senhor
Doutor **Mário Covas Júnior**
Digníssimo Governador do Estado de São Paulo.
Palácio dos Bandeirantes - Capital



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO SECRETARIO

Relatório

Com este relatório, a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo apresenta o estado atual das medidas tomadas visando implementar o Programa do Governo Mário Covas para a área da segurança pública, na parte em que inclui as sugestões e experiências trazidas pelo Grupo Especial de Trabalho que visitou as polícias de Nova Iorque e Chicago.

I - Priorização da Polícia Territorial

a) Compatibilização das áreas de atuação das polícias.

A criação de diversos distritos policiais, na Capital, pelo Governo Quéricia, obedecendo promessa de campanha eleitoral e sem levar em conta critério técnico, acarretou diferenças entre os territórios de atuação de unidades da Polícia Militar e da Polícia Civil, bem como agravou outras que já existiam, em várias regiões. Visando uniformizar a atuação da polícia territorial, foi proposta a compatibilização das áreas, estabelecendo limites comuns, como forma de fixar os policiais civis e militares dentro de uma mesma região, estabelecendo a convivência entre si e com a população da área. Grupo de trabalho está finalizando o processo, que deverá ser iniciado pela Zona Leste da Capital.

b) Fortalecimento das unidades.

Foi modificado o enfoque que privilegiava as unidades especializadas, passando-se a dotar os distritos policiais de meios para o exercício de suas atividades. Para tanto foi desenvolvido o sistema de comunicações, adiante melhor explanado, e o programa de remoção dos presos condenados, executado em conjunto com a Secretaria de Administração Penitenciária, de sorte que a polícia territorial possa dedicar mais tempo às suas atividades fins do que à guarda de presos.



c) Adoção do policiamento comunitário.

O policiamento ostensivo passou a ser orientado pelo conceito de policiamento comunitário, visando a fixação do homem não apenas na área, mas principalmente na comunidade. O projeto está sendo executado, tendo sido iniciado em 41 companhias operacionais da Polícia Militar em todo o Estado, em estreito relacionamento com as respectivas comunidades locais e conta com uma Comissão Permanente de Assessoramento, da qual participam representantes da sociedade civil, através de organizações não governamentais, conselhos e entidades de classe.

O policiamento ostensivo também vem sendo executado, dentro dos mesmos conceitos, de forma a realçar a presença da polícia. Modificou-se o fardamento para aumentar a visibilidade do policial; as viaturas passaram a estacionar em confluências e pontos de grande incidência criminal, com os luminosos acesos, destacando sua presença; foram instalados 220 postos policiais "24 horas", com luminosos chamando a atenção da vizinhança e do transeunte, e foi adotado o policiamento a pé, em duplas. Está sendo estudado o policiamento individual, a partir da aquisição de equipamentos individuais de comunicação.

d) Planejamento integrado local.

Através de portaria conjunta do Comandante Geral da Polícia Militar e do Delegado Geral de Polícia foram criados os Grupos de Planejamento Integrado - GPI, compostos por integrantes de ambas as polícias, com missão de formar bancos de dados locais e propor as medidas locais de policiamento. Já em execução na Zona Sul e na Zona Oeste da Capital.

e) Unidades de Inteligência Local

Já adotada pela Polícia Militar, como forma de trabalhar alguns dados levantados pelo GPI, essa unidade tem como objetivo a atividade de polícia velada visando o combate adequado e convenientemente informado de algumas modalidades criminosas de certo potencial de risco (latrocínios, estúpos, etc.).

II - Unificação dos sistemas de comunicação

Modificou-se totalmente o conceito, até então vigente, de sistemas diferentes de comunicação para cada uma das polícias. Desde o início do



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO SECRETÁRIO

Governo vinha-se trabalhando com a idéia de compatibilização dos sistemas, que evoluiu no sentido de sistema unificado, gerenciado e auditado pelo Gabinete do Secretário de Segurança Pública, sem preocupação quanto a localização física dos diversos equipamentos que o compõem, pois o "sistema lógico" está unificado, com seu órgão superior, o CIEPLAN, no Gabinete do Secretário.

O atual Governo investiu maciçamente nesse novo sistema, estando em execução uma rede "intranet", denominada INTRASEG, interligando inicialmente os distritos policiais, pois a Polícia Civil não tinha qualquer experiência em telecomunicações e informática. Foi adquirido um computador de grande porte para possibilitar o tráfego de dados e imagens. Foi também adquirido um sistema de comunicações que integra telefonia e rádio, de tal maneira que se possa estabelecer comunicação entre uma viatura e uma divisão policial, por exemplo. Foi celebrado um convênio com o Departamento de Automação da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo que está assessorando a montagem física e lógica desse novo sistema de comunicações, bem como a elaboração dos diversos programas que incluem o boletim de ocorrência unificado entre Polícia Civil e Polícia Militar, programas específicos para roubo de cargas, roubo de bancos, entorpecentes, homicídios, e outros.

Já foram compartilhados os atuais bancos de dados da Polícia Civil e da Polícia Militar, de sorte que o policial de rua pode, rapidamente, obter informações sobre uma placa de veículo, uma identidade e se o indivíduo está ou não com mandado de prisão em aberto. Está sendo interligado à Coordenadoria de Análise e Planejamento do Gabinete do Secretário o sistema de registro de ocorrências na Capital, de sorte a possibilitar a produção de estatísticas policiais mapeadas (sistema mapainfo) diárias.

Trata-se de programa em execução, e não de simples planejamento. Seu resultado final possibilitaria a total eliminação do uso de papel, se não fossem os atos de polícia judiciária, que obrigam a formalização dos Inquéritos Policiais para remessa ao Poder Judiciário.

III - Unidades de Inteligência Policial.

Está sendo implementada a criação e a atuação de unidades compostas pela Polícia Civil e pela Polícia Militar para coleta de dados e estudos sobre modalidades criminosas de alta periculosidade, a partir de ocorrências nas quais



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO SECRETÁRIO

se detecte o envolvimento de organizações criminosas ou a presença de artefatos e armamento bélico pesado.

IV - Independência da Polícia Científica.

Por decreto, acolhendo proposta do Secretário, o Governador organizou a Superintendência da Polícia Técnica e Científica, envolvendo o Instituto de Criminalística, responsável pelas perícias criminais em geral, e o Instituto Médico Legal, responsável pelas perícias médico-legais. A Superintendência está vinculada diretamente ao Gabinete do Secretário, sem subordinação hierárquica à Polícia Civil.

V - Desenvolvimento do conceito de cidadania.

Com a participação de organizações nacionais e internacionais, as duas polícias estão organizando e implementando cursos, bem como produzindo material didático sobre cidadania, com o objetivo de reciclar os policiais, e obtendo a diminuição da respectiva violência.

Esse programa será implementado com a adoção de disciplinas sobre as atividades de uma das polícias a serem ministradas nos cursos destinados aos policiais integrantes da outra, e vice-versa.

VI - Proteção comunitária específica.

Com a criação do GAPE - Grupo de Apoio e Proteção à Escola, do DENARC - Departamento de Investigações sobre Narcóticos, da Polícia Civil de São Paulo, por decisão do Governo Mário Covas, e com a destinação, ao Comando de Polícia Militar Feminina da Capital, da proteção ostensiva e preventiva das escolas, desenvolveu-se o conceito de proteção comunitária específica ou especializada.

Essa decisão revelou-se completamente acertada, em face dos resultados apresentados nos quatorze meses de atuação do GAPE e da Polícia Militar Feminina. O crescimento do número de registros de ocorrências relativas a entorpecentes, envolvendo a comunidade escolar, apontado por diferentes fontes, confirma os relatórios do GAPE. Antes insignificantes, os registros agora atestam



SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO SECRETÁRIO

a existência de um problema antigo, que vinha sendo ignorado pelos anteriores dirigentes da área de segurança pública e de educação no Estado. Em outras palavras: esse problema, que existe há muito tempo, foi agora dimensionado de forma efetiva e transparente.

A dura realidade levantada pela ação do GAPE e da PMFem indica claramente não apenas o acerto da decisão do atual Governo do Estado, que fez o que tinha que ser feito, mas a necessidade de continuar atuando intensamente na área. Os relatórios apresentados servirão de base para o planejamento e execução de novas ações, tanto na área policial como, principalmente, na área educacional. Oportuno lembrar que os casos relatados, alguns destacados pela imprensa, não se concentram somente no tráfego e consumo de drogas, mas na violência generalizada que tem influído sobre as relações da comunidade escolar, entre pais, alunos e professores. Essa violência tem causas que não são atingidas pelo trabalho policial, por mais eficiente que seja, e que devem ser solucionadas, primordialmente, dentro da própria escola.

Não tem qualquer sentido, muito menos contribui para o aprendizado dos alunos, a adoção de medidas unicamente repressivas. Tratar da questão da violência sem que sejam tomadas, concomitantemente, medidas de caráter educativo e social implicaria apelar para o discurso demagógico daqueles que, tendo surgido no cenário público unicamente em razão da ditadura militar, hoje continuam tendo como única proposta a repressão indiscriminada e a violência policial, a mesma que foi utilizada naquela época, para outros fins.

Dentro do mesmo conceito estão sendo feitas experiências, envolvendo o Comando de Policiamento de Choque, o DENARC, a FEBEM e o Juizado de Menores da Capital, visando as infrações cometidas por menores, notadamente na área central da Cidade, e em especial o tráfego de drogas na região.

Cumprе destacar, negativamente, que o programa Centro Seguro, que havia sido adotado anteriormente, e que se integraria nas medidas tomadas e acima relatadas, não vem sendo implementado, em face da conduta das entidades da área, que não tiveram interesse em levar adiante o projeto, apesar de terem sido cumpridos, pelo Estado, seus compromissos iniciais de aumento do policiamento e melhoria dos equipamentos.

Também não foi implementado um programa de utilização das imagens geradas pela CET do Município, nos principais cruzamentos da Capital, em parte




SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA
GABINETE DO SECRETÁRIO

por problemas técnicos, e em parte por diferença quanto ao interesse principal, ou seja, o enfoque policial, de um lado, e o de engenharia de tráfego, do outro.

VII - Ouvidoria de Polícia.

Fruto da primeira medida tomada pelo atual Governo, a Ouvidoria de Polícia foi institucionalizada através de lei, e tem demonstrado ser um eficiente "curador" dos interesses da população junto às polícias, notadamente nos casos de violência policial. A ação da Ouvidoria tem impulsionado o trabalho das Corregedorias e garantido a apuração de todas as denúncias feitas sem represálias aos denunciantes.

Gabinete em São Paulo, 14 de abril de 1998


Luiz Antonio Alves de Souza
Secretário Interino de Segurança Pública

Governador

Para seu conhecimento cópia das matérias de capa das revistas Nesweek de 20 de abril de 1998 e US News de 25 de maio de 1998

Não é interessante o fato de dois grandes semanários americanos tratarem o crescimento do crime na América Latina e o seu decréscimo na América do Norte como fenômenos não exclusivamente ligados às forças policiais ?

Interessante seu discurso descolando violência de polícia. Não seria o caso de discutirmos qual a responsabilidade ou colaboração do Judiciário e do Ministério Público na questão?

Não seria ainda o caso de, ao afirmar tudo o que foi feito(viaturas, seguro, coletes, etc.), acrescentar que ante o estado de coisas que encontramos, ainda foi pouco e que, justamente por isso e para fazer muito mais, é preciso continuar?

Não seria bom, para afinar o discurso de segurança pública, fazer um “brainstorm” com pessoas da área?



Marco Vinicio

Revista Newsweek 20 de abril de 1998

O crime aumenta em toda a América Latina

Causas: Transição para a Democracia

Ingresso no capitalismo de mercado

Corrupção e ineficiência das forças policiais

Diminuição do assistencialismo do Estado

REVISTA U.S. NEWS de 25 de maio de 1998

O crime cai em toda a América do Norte

Causas: Economia


Prevenção e Melhoria do policiamento

Drogas

**WINSTON CHURCHILL REMEMBERED
THE NEW NUCLEAR MENACE**

& WORLD REPORT
U.S. News

MAY 25, 1998



**Why
Crime
Is Down**

SPECIAL REPORT

**The Real
Story**

\$2.95



BY GORDON WITKIN

Less than a decade ago, violent crime seemed like one of those things people would just have to get used to. "It's possible you won't be able to solve this problem," New York Gov. Mario Cuomo said in 1989. "That's how horrible it is." From 1984 to 1993, the number of murders nationwide climbed 31 percent. During that period, 216,986 people were killed in the United States. When, in 1992,

7-year-old Dantrell Davis was killed in Chicago by a sniper while walking to elementary school holding his mother's hand, there was outrage but little surprise. By then, neighborhoods like his had acquired monikers—the "Graveyard," the "War Zone," or "Beirut." Violence, and—just as important—fear, spread almost everywhere. The situation aggravated race relations, destroyed businesses, accelerated flight from the cities, and trapped children indoors. Violent crime seemed to affect virtually everything, and it seemed intractable.

Then something extraordinary happened. Starting in 1994, violent crime began falling. The number of such crimes reported in 1996 was 13 percent below the 1992 level, and preliminary figures released this week by the FBI show an additional 5 percent drop in 1997. The trend line is even more steeply down for murder, which is considered the most reliable crime statistic because such a high percentage of killings are reported. From 1993 to 1996 the number of murders

dropped by 20 percent—from 24,526 (a rate of 9.5 per 100,000 residents) to 19,645 (a rate of 7.4 per 100,000)—and the preliminary FBI numbers indicate an additional 9 percent murder reduction in 1997. The 590 murders in Los Angeles in 1997 were the fewest in 20 years. Boston had 43 murders in 1997, a 36-year low. In March, for the first time since the 1960s, Brooklyn went a full week without a single murder; a decade ago Brooklyn was suffering 13 to 15 killings weekly. It's hard to think of a social trend of greater significance.

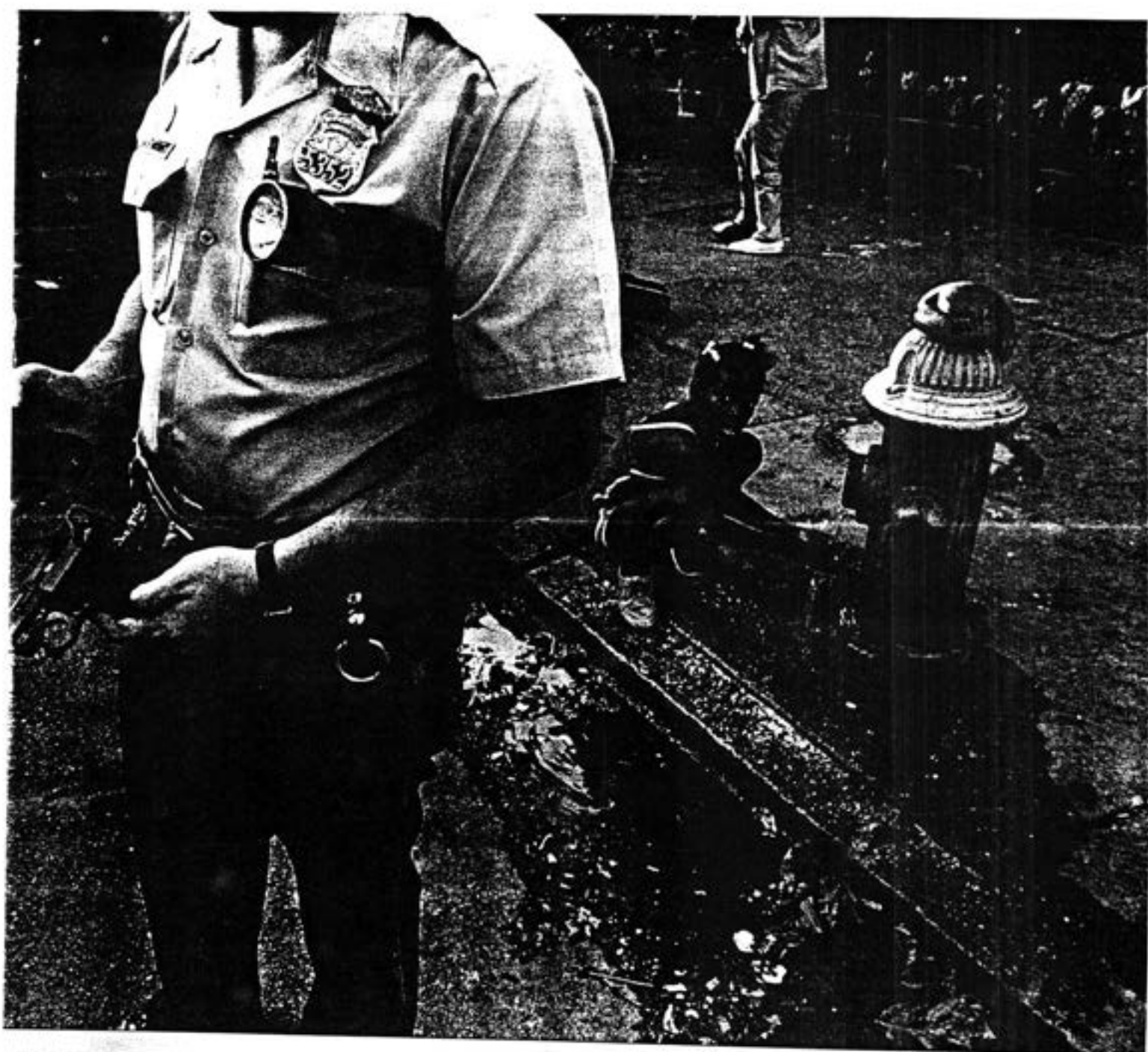
Yet the national causes of the improvement remain mysterious. Not surprisingly, economists say it was the economy, demographers credit demography, cops say it was better police work, and politicians say it was their "get tough" policies. The news media have split the difference and concluded that it was a variety of causes.

But while the drop in crime can be linked to many factors, one really is more important than others. If we ap-



The CRIM

What's behind the dramatic drop in crime? The prime suspect



E Bust

is not police, nor prisons, nor prevention

1989

War zone.

A policeman in North Philadelphia with two guns discarded by a suspected drug dealer during a chase. Scenes like this, and a high murder rate, seemed to be permanent parts of American life. But from 1993 to 1996, murders fell a striking 20 percent, and this week the FBI announced an additional 9 percent reduction for 1997.

U.S. NEWS

proach the question of who ambushed the crime rate as a detective might approach a murder case, it turns out that there is a prime suspect.

THE ECONOMY? Many social scientists have long believed in some sort of link between poverty and crime, so there's a simple logic to the idea that a booming economy—a 4.3 percent unemployment rate at last count—must be driving crime rates lower. With more hope of finding legal jobs, young people are less likely to see crime as a necessary or desirable option.

But while possibly a factor, prosperity is probably not the key. Robbery and burglary fluctuate with economic conditions—but murders generally do not, according to Philip Cook, a Duke University public policy professor. For instance, crime rates rose sharply in the 1960s, a period of low unemployment. During the 1970s, Sun Belt cities had faster rates of economic growth than older cities—and higher crime rates too. New York City retains a stubbornly high unemployment rate of 9 percent, yet murders there have fallen 66 percent since 1990.

PREVENTION? There is clearly merit to the idea that investing in high-risk youngsters might help prevent violent crime, and experts say high-quality prevention

initiatives can reduce violence rates by 20 percent to 25 percent. For instance, so-called early intervention programs that get at-risk kids into preschools at a young age and teach parenting skills to new mothers and fathers can have long-lasting positive effects. After-school programs involving music, sports, and drama can also be valuable, in light of research showing that the peak hours for juvenile violent crime are from 3 p.m. to 8 p.m.

But the good news pretty much ends there. Studies show that many prevention programs don't work, and others may or may not be effective, since so few have been evaluated. Among the ineffective approaches are some politically popular ideas like neighborhood block watches and citywide gun buy-back programs. For the moment, the overall effects

of prevention programs on crime are thought to be modest.

FEWER BATTERED WIVES? One of the most surprising components of the drop in violent crime is the steady 20-year slide in domestic murders. Killings involving intimate partners—spouses, ex-spouses, boyfriends, or girlfriends—fell from nearly 3,000 in 1976 to just over 1,800 in 1996, a decline of 40 percent. And though 3 of every 4 victims in 1996 were women, the largest portion of the decline by far was in the killing of men, especially black men killed by their female partners.

Fewer murders



PHOTOGRAPHY BY EUGENE RICHARDS



In part, there are fewer killings by spouses because there are fewer young people with spouses. In 1970, 55 percent of men ages 20 to 24 had never been married. By 1992, the proportion had increased to 80 percent. Experts say that women are also benefiting from more opportunities to escape bad relationships. Women are more financially independent, and organizations devoted to helping women in abusive relationships—hot lines, counseling centers, legal clinics, shelters—have grown dramatically after first emerging in the early 1970s.

But in 1996, there were only 447 fewer "domestics" than in 1993, accounting for just 9 percent of the murder reduction.

PRISONS? When crime started dropping, one of the first explanations experts



considered was the shift of criminals from the streets to prisons. The number of people incarcerated in federal and state prisons and local jails has gone from 744,208 in 1985 to 1,725,842 as of last summer. Tough legislation in the 1980s increased the sentences for many crimes, especially drug offenses. From 1924 to 1974, America's incarceration rate was strikingly stable (about 110 per 100,000 population); since then the rate has almost quadrupled.

Some of the new criminals were arrested for "nonviolent" crimes (notably drug dealing). Still, criminologists generally believe that most new prisoners were incarcerated for violent crimes. One study showed that between 1979 and 1991, the number of offenders sent to state prisons for violent crimes doubled. Other stud-

1998

Back in charge. Members of the 161st Street block association in Manhattan. Left, group leader John Matthews, near a closed-down crack house.

ies—albeit controversial—argue that each additional prisoner locked up means from 12 to 17 fewer crimes per year. Even liberal criminologist Franklin Zimring, while decrying the increase in drug incarcerations, concedes that "when you lock up an extra million people, it's got to have some effect on the crime rate." The more conservative social scientist James Q. Wilson is less grudging: "Putting people in prison is the single most important thing we've done."

But regional variations undermine the notion that imprisonment played the major role nationwide. New York City has

displayed some of the most dramatic drops in crime, but the state prison population—70 percent of which is from the city—has increased only about 8 percent since 1993. Conversely, the law-and-order state Utah raised its incarceration rate by 19 percent from 1993 to 1996—but its violent-crime rate went up. Imprisonment, therefore, seems to be important but not the underlying cause of the crime drop.

POLICE? No factor has been cited more often to explain the crime drop than better policing. And at first glance, there is a strong case that an improvement in polic-

U.S. NEWS

ing techniques is indeed the key. During much of the 1970s and 1980s, the police themselves had argued there was little they could do about crime, that rates were determined by demographics and social conditions. But nurtured by reform-minded groups like the Police Foundation and the Police Executive Research Forum, a more educated, innovative brand of cop has ascended to the chief's chair in the 1990s.

The influence of the new breed has been most dramatically displayed in New York. Commissioner William Bratton and his successor, Howard Safir, created a model of policing that is important for two reasons. The drop in murders in the Big Apple—from 1,946 in 1993 to 983 in 1996—accounted by itself for 20 percent of the drop nationwide. And other big-city departments have adopted some of New York's crime-fighting innovations.

Bratton put primary responsibility in the hands of his 76 precinct commanders and then held them personally accountable for reducing crime in their neighborhoods. To facilitate this program, he used a process called "Compstat," for "compare statistics." The NYPD can now plot each reported crime on a color map that gives police a more sophisticated understanding of crime trends, patterns, and "hot spots." The maps serve as the basis for twice-weekly strategy meetings that involve grilling the commanders and brainstorming on crime-fighting tactics and deployments. The sessions have enabled the commissioners to weed out weak per-

formers; Bratton replaced half his precinct commanders within a year. "The focus on actual results is perhaps the most significant cultural change in policing since the turn of the century," says University of Maryland criminologist Lawrence Sherman. Other cities have shifted resources toward the high-crime "hot spots." The New Orleans Police Department has built substations and deployed cops 24 hours a day in troubled public housing, which has helped bring the city's murder count down from 421 in 1994 to just 266 last year.

Many experts also attribute part of New York's success to Bratton's focus on nuisance crimes—street prostitution, public urination, or blaring boomboxes. Bratton consciously took to heart the "broken windows" theory postulated by James Q. Wilson and criminologist George Kelling in a 1982 *Atlantic Monthly* article: that just as a broken window left unattended is a sign that nobody cares and will inevitably lead to more broken windows, so too, small crimes like vandalism will lead to more serious crimes if left unpunished. Supporters believe that New York's attention to low-level crimes encouraged honest citizens to begin reclaiming their neighborhoods. New York cops also found that many of these lawbreakers were wanted on warrants, were carrying illegal weapons, or provided intelligence on other crimes.

After years of skepticism, researchers are also starting to believe that having more cops makes a difference. In 1960,



there were three reports of violent crime for every police officer in Los Angeles. By 1990, there were 10 reported crimes for every cop. In the 1970s and 1980s, many big-city police departments actually shrank because of budget crunches. But now in Los Angeles, the ratio is back down to 6.9 crimes per cop, in part because the city has added 2,270 police since mid-1993; murder there has plummeted. Houston has added 1,400 cops since 1991, and the murder rate there has fallen by 58 percent. And the Clinton administration has helped to fund 70,000 new local police officers, though the political imperative of spreading them broadly has diluted the program's impact.

Almost all the experts now agree this smarter policing deserves a hefty chunk of credit for the drop in violent crime. But a closer look at regional variations again raises questions. The crime rate has also dropped precipitously in cities like Washington, D.C., where the police department has been, at best, troubled and, at worst, thoroughly dysfunctional. Conversely, a metropolitan area like Nashville, which has increased its police manpower by 16 percent since 1994, has nonetheless seen its annual murder totals climb from 73 to



1990

Tools of the trade. Much of the increase in violent crime in the '80s and the early '90s was among young people using guns.



1998

Road block. The police stop cars in Queens, N.Y., to check drivers' licenses.

Cracking down on small infractions has helped reduce major crimes.

112 in that time. Clearly, smarter policing was spectacularly decisive in some cities like New York, but it probably was not the key factor nationwide.

CRACK. To truly understand why crime went down, it's important to review the recent history of murder. After a brief post-World War II spike, crime resumed a decades-long drop. The murder rate reached a low of 4.5 per 100,000 people in 1957 and 1958. Why? The usual explanations apply: The economy was good, communities were stable, guns were scarce on the streets, and most marriages were intact.

Then, starting in the mid-1960s, crime began to rise. Conservatives like to attribute this to loose morals, but a far more likely explanation is simple demographics. Beginning in this period, the huge post-World War II baby boom generation moved into its crime-prone late teens and 20s. A

child born in 1946 turned 19 in 1965. The baby boomers peaked at 35 percent of the population in 1980, and so did the murder rate, at 10.2 per 100,000.

At that point, the situation began to turn around. Those crime-prone baby boomers became more law-abiding adults. Between 1980 and 1985, the mur-

der rate dropped by 23 percent. Demographically, the downward trend should have continued into the early 1990s, since the number of volatile 15-to-24-year-olds shrank from 42 million in 1980 to 38 million a decade later.

But around 1986, something scary and unexpected began to occur—the spread of crack cocaine. The recipe that used heat and baking soda to turn cocaine hydrochloride, or powder, into crack created a smokable, pre-packaged product with a unit price low enough to lure the masses. Cocaine powder required an investment of at least \$75 to \$100 for a gram, but a hit of crack was \$5. Economically depressed inner-city neighborhoods provided fertile ground for the drug.

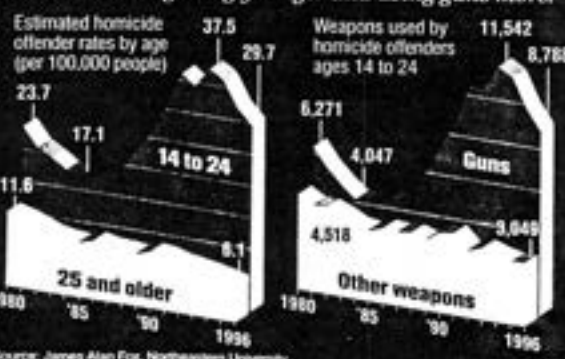
The result was an explosion of street-corner crack markets that proved dangerously unstable for a number of reasons. First, the crack "high" lasts as little as 10 minutes, so users often want more right away. That means a large number of transactions involving extremely agitated people. To buy more, they needed cash quickly, and they were often willing to rob people at gunpoint to get it. The lucrative environment of crack's formative years also created a dangerous number of disputes between buyers and sellers, or buyers and rip-off art-

ists, and a feverish competition for retail turf.

Criminologists like Alfred Blumstein of Carnegie Mellon University also believe the crack markets kicked off an incendiary chain reaction involving kids and guns. The sheer number of transactions required crack-selling organizations to recruit large numbers of inner-city, minority teens—many of whom saw no other job opportunities—to act as street-level worker bees. These kids were carrying both drugs and cash, and they felt compelled to carry guns as well to protect themselves from robberies. This behavior spread beyond the drug trade, as those not involved began carrying guns to protect themselves from those who were. "Many also saw guns as conferring a measure of status and power," writes Blumstein. "Gun possession escalated into an arms race that diffused the weapons broadly throughout the community." And

The young and the ruthless

Murderers are getting younger and using guns more.



so the typical teenage dispute—over a girl, a ballgame, or “respect”—that years before might have resulted in a fistfight was now resulting in shooting. And dying.

The statistics from that era couldn't be clearer. The overall murder rate soared from 7.9 per 100,000 in 1985 to 9.8 per 100,000 in 1991, but the rate of murders by adults was stable, and so was the rate among young people using weapons other than firearms. In other words, virtually the entire violent-crime wave of the late 1980s and early 1990s could be blamed on young people with guns (charts, Page 33).

Then, starting in the early 1990s, the crack crisis began to wane in America's big cities. The proportion of youthful arrestees testing positive for cocaine in Detroit, for instance, dropped from 45 percent in 1987 to just 5 percent in 1996. In Manhattan, the proportion fell from 70 percent in 1987 to 21 percent in 1996. A variety of studies also suggest that today's crack market is increasingly dominated by an older, mostly male group of heavy users. That's good news, because this age group is less prone to violence, and many of these users have long-term, stable relationships with their suppliers.

Why have young people turned off crack? Many observers cite the “younger brother syndrome,” in which teens are turned away from the drug because of an emaciated older sibling ravaged by addiction or confined to a wheelchair from a bullet fired in a crack deal gone bad. “A

strong social norm against crack use began gathering momentum around 1989 or 1990. Youths have decided that crack is not cool,” says Bruce Johnson of the National Development and Research Institutes in New York (“Ex-cons on Crime,” Page 37).

The level of violence associated with the crack markets themselves has also dropped as the result of a brutal settling-out process. Cops say the worst of the Wild West brawls over turf have been fought, and territories have been established. Many of the most reckless players from the late 1980s are dead or in prison, and those remaining have found peaceful ways to resolve disputes.

Police and imprisonment did play a narrowly focused role in stemming the crack problem. Many big-city departments—to some extent jarred into action by the unexpected crack epidemic—teamed with federal agencies to break up violent crack-selling gangs and wipe out street-corner retail markets; in New York, Commissioner Safir, for instance, has enlisted the feds in a large-scale offensive against drug trafficking in northern Manhattan. Local police pressure—along with the proliferation of beepers and cellular phones—has

The trends of two cities

Drug use and murder rates often go hand in hand.



moved at least some of the crack markets indoors. One low-profile Brooklyn dealer told researcher Richard Curtis that prior to the police sweeps of the early 1990s, “Who’d bother to call me on my beeper? Wouldn’t have to. You could buy it like a supermarket. [But when the police destroyed the supermarkets], they created my business.” In terms of reducing violence, indoors is “a wonderful place for the market to be,” says Mark Kleiman of the School of Public Policy and Social Research at the University of California-Los Angeles. “A guy standing on a street corner selling drugs has basically painted a target on his shirt. He’d better be ready to defend himself. A guy with a beeper and a client list doesn’t have to shoot anyone.”

Experts believe that the link between crack, guns, and crime can also be demonstrated in places where crime hasn’t dropped—smaller cities in the heartland where crack has only recently arrived. Indianapolis, traditionally a low-crime city, “was very late in the cocaine epidemic,” says Mayor Stephen Goldsmith, “but then the drug wars followed crack, and continue to drive the homicide rate to unacceptable levels” (charts, above). Crack vials and crime-scene tape have become part of the day-to-day routine in neighborhoods like the Meadows. The proportion of Indianapolis arrestees testing positive for cocaine jumped from 24 percent in 1992 to 50 percent in 1994, and it has dipped only slightly since. The city’s murder count, which was only 57 as recently as 1987, rose to 118 last year.

But in most big cities, the story is increasingly one of relative peace. The passing of the crack epidemic—along with the associat-



1988

Crack. The high lasted only 10 minutes, so crack users often wanted more right away. That meant transactions involving extremely agitated people.

ed reduction in fear—is helping to disrupt the crucial link between kids and guns, with a hefty assist from the cops' antigun enforcement efforts. In New York, "our street research tells us kids are less inclined to carry guns these days," says Jeffrey Fagan of Columbia University's Center for Violence Research and Prevention.

The result is that violence among young people—which had pushed crime rates up starting in the mid-1980s—is finally headed in the opposite direction. Juvenile murder arrests declined by 3 percent from 1993 to 1994, 14 percent from 1994 to 1995, and another 14 percent from 1995 to 1996.

Still, the numbers obscure a sobering reality driven home by horrors like the shootings in Jonesboro, Ark. Though the 1996 juvenile murder arrest rate was the lowest since 1989, it was still 50 percent higher than the rate in the early 1980s. "The youth homicide problem looks better, but only because the early 1990s were so bad," says criminologist James Alan Fox of Northeastern University. "So let's not fool ourselves into thinking everything's resolved. It's not."

This raises another question: Is there any way of keeping crime from getting worse again? Law enforcement officials are well aware that baby boomers' children are now reaching the traditionally crime-prone years of 15 to 24. Between 1996 and 2005, the teenage population will have increased by 20 percent, to more than 30 million by 2006—the largest number of teens since 1975. Some criminologists predict a *Mad Max* landscape of "superpredators," in which the number of teenage killers could once again top 4,000, as it did in the early 1990s.

Others argue that the fears are overblown: that the year-to-year rise is small and won't be that noticeable, that the growth in the number of teenagers will be offset by a continued fall in the crime rate for adults, and that the drop in teen violence for the past three years proves that it's hard to predict what teens will do. "Demographics do not have to be destiny," argues Attorney General Janet Reno. Perhaps not. In the past 15 years, public policy has indeed made a difference, by improving policing and incarcerating more criminals. But hindsight also teaches that sometimes things come along—like crack—that are unforeseeable and relatively impervious to political solutions. It's not clear whether policy makers or the public can develop the wisdom or political will to identify such incipient trends—a new popular drug, for example—and address them before they trigger another crime wave.

Criminals on crime

Cons, ex-cons, and street-savvy kids say violence got so bad it even scared them

BY JAMES LARDNER

If you're looking for experts on crime, it's hard to find a place with more of them than Rikers Island, a 400-acre mass of rock and landfill in the waters behind New York's LaGuardia Airport. Compared with the politicians, police chiefs, and criminologists who do most of the pronouncing on the subject, the 15,000 or so prisoners on Rikers aren't very reliable about data and are prone to long recitations of personal grievances. But their observations may nevertheless help explain—sometimes unintentionally—the recent declines.

Mention the police, for example, and a heavyset 21-year-old named Barry will give you an earful about the injustices they have done him, from the time he got grilled as a suspected gang member on the basis of his red jacket ("Red is my color! I've been wearing red since I was a little kid coming out of my mother's womb!") down to the attempted-robbery charge on which he is currently awaiting trial. "They said

I tried to rob a female!" he exclaims, as though the absurdity of it ought to be apparent to anyone.

No evidence. After finishing a recent prison term upstate for a drug-related offense, Barry noticed that the police in his part of the Bronx were stopping people more often than he remembered. "And ain't no more stop, ask some questions, send you on your way," he points out. "Now it's 'Get your hands on the f---ing wall, shut up, turn around,' and if you're lucky you might not get anything planted on you. And when you go in front of the judge, ain't no more 'Let's see what the deal is. Let's see if the cop is lying.' It's whatever the cops say, 'That's what we hitting you with—take it or leave it.' They're taking people to trial with no evidence: no drugs, no type of paraphernalia. They're arresting people for no apparent reason. That's why crime is down."

If this sounds illogical, it's a form of illogic embraced by many of Barry's peers. They may not like the police, but they do not deny the deterrent effect (or the deterrent effect) of putting po-

'[My children] saw me go through changes like Jekyll and Hyde.'

—Robert Marin, former drug user



Marin hopes his children will be scared onto a straight path by having watched him.



1998

Role model. The death of "Macho," a gang leader memorialized here in the Williamsburg section of Brooklyn, made some of his friends "slow down."

tential perpetrators out of circulation. Indeed, they have good reason to believe in the principle of deterrence, for the crime rate on Rikers Island itself has plummeted, with stabbings and slashings at fewer than 20 a month in early 1998, down from a high of 139 in July of 1994. And the inmates and their keepers offer much the same explanation: Violence behind bars is now taken seriously, and conviction usually means significant added time. "Slash somebody inside the jail system, and it's 8½ to 25—they post it all over the place," says Orin, a wiry 48-year-old.

Family business. But interviews with criminals, accused criminals, former criminals, and street-savvy kids in Phoenix, New York City, and Newark, N.J., highlighted another important development: a new awareness of the harm done by hard drugs, and especially by crack cocaine, associated with some of the worst violence of the past decade. Robert Marin, a 44-year-old machinist, regrets that he didn't know anyone who used drugs when he was growing up in Phoenix. His own children, he says, have the advantage of

knowing *him*: "They saw me in and out of jail, they saw the arguments, they saw me go through all different kinds of changes like Jekyll and Hyde, you know? I turned them off as a father."

Many former drug users and dealers say that fear of arrest and imprisonment was only one reason to stop—and no more important a reason than, say, the damage drugs do to work and family lives, or the risk of being shot in a drug-related dispute. Hubert Jones, 33, chose to enroll in a hard-nosed residential drug-treatment program, Integrity House in Newark, after being arrested on a minor drug charge. (He counts it a blessing he wasn't arrested for something more serious since he was involved in the sale of guns and drugs.) He knew something about the likely alternative—prison—from an older brother who is serving a murder sentence. In addition, he has two brothers who were shot to death on the streets of Camden, N.J., the family's hometown. His oldest brother is serving time for murdering the murderer of the second oldest.

Hubert Jones is perhaps an unusually

dramatic example of what Richard Curtis, an ethnographer who teaches at the John Jay College of Criminal Justice, calls the "younger-brother syndrome." For more than a decade, Curtis has been interviewing young people in poor Brooklyn neighborhoods. What he has found there is a growing subculture of young men and women who steer clear of crime, guns, and hard drugs. "I stay off the streets, 'cuz the streets gets you nowhere," says a 16-year-old high school sophomore who gives his name as Chub, interviewed in the Williamsburg section of Brooklyn. "Cut school and stay on the streets, and either you will get locked up, or if you mess with the wrong person, you'll be 6 feet deep, you know?"

Chub, who is smoking a Newport cigarette and has a stocking cap on his head for hairstyling purposes, says that he doesn't have any respect for anyone who uses crack, because "they're uncivilized—they'll do anything to get their drug." In this view of crack users, he is backed by two 16-year-old friends, Jessica and Christina, and by a 21-year-old friend of theirs, slouched in a nearby chair and drinking from a bottle of Olde English malt liquor, who (setting off a wave of chortling

from his companions) claims that he is known by the nickname 'the Destroyer.'

Chub and his friends lend support to the theory that when the police do more stopping and searching, people become more reluctant to carry guns in public. Guns have become uncool, according to the Destroyer, who adds that he knows people who have no fondness for the police but will nonetheless call them if they see someone with a gun. "Everybody's snitching everybody out," he says. "That's how people is these days." But while the members of this foursome know people who are in prison, they have more to say about the violent death of someone named Macho, who was the leader of what the Destroyer refers to as "our gang, the BBBs." Although Chub says it wasn't a gang—it was "just the block, man"—all four remember the date, Nov. 29, 1994, when Macho was shot in the hand, shoulder, and head by "some Dominican banana boat." Macho's murder—memorialized in spray paint on the brick exterior of a nearby grocery—made them realize it was "time to slow down," Christina says. "People started going to school more—people started getting jobs," Chub says.

Wanderlust. There is a worrisome fragility to the state of calm they describe, however. Staying in school is hard work, to hear Chub tell it. In the afternoons, especially, he has fits of wanderlust, and has to remind himself that with just a GED instead of a regular diploma, "the only college you can go to is City College, that's it."

"I'll be on his case," the Destroyer says. "See, I'm a dropout already. He still got his chance to get a diploma."

The Destroyer has a part-time job that is even more of a trial for him than school is for Chub. He is paid \$120 a week for roughly 25 hours of work as a deliveryman for a local shopping center. "The jobs they got out here is no good," he complains. And the police, he adds, check him out just as often as they did a few years ago, when he was selling drugs. "If you did bad and then you do good, they still going to harass you," he says. "They be playing with people's feelings, you know? One of these days, I'll be getting mad. One of these days, somebody's going to get me ticked off and I'm going to turn into a psycho man."

"Don't do that," Chub says, softly. ■

A couch-potato factor

The drop in property crime may owe less to gates and alarms than to cable TV watching



BY WARREN COHEN

Yes, someone is murdered in the United States every 27 minutes on average. But in the interval between killings, 70 cars will be stolen, 125 homes will be burglarized, and 405 items will be swiped from someone's office or back yard. Although murders and assaults capture the most national attention, property offenses such as burglary, larceny, and motor vehicle theft outnumber violent crimes by a 7 to 1 ratio, with annual losses conservatively estimated at \$15 billion or more. And from 1960 through 1980, the property-crime rate tripled.

But starting in 1980, while violent crime was still rising, the property-crime rate began to fall. Since then, it has dropped by 21.2 percent, including a 5 percent drop in the preliminary FBI figures for 1997. In fact, the U.S. burglary and motor vehicle theft rates are now lower than they are in such safe-seeming countries as England,

Denmark, and Sweden. What happened?

The property-crime spurt of the 1960s is partially explained by subtle societal changes that increased criminal opportunities. For example, many city dwellers moved to the suburbs, where fewer nosy neighbors meant fewer watchful neighbors, making it easier for burglars to operate without detection. Women's participation in the labor force increased from 38 percent in 1960 to 52 percent in 1980, so more houses sat empty during the day, when at least a third of all burglaries occur. And small shops with observant counter help gradually gave way to giant shopping centers and malls, providing greater opportunities for shoplifting.

Youths, in particular, found ever wider opportunities for criminal mischief. With both parents often working and commute times lengthening, kids received less supervision. Busing led to larger schools with more students than teachers could adequately manage. And rising prosperity pro-

As more people use credit cards instead of cash, purse snatchings have declined.

vided more teens with cars, enabling them to stray farther from watchful parents and neighbors. The resulting increases in crime basically caught off-guard a country that didn't lock its doors at night.

Happily, a number of more recent trends have conspired to make committing property crimes more difficult. The proliferation of VCRs and cable TV has made people more likely to stay home at night, which in turn deters burglars. Two-car garages, a feature of only 42 percent of new homes in 1972, now accompany 78 percent of new homes. These protect cars as well as other frequently targeted items like bicycles.

Supply and demand. The abundance of popular consumer items has also helped cut demand for stolen goods: 98 percent of all homes already have at least one TV and 77 percent have a VCR, so demand for these stolen goods has waned. Criminologists say the street prices for most stolen household goods have dropped by a fifth in the past two decades. (Ironically, the lower profitability of stealing household goods may have contributed to the rise in violent crime in the 1980s and early 1990s, by leading some thieves to turn to robbery and drug dealing, crimes more immediately rewarding than breaking and entering.)

Another factor in the decline of property crime has been the rise of credit cards. In 1990, Americans used credit and debit cards for retail purchases 191 million times; by 1996 that number had exploded to 1.1 billion. With people carrying less cash, pocket-picking and purse-snatching have dropped 53.2 percent over six years, the fastest declining categories among all larcenies.

In addition to these lifestyle and economic changes, the past several years have seen a wave of deliberate efforts by Americans to protect themselves against property crime. In most parts of the country, unlocked front doors are a thing of the past. Roughly a fifth of homes now have alarm systems, compared with less than 1 percent in the early 1970s. (By contrast, gun ownership, sometimes credited with reducing property crimes, probably has not increased, holding steady at an estimated 35 percent or more of households since the 1960s.) The number of gated communities with fences and guard stations restricting access has jumped from roughly 2,500 in the early 1970s to about 20,000 today. Car-alarm sales have climbed from tens of millions of dollars in the 1970s to \$478 mil-

lion in 1996. And since its 1986 introduction, consumers have purchased more than 35 million units of The Club, a device that locks steering wheels. Meanwhile, the percentage of retail businesses with closed-circuit-television security systems has soared to 73 percent since the devices started being deployed in the early 1980s. In all, private security spending has risen from \$8 billion in 1975 to \$80 billion last year, a figure that includes pay for 1.8 million private security employees.

Many of these precautions can protect

streets, cul-de-sacs, and speed bumps. In addition to hindering quick getaways, these precautions also prompt more people to spend time outside, where they act as informal watchmen.

The key to most crime prevention is simply ensuring that crooks know that someone is paying attention. A good example is the Huntsville, Ala., school system. During the 1980s, it averaged about eight burglaries each week, and its insurance company warned that its coverage would be stripped. Then the town invested \$1.7 million in a closed-circuit-television system and installed 250 cameras in all 44 area schools. The first year the system was in use, security officers caught 250 thieves; since then, the burglary rate has dropped to about five per year. The now-above-average safety record has helped reduce the school district's insurance premiums by an estimated \$3 million since the installation.

Similarly, following a rash of daytime burglaries in 1979, Rohnert Park, Calif., assigned police officers to patrol the streets looking for truants. Area businesses were asked to call police if they saw youths out and about during school hours. Students who were caught were returned to school; numerous infractions could delay a teen receiving his driver's license. Since the program was instituted, the city's daytime burglary rate has fallen 86 percent.

There are encouraging signs that property-crime rates will continue to drop nationally. Technological changes such as the spread of personal computers are creating more opportunities for stay-at-home workers, who can also act as neighborhood guardians. It's also possible that as burglars and petty crooks move to other activities, tricks of the trade such as how to identify an unoccupied house may not get passed along to another generation.

But after two decades of steady decline, the property-crime rate is still about five times greater today than it was in the 1950s, leaving plenty of room for improvement. If recent history is any guide, many of the developments that will determine future property-crime rates will be lifestyle changes (such as widespread use of VCRs or credit cards) that on the face of them have nothing to do with crime. But deliberate precautions against criminal opportunity will also play an important role, especially those that emphasize keeping a watch on the community. The truth is that paranoia often works. ■



Alarms and devices such as The Club divert thieves to unprotected cars but probably don't affect the overall theft rate.

individual car and home owners, but overall they have probably shifted the incidence of property crimes more than they have reduced them. Alarms and devices such as The Club primarily divert thieves to unprotected homes or cars. And, surprisingly, no studies demonstrate that gated communities are safer than other housing options, possibly because residents grow lax about security and leave gates open during the day or forget to close their garage doors. An alternative that has proved more successful is limiting traffic with measures such as one-way

ISRAEL AT 50 ■ BURMA: THE NEXT COLOMBIA?

Newsweek

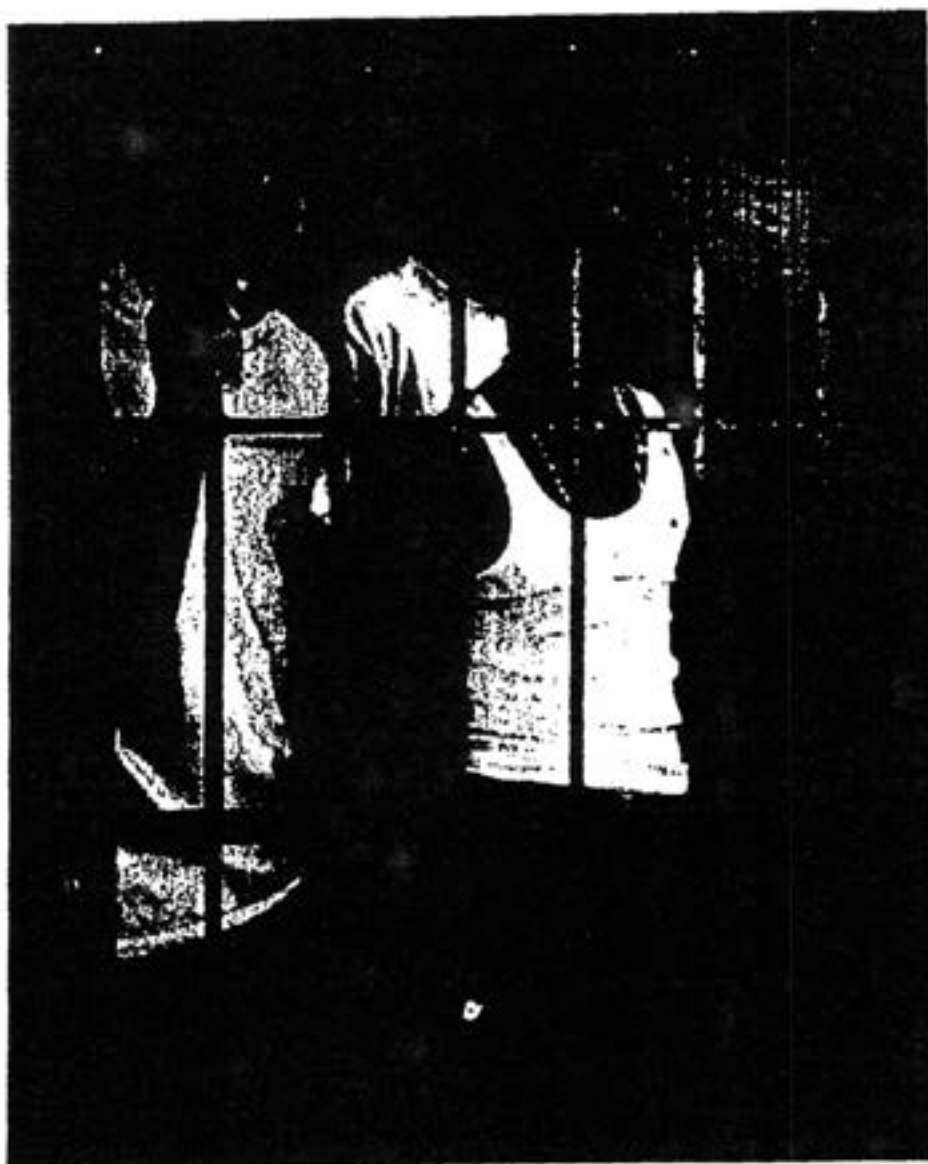
THE INTERNATIONAL NEWSMAGAZINE

CONTINENT OF FEAR

**Crime Has Become
Latin America's
Biggest Problem,
But the Santiago
Summit Will
Ignore It**



TOP OF THE WEEK

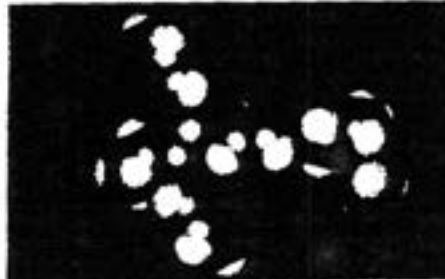


WORLD AFFAIRS: Crime—murder, rape, kidnapping—is the No. 1 concern of most people living in Latin America. So how come it's not on the agenda at this week's high-level summit in Santiago? **Page 10**



SPECIAL REPORT: Israel, at 50, still struggles to evolve into a "normal" country. **Page 32**

COVER: Photograph by AP.



HEALTH: Tamoxifen brings hope to the fight against breast cancer—and some questions. **Page 54**

WORLD AFFAIRS

- Latin America:** Living in Fear
by Brook Larmer 10
- Opinion:** The Politics of Justice
by Alan Zarembo 15
- Nigeria:** President Dictator
by Marcus Mabry and Obi Nwakanma 16

ASIA

- Burma's Men of Gold by Tony Emerson 18
- The Next Big Thing Is Ya Ba 20
- Tough Cold Turkey 23
- Will Japan Save Itself? 25

EUROPE

- Northern Ireland:** A Clear Shot at Peace
by Stryker McGuire 26
- France:** Bruno the Smooth 31

SPECIAL REPORT

- Whose Israel Is It?
by Joseph Contreras and Russell Watson 32
- A Vision for the Future
by Yossi Beilin 36
- The Promising Land
by Ze'ev B. Begin 37
- Interview: I'm 'a Coalition of One' 38

BUSINESS

- Mergers:** A Global Gamble
by Kenneth Klee 40
- God Is in the Details
by Robert J. Samuelson 42
- Telecom:** Herr Upwardly Mobile 43
- Tobacco:** Stubbing Out a Deal
by Matthew Cooper 44

SOCIETY & THE ARTS

- Music:** Cross Over, Beethoven
by Yahlin Chang 46
- Opinion:** The Lessons of Bosnia's War
by Michael Elliott 53
- Health:** New Hope, Old Fears
by Sharon Begley 54

DEPARTMENTS

- | | | | |
|---------------------|---|-------------------|----|
| World View: | | Newsmakers | 39 |
| Carla Power | 2 | Interview: | |
| Periscope | 3 | Ingrid | |
| Perspectives | 9 | Betancourt | 56 |

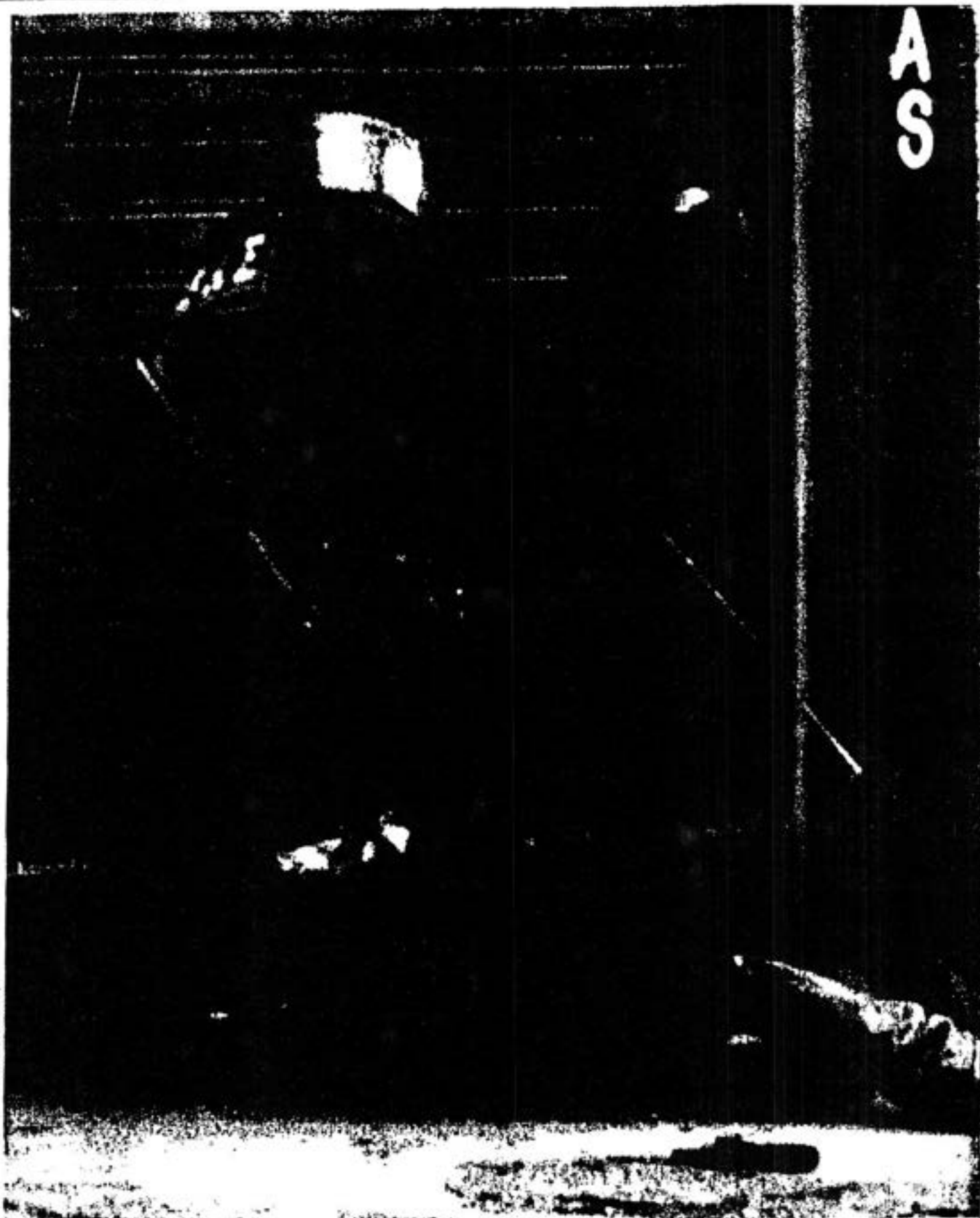
Newsweek

Vol. CXXXI, No. 15
April 20, 1998 \$ 1998
by Newsweek, Inc.

251 West 57th Street, New York, New York 10019
All Rights Reserved.

To order reprints (minimum order required: 500 copies) or request permission to republish a NEWSWEEK article please call 1-212-445-4870 or fax 1-212-445-4929.

A
S



FRANKLIN JAYNE/AP

WORLD AFFAIRS



FOR LATIN AMERICA'S NEW BREED OF BANDITS, there is no such thing as a bad time for crime. If there were, then four armed men wouldn't have chosen to drop by the Foreign Ministry in Mexico City last Tuesday afternoon, just as visiting United States drug czar Barry McCaffrey was finishing up a press conference on drug trafficking. Several dozen police officers and security guards stood outside the building. But that didn't stop the four men from brazenly assaulting a CNN television crew just 50 feet away. Martín Asturias, a Guatemalan cameraman, pleaded for the men to take the CNN van but not his camera—his livelihood. "Give me the f---ing camera, or I will kill you," said one assailant, holding a gun to Asturias's head. Seconds later, the men sped off with the van and \$50,000 worth of TV equipment. Two motorcycle cops halfheartedly gave chase, but the thieves melted into the city.



Just another day in the most dangerous region in the world. When Bill Clinton arrives in Chile late this week for the second Summit of the Americas (the first was held in 1994), he will join 33 other heads of state in celebrating Latin America's spectacular progress. The region's civil wars are mostly over. Democracy has taken root; only one dictatorship remains: Cuba. And Latin American economies, leavened by free trade and privatization, have rebounded from the "lost decade" of the 1980s with eight years of rapid growth (averaging 5 percent a year). But amid all the smiles and backslapping this week, a troubling question will likely go unanswered: if everything is so great, why are Latin Americans more fearful than ever? "The No. 1 crisis in the entire region is the crisis of personal security," says Eduardo Gamarra, a professor at Florida



WORLD AFFAIRS

International University. "But it will not be the subject of a single formal discussion at the summit."

Nobody doubts that the four main topics on the summit agenda—poverty, trade, education and drugs—are vital to the region's future. But in opinion polls none of them comes close to personal safety as the top public concern throughout Latin America. (The only exceptions are in Chile, Uruguay and Bolivia.) It's easy to see why: Latin America now averages 30 homicides per 100,000 inhabitants, six times the world average, four times the rate in the United States, and twice that of Africa and the Middle East. While most news reports from the region focus on large criminal organizations or macroeconomic trends, most Latin Americans are more immediately affected by the fear of common crime—such as last week's botched bakery-store heist in Caracas, in which the assailant, who was eventually killed, used a pregnant woman as a shield in a harrowing five-hour public standoff.

AND THE SITUATION IS ONLY GETTING worse. Crime in Mexico, for example, has multiplied faster in the past four years than in the previous 60, according to the Mexican Institute for the Study of Organized Crime. Colombia, on top of its drug violence, has become the world leader in kidnapping, with more than 2,000 reported last year (and many more unreported)—or one abduction every four hours or so. And El Salvador has surpassed Colombia as the most murderous country in the world, with more homicides per year (around 9,000) than during the height of its bloody civil war. Even in Chile, where crime is low (but increasingly violent), fear is rampant: a U.N. survey published last month reports that 78 percent of Chileans expect to be robbed—and 47 percent of Chilean women expect to be sexually assaulted.

The criminal free-for-all is exacting a heavy toll. Summit organizers say they are focusing on causes, not symptoms; but the crisis in public security itself is warping the region's social and economic development. Last month the Inter-American Development Bank called violent crime "the principal barrier to regional economic development." The IDB estimated that its annual cost is \$168 billion, or 14 percent of the region's GNP. The social and political costs may be even greater. Crime has turned large swaths of Latin America into a Hobbesian world of brutal competition in which normal social constraints are stripped away. With legal systems too weak or corrupt to enforce law and order, Latin Americans are fending for themselves, retreating behind ever-higher walls, forming neighborhood-watch committees or taking the law, often lethally,



into their own hands. It's no wonder there are so many ex-military officers making strong runs for president: Gen. Lino Oviedo (Paraguay), Col. Hugo Chávez (Venezuela), Gen. Harold Bedoya (Colombia). And that's not counting ex-Bolivian dictator Gen. Hugo Bánzer, who recaptured the presidency last summer.

What is fueling the surge in violent crime? Experts point to a cocktail of causes, all of

which have been exposed or exacerbated by the transition to democracy and free-market capitalism. They include the retreat of the paternalistic state, ever-widening income gaps between rich and poor, social dislocation, drug trafficking, the surplus of arms left over from cold-war conflicts and widespread impunity. "The real message is that good macroeconomics is not enough," says Colombian security expert Francisco Thou-



What makes the sense of insecurity so excruciating is that it comes at a time of great promise and hope. Many Latin American cities (except Medellín and Rio de Janeiro, perhaps) have taken pride in being safer than U.S. cities. But now, even as the region moves toward democracy and sustained economic growth, leaving its dark past behind, that claim no longer holds. Crime spares nobody these days. Before, it was mainly the poor who were victimized; now the upper classes and foreigners are easy and lucrative targets. Before, it was mainly the rich who abused power; now everybody can. Lucio Mendoza, president of the Mexican Institute for the Study of Organized Crime, could have been speaking for all of Latin America when he told *NEWSWEEK*: "If there is anything democratic in this country, it is crime."

If you read the news these days, you'd think foreigners were the primary victims of crime in Latin America. Last week leftist Colombian guerrillas were still holding three American bird-watchers and one

Italian tourist who had wandered into the jungle two weeks ago in pursuit of exotic species; one New York ornithologist escaped after two weeks in captivity, and the guerrillas promised to release the others. Some 85 American university students descending by cable car from Rio's famous Corcovado monument last month were robbed at gunpoint by Brazilian thieves. And two recent cases in Mexico have sent chills—and calls for armed chauffeurs and bodyguards—through the expat community. U.S. business executive Peter Zarate was abducted and killed in a Mexico City taxicab last December. And two weeks ago Carol Schlosberg, a 40-year-old former Yale University art instructor, was found raped, beaten and drowned near the beach resort of Puerto Escondido, in Oaxaca state. Suspects were arrested in both cases, but let go for lack of evidence.

Perhaps the most widely publicized at-

tack on foreigners happened in January, when a tour bus carrying 16 students from St. Mary's College in Maryland was held up by highway bandits in rural Guatemala. Five women on the bus were raped. But it wasn't the first such incident. Last September, 28-year-old Californian Heather Dawn and nine other foreigners were hiking in caves near the village of Poptun in northeastern Guatemala—with an armed guard. It wasn't enough to deter a group of rifle-toting men with grenades that had been shadowing them. After trussing and gagging the seven men in the group, the assailants raped Dawn and the three other women. Though traumatized by the attack, Dawn was determined to continue her vacation. But three days later, she was robbed at gunpoint again, this time near the Mayan ruins at Tikal. "I don't take my experience out on the whole country," Dawn told *NEWSWEEK*. "But there are a few people who are destroying things for everyone." Guatemala now has a toll-free number that tour groups can use to get free military escorts. Perhaps even Tourism Minister Roberto Robles could use the service: last year, before taking office, he was kidnapped and held for ransom for five days.

BUT THE VAST MAJORITY OF crime victims are Latin Americans, not foreigners, and most of them are poor. Poverty is not much worse than it's always been in Latin America, and in some places, such as Chile, it has actually been reduced. But the state's social safety net is torn; budget cuts and privatization have trimmed state jobs and services. And most Latin American families find themselves working harder and longer to survive—usually in the chaotic informal economy. In the shantytowns that surround most Latin American cities, the poor live on the margins of society and the law. "It's more than fear; up there people live in terror," says Juan Carlos Rojas, a 22-year-old student from 23 de Enero, a violent barrio on a hill above Caracas. "It isn't that life is cheap. It just doesn't have a price."

But poverty alone is not to blame for Latin America's crime epidemic; it is the peculiar context in which it exists. Latin American society has been atomized to such an extent that family and community—two traditional bastions of social control—have deteriorated. Expectations have also been dashed, especially among migrants who moved to the cities in search of a better life. That frustration is intensified by the fact that the poor live side by side with displays of fantastic wealth. And the gap between rich and poor in Latin America is only getting wider: even in Chile, where a decade of spectacular growth has nourished a middle class, the richest 20

mi. "What's happening now is that the deep problems of Latin American societies are coming to the fore." Like Eastern Europe after the fall of communism, Latin America is seeing a partial meltdown in law and order—only with more lethal consequences. "Democratic capitalism is not a wildflower that flourishes without a state," says Thouni. "If it lands in a predatory society, then opportunities for crime are wide open."

percent of the population now controls more than 60 percent of the national income—among the highest rates in the world, along with Brazil, Guatemala and Mexico. These days, the poor can look down from their shantytowns and see satellite dishes, sports cars, sumptuous homes—and their nervous owners.

The trendiest crime against the rich in Latin America is kidnapping for ransom. The number of kidnappings in the region has doubled over the past two years to well over 6,000, according to private-security analysts. More than half of all kidnapping insurance sold globally goes to Latin America. Abductions in Colombia have become so commonplace—about six per day—that an entire industry of consultants, negotiators and intermediaries has emerged; the government has even named an anti-kidnapping czar. The juiciest targets: oil-company executives. But Colombia is not alone. In Mexico, according to private sources, the number of kidnappings jumped from 150 in 1993 to 580 in 1997—and it continues to rise. And Peru has become a haven for "quickie kidnappings," in which the victim is escorted to an ATM machine and relieved of a few hundred dollars.

The problem is that the perpetrators of these crimes are rarely caught. In nearly every country from Argentina to Mexico, the local police are considered more criminal accomplices than citizen protectors—and the legal system is seen as serving the highest bidder. Such perceptions are not always wrong. In the Mexican state of Morelos, where a rash of abductions occurred last year, the governor's hand-picked anti-kidnapping chief was jailed for allegedly being in cahoots with the abductors. Although it may be a coincidence, since he denies involvement, the kidnappings have virtually ceased since his arrest in January. In Buenos Aires, municipal police officers have been arrested or being involved in everything from drug trafficking to gambling to an insurance-raid scheme. Even if police do nab suspects, the evidence is often too weak—or the influence on judges is too strong—to make the charges stick. In the Zarate murder, for instance, the alleged assailant was released by a judge who called him a modern Robin Hood.

When law enforcement fails to serve and

protect, citizens are naturally tempted to take matters into their own hands. Indeed, wealthy Latin Americans are buying guns and pedigreed attack dogs, hiring private security guards and turning their homes into fortresses. In São Paulo, the number of private security guards has grown to three times the size of the government police force. And in Mexico City, students are flocking to O'Gara Services' self-defense driving classes, even though a two-day course costs \$1,400. Protest groups and neighborhood-watch committees have also sprouted in the wealthier areas.

The responses, however, are not always

The Crime Blotter

Latin America has more violent crime than any other region and a murder rate four times that of the United States. A look at where the epidemic is at its worst:



Car-bomb explosion in El Salvador

El Salvador: It has surpassed Colombia as the world's most murderous country, with an estimated homicide rate of 140 per 100,000 (the U.S. rate is 7.4).

Mexico: A flourishing drug trade has helped fuel a surge in kidnapping and violent crime. Abductions have soared from 150 in 1993 to 580 last year.

Guatemala: Its murder rate ranks close to El Salvador's, highway banditry is rife and an ineffective legal system has led to a surge in revenge lynchings.

Colombia: The kidnapping capital of the world, where abductions have more than doubled since 1995. There were more than 2,000 kidnappings last year.

Brazil: Nearly one quarter of all Brazilians have been held up or assaulted, and Rio's murder rate, though dropping, is five times higher than New York's.

so civil. In many parts of Latin America, the combination of violent crime and the vacuum of authority has spawned a cycle of revenge and retaliation. Landowners in Brazil and Mexico, foreign-oil companies in the Amazon, right-wing zealots in Colombia: all have formed private armies to fend off (real or perceived) threats from squatters, guerrillas or indigenous social movements. Some of the region's poor, shut out of the legal process, have also turned to violence. In Guatemala, a country that recently emerged from a 36-year

civil war, the number of lynchings has continued to rise from 10 in 1994 to 52 in 1997—and 26 in the first quarter of 1998 alone. Two weeks ago in Huejutla, Mexico, townspeople broke into the local jail and killed two men being held for the attempted kidnapping of six girls. The mob was fueled by rumors that the men were about to be freed—and that they wanted to sell the girls' organs. "The problem," says Thouni, "is that you end up privatizing precisely what should never be privatized: police and justice."

So what's to be done? A growing number of Latin Americans are clamoring for the *mano dura* (heavy hand) against crime: stiffer sentences, more troops on the streets, even a return to the old days of authoritarian rule. Several governments (Mexico, Honduras, Guatemala) have called on the military to help impose order, but with only marginal success. Rio de Janeiro and Mexico City have tried, also with limited success, to emulate the community policing that helped stem crime in New York City. Latin America scholars warn that a nostalgia for hard-line rule is dangerous, especially because the causes of the crime epidemic are so deeply structural. "You can't solve this with more cops or more diplomacy," says Thomas Cash, a security expert in the Miami office of Kroll Associates. "You need a system of justice, and people committed to it."

ONE ELDERLY MEXICAN BUSINESSMAN missing part of his ear hopes that day will come. Not long ago, he was driving home from work in Mexico City's exclusive Lomas neighborhood. Suddenly, a red Chevy Suburban filled with armed men swerved in front of his car; he soon found himself blindfolded, stripped and chained by his neck to a toilet in an unknown location. At one point during the eight-day ordeal, one of the kidnappers sliced off part of his ear and sent it to his family. "I remember thinking that now I know what it feels like to be a dog," he told NEWSWEEK. He was released after his family paid a ransom, but he hasn't reported the incident to police—and insists on anonymity—because he suspects they were involved. Since then, he has joined an anti-crime march in Mexico City, shouting "Ya basta!"—"Enough already." And his son forced him to start traveling with two bodyguards and a driver. What about the ear? He's had two operations, but the ear is still misshapen. "It will take a long time to rebuild," he says. The same could be said for public safety in Latin America.

With MARTHA BRANT and FRANC CONTRERAS in Mexico City, GREGORY BEALS in Guatemala City, MAC MARGOLIS in Rio, GREG BROWN in Santiago and PETER HUDSON in Buenos Aires